

José de Alencar

AS MINAS DE PRATA (ROMANCE)

PRIMEIRA PARTE

**Em que se faz conhecimento com dois mancebos de boas prendas.**

Raiava o ano de 1609.

A primeira manhã de janeiro, esfolhando a luz serena pelos horizontes puros e diáfanos, dourava o cabeço dos montes que cingem a linda Bahia do Salvador, e desenhava sobre o matiz de opala e púrpura o soberbo panorama da antiga capital do Brasil.

A cidade nascente apenas, mas louçã e gentil, elevando aos ares as grimpas de suas torres, olhando o mar que se alisava a seus pés como uma alcatifa de veludo, era então, pelo direito da beleza e pela razão da progenitura, a rainha do império selvagem que dormia ainda no seio das virgens florestas.

A natureza preparara no grupo de outeiros apinhados um trono de relva sobre o qual a linda cidade dominava o oceano, sorrindo ao nauta que da extrema do horizonte a saudava com um olhar amigo, para dar-lhe o bom-dia se chegava, e enviar-lhe o último adeus quando se partia.

Despertando com os primeiros raios da alvorada, a população baiana recobrava a atividade depois do repouso. As casas se abriam para receber o ar e a luz da manhã; a pouco e pouco os mil rumores do dia, que são a voz das cidades, iam enchendo o espaço antes ocupado pelo silêncio e pelas trevas.

Os mesteirais e vilãos já percorriam as ruas, não com a calma e regularidade de homens que vão ao trabalho ou ao cumprimento da obrigação diária, mas com a agitação doce e a jovial sofreguidão de quem busca o prazer e corre após uma alegre esperança.

Vestidos com maior apuro do que punham nos trajes domingueiros, homens e mulheres saudavam-se entre si com tal efusão, desejando as boas saídas e estreias de ano; apertavam as mãos com tamanha cordialidade, que percebia-se na disposição geral dos ânimos a doce influência de um motivo qualquer de regozijo público.

Com efeito não era a festa do Ano-Bom a causa única da jovial expansão; outra havia. Aquele dia estava marcado para os festejos com que a Bahia desejava solenizar a

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

chegada do novo Governador-Geral do Estado do Brasil, D. Diogo de Menezes e Siqueira, que depois de haver permanecido um ano na Capitania de Pernambuco para dispor sobre coisas da administração, aportara finalmente à capital no dia 17 de dezembro de 1608.

Não havia exemplo de semelhantes demonstrações em uma cidade onde os governadores e capitães-generais, revestidos de poderes absolutos, eram recebidos com desconfiança, e muitas vezes despedidos com alegria. Mas D. Diogo de Menezes, depois Conde da Ericeira, e um dos abalizados varões que governaram o Estado do Brasil, merecia pelo seu nobre caráter e espírito superior uma demonstração especial da parte dos baianos.

Contudo, essa única circunstância não bastara para excitar na classe rica o desejo de receber o novo governador com festas públicas, se o interesse, primeira lei das ações humanas, não inspirasse o mesmo pensamento como um hábil expediente de política colonial.

Durante o tempo que se demorara em Pernambuco, D. Diogo de Menezes tinha revelado sua força de vontade, e mostrara o firme propósito de repelir a intervenção que o Bispo D. Constantino Barradas e a Companhia de Jesus exerciam anteriormente sobre o governo temporal. A luta se travara com uma questão de etiqueta e precedência, a que dera lugar a procissão do Corpo de Deus celebrada em Olinda.

Justamente nessa época os senhores de engenho, que formavam a classe nobre e rica da Bahia, sustentavam contra os jesuítas a grande questão da servidão dos índios, e compreendiam a vantagem de ter de seu lado um homem como D. Diogo de Menezes, cujo voto autorizado devia pesar nas decisões do Conselho da Índia e no ânimo de El-Rei D. Filipe III.

Por isso, chegado que foi o governador, se concertaram para fazer-lhe uma recepção brilhante. Em quatorze dias estavam concluídos todos os preparativos e aprestos necessários para solenizar com a entrada do ano os benefícios do novo governo.

O programa do festejo primava pela variedade e boa escolha. Depois da missa cantada, seguida de *Te Deum*, havia alardo da gente de guerra e companhias de ordenanças em frente aos paços; à tarde devia correr-se no Terreiro do Colégio uma luzida cavallhada com a qual se dariam jogos, torneios e alcanzias; à noite danças pelas ruas e arcos de luminárias concertados com palmeiras ou festões de flores na Praça do Governador.

Não era preciso tanto para excitar a imaginação viva da mocidade baiana e fazer girar

como corruptos todas as comadres devotas e mexeriqueiras, de que a metrópole brasileira já naquele tempo estava abundantemente provida.

A Bahia não passava então de uma pequena cidade habitada por cerca de mil e quinhentas almas; mas seus vizinhos eram abastados e gostavam do luxo; havia muitos colonos ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavalo e alfaias de casa; alguns tinham o melhor de cinco mil cruzados de renda, e diz Gabriel Soares, “tratavam suas pessoas mui honradamente com muitos cavalos, criados e escravos”.

Esses cabedais que atualmente parecem mesquinhos, eram naquele tempo avultados; a facilidade com que se adquiriam e o gênio natural da população inclinada ao fausto e prodigalidade alimentavam na Bahia e Pernambuco um luxo superior ao de Lisboa, e entretinham o gosto pelas festas e divertimentos.

Não há pois admirar se a Capital do Brasil despertou quinta-feira, 1.º de janeiro de 1609, possuída do alvoroço agradável que produz uma esperança prestes a realizar-se, e precede a satisfação de um desejo afagado de nossa alma.

Às seis horas o sino pequeno da Sé, tangido rapidamente, soltou os alegres repiques, que pelo som argentino parecem as vozes travessas dos anjos do Senhor, chamando os fiéis; os ecos vibrando no ar foram apressar as palpitações de muito coração que os esperava com impaciência.

Quase ao mesmo tempo o carrilhão do Colégio dos Jesuítas retroando pelo espaço acompanhava o canto matutino da torre episcopal; suas notas graves, sombrias e plangentes, unindo-se aos repiques das outras igrejas, formavam o concerto majestoso com que a religião da luz e da verdade saúda o nascimento do dia.

Apenas a primeira badalada do sino repercutiu nos ares e a larga portada da Sé abriu de par em par, o grupo de velhas beatas, que tinham amanhecido no adro da igreja, envoltas em longas mantilhas de rebuço, esgueirou-se pela teia das naves e lá foi tomar lugar no cruzeiro.

Em pouco as lájeas do vasto pavimento se iam cobrindo daquelas trouxas negras ou pardas de seda e burel, que nem longes tinham de vulto humano; da massa enorme elevou-se um sussurro, a princípio imperceptível, e foi crescendo, como se um enxame de vespas esvoaçasse pelo âmbito da igreja.

Nesse momento invadiu o altar uma corporação, que hoje tem perdido muito da sua primitiva importância social, mas que no século XVII representava um papel distinto em todas as carolices e galhofas da época; doze meninos do coro, metidos em sacos de lã

vermelha, espalharam-se pelo corpo da igreja armados do competente acendedor.

Foi um rebuliço: os rapazes travessos, rindo como perdidos, pisavam de propósito os vestidos das velhas devotas, que se conchegavam resmoneando uma ladainha de imprecações; a mocidade imprudente não respeitava a velhice; os ânimos se exacerbavam, o sangue fervia; afinal, esgotado de parte a parte o rosário das injúrias consagradas pelo estilo, os dois campos lançaram mutuamente o último e o mais terrível dos insultos.

Os rapazes soltaram a palavra infamante de *barata*, a que as velhas retorquiram com o epíteto não menos afrontoso de *formigão*: e depois disso, como não havia despique possível de tão grande provocação, a não serem as vias de fato que o respeito do lugar impedia, cada uma das duas hostes inimigas retraiu-se e voltou silenciosamente a suas ocupações.

Era tempo; porque a igreja enchia-se de fiéis, e no adro viam-se já as cadeirinhas e palanquins que traziam à missa as donas e filhas dos ricos senhores da Bahia.

Tinham parado na calçada dois moços, ambos na flor da idade, ambos elegantes e bem parecidos, mas tão dessemelhantes no trajar, como no molde da beleza varonil.

O mais velho, que teria vinte e dois anos, era moreno. A fisionomia franca e aberta, as cores frescas e rosadas, o porte firme e direito sobre uma estatura regular, mostravam compleição vigorosa; mas sua expressão ressumbrava tanta graça, o sorriso que lhe brincava nos lábios era tão faceiro, havia tal donaire nos seus movimentos, que a força muscular desaparecia sob a flor da feliz organização, como a robustez do tronco sob a virente folha.

Vestia gibão de gorgorão cor de pérola guarnecido na orla por delgado fio de ouro com que eram igualmente tecidos os passamanes, e calção de veludo turqui debruado nas costuras por fino cairel de prata. Torçal de seda escarlata suspendia-lhe ao flanco esquerdo o florete; o boné de veludo azul com um broche de rubi cingia os anéis dos cabelos negros; a meia cor de pinhão debuxava a perna bem contornada, e o sapato raso com espora afilada calçava um pé fino e aristocrático.

Naquele tempo em que a profusão de cores vivas e bordados era o toque da louçania, não se encontrara decerto um cavalheiro trajado com mais gentileza e primor; a riqueza apenas se mostrava, para não ofuscar o bom gosto na combinação artística das lindas cores, nem o esmero do corte e piques das roupas.

Também na Bahia não havia mancebo casquilho como Cristóvão de Garcia de Ávila,

senhor de fazenda passante de cinquenta mil cruzados, e descendente de uma das famílias nobres que tinham vindo do Reino com Tomé de Sousa, em 1549.

Nesse momento, voltado para a Praça do Governador, ele enfiava o olhar pela rua que desembocava no Largo da Sé, e pela qual esperava despontasse alguma coisa, que visivelmente o interessava.

O outro moço contava apenas dezenove anos. Trajava tudo negro, de simplicidade extrema, mas de esquisita elegância. Um aljôfar isolado brilhava na touca de veludo preto; as preguiças da mais fina lençaria de alvas deslumbravam; a espora ligeira que mordida o salto do borzeguim e a cruz da espada eram de aço, mas tão bem polido que cintilava como custosas pedrarias.

O cetim negro das vestes dava muito realce à sua bela cabeça erguida com meneio altivo, e à alvura rosada de sua tez. Os grandes olhos pardos tinham os raios profundos e reflexivos que desfere a inteligência nos momentos de repouso; o lábio superior, coberto pelo buço de seda que pungia, arqueava graciosamente com expressão grave; era de alta estatura, e tinha como seu companheiro o talhe esbelto, mão e pé de supremo esmero.

Mas o que especialmente o caracterizava, era uma sombra imperceptível, que às vezes deslizando pela fronte alta e inteligente, carregava ligeiramente as linhas do perfil e imprimia-lhe na fisionomia o cunho da vontade tenaz; nestes momentos sentia-se que a razão calma, firme, inflexível, dominaria, se preciso fosse, as expansões da mocidade.

Os dois cavalheiros continuavam a conversa começada quando se encontraram no adro da igreja.

— Perdes teu tempo, dizia Cristóvão de Ávila sem tirar os olhos do seu alvo predileto.

— Não sei em que melhor o possa empregar do que em praticar com um amigo, respondeu o cavalheiro sorrindo.

— Mal vais com disfarces que dalgo não servem, que de mais descobrir a verdade. Digo que perdes teu tempo, quando teimas que entre tantas damas gentis não haja uma por quem desejes esta tarde tirar uma argolinha, ou correr um passe d'armas.

— E para ti há alguma? perguntou o outro desviando de si a alusão.

— Bem sabes que sim. Não sou de segredos; tão santa coisa é o amor que Deus nos pôs n'alma, que não me peja de trazê-lo no rosto e à face de todos.

— Assim deve ser para quem é nobre e rico, e não teme repulsa; mas outros há que não têm direito de erguer a vista, embora mais alto que ela tragam o coração.

As últimas palavras foram pronunciadas com ligeiro assomo de orgulho ofendido, que imediatamente sufocado esvaeceu em sorriso melancólico.

— À fé que não te compreendo, Estácio. Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti, devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as houvemos nós e nossos pais.

O moço ia replicar, quando uma cadeirinha de cúpula dourada, que vinha das bandas do Terreiro do Colégio, carregada por dois negros vestidos à mourisca, com aljubas de lã escarlate, excitou vivamente sua atenção.

Cristóvão simulou não perceber o estremecimento de prazer que teve seu companheiro, e voltou o rosto sorrindo.

Nem um nem outro reparou em certa dama que nesse instante e acerca deles passava para a igreja, acompanhada por uma velha aia. Estava ela completamente velada com o espesso crepe da mantilha, de modo que era impossível distinguir feições. Vendo o gesto de Estácio, lançou rápido e furtivo olhar para descobrir a causa de sua emoção, e entrou na Sé murmurando consigo:

— É já rendido de amores!

## **II - Como outrora rezavam na missa duas beatinhas baianas.**

Apenas a cadeirinha parou no adro da igreja, as cortinas de damasco verde franjadas abriram-se, e a ponta do escarpim de veludo que escondia um pé de menina pousou de leve na calçada, como a asa de uma gaivota quando roça a flor d'água no voo rápido.

Um homem de meia idade e compleição robusta, que acompanhava a cadeirinha, estendeu o braço para receber a mão afilada e transparente, que apenas tocou o veludo da manga, como se receasse magoar-se ao contato da macia pelúcia.

Logo assomou o vulto delicado de uma moça vestida com o faceiro e gracioso traje das andaluzas; vasquinha de seda azul bastante curta para mostrar a nascente da perna divina, e véu bastante longo para ocultar o rosto e seio, deixando apenas ver a cor de leite e a luz de dois olhos, que brilhavam mais que os diamantes do colar.

O cavalheiro que trajava vestes pretas tirou o gorro e corando inclinou-se, quando a moça passava diante dele para entrar na igreja. Recebeu em troca um olhar rápido e profundo, dos que vêm do íntimo e se desprendem, como chispas d'alma.

— Bem certo é o anexam, que o mal e o bem à face vêm; disse Cristóvão gracejando.

— Nem sempre!

— Segredos são escravos rebeldes, que mais amiúde se tornam senhores; por mais fundos que os tragas, eles sobem à tona quando mal pensas; se lhes cerras os lábios, falam pelos olhos.

— Aos olhos de um amigo.

— De todos. Mais val não os ter; e com isso dou-me às maravilhas.

— Se tivesses de lutar com a fortuna que é inconstante e com os homens que são maus, respondeu o moço gravemente, terias outro falar, Cristóvão.

— Digo-te que não.

— Tu vês o mundo como bom e jovial companheiro, de quem não hás mister ocultar teus sonhos de prazer; aqueles que têm nele um inimigo, esses nunca lhe esconderão demais sua alma.

Nisto, um mancebo que trazia com certo garbo vaidoso as luzidas galas de suas roupas de veludo e seda carmesim, aproximou-se e cortejou risonho os dois mancebos.

— Trajais de negro em dia como estes, Senhor Estácio Correia? disse ele com volubilidade.

— Trago luto por meu pai e por minha mãe, respondeu o cavalheiro com certo vexame.

— Vai para quatro anos que morreu uma, e o outro deixou-vos no berço. Não cuidei que levásseis a piedade tão longe.

— Desavisado fui, Senhor D. Fernando de Ataíde, em não consultar vosso calendário para saber que tempo duraria meu sentimento; quando vier à estampa vossa pragmática, regularéi por ela meu traje. Até lá a cada um seu gosto e modo de viver.

Estácio acompanhou o dito com um sorriso de ironia.

— Pesa-me que vos enfadasse tão inocente reparo; não foi mais que simples curiosidade. Ouvi dizer algures que pretendíeis abraçar a vida eclesiástica e entrar na Companhia de Jesus, razão por que conjecturei que a gravidade do futuro estado vos obrigava já a trazer vestes sombrias.

Uma faísca cintilou no olhar de Estácio; pareceu-lhe que a desculpa de Fernando ocultava um motejo; mas a expressão de bonomia que viu no semblante do moço conteve a palavra provocadora que os lábios iam soltar.

— Enganou-vos quem tal disse, respondeu friamente.

— Oh! Aí chega D. Elvira de Paiva e sua mãe! Já me não admira ver-vos tão apurado, Senhor D. Cristóvão d'Ávila!

Esta exclamação jovial partiu dos lábios de um cavalheiro que se acercara do grupo; era homem que orçava pelos vinte e cinco anos, de mediana estatura e com certo desplante militar no porte arrogante; o rosto, cuja alvura primitiva desaparecera sob os raios do sol tropical que lhe queimara a tez, apresentava fisionomia espanhola, a que dava realce o bigode retorcido e a pera afilada.

O gibão e as calças de tufos eram amarelos golpeados sobre veludo preto; uma capa negra forrada de seda da mesma cor das roupas caía-lhe sobre o ombro esquerdo, mostrando no canto as armas de Portugal bordadas a retrós, o que indicava que o cavalheiro pertencia à milícia; tinha um chapéu de feltro branco, e meias botas de couro alourado com rendas no canhão.

Cristóvão durante a conversa distraíra-se em seguir com os olhos uma liteira que passava pela frente da Santa Casa da Misericórdia; ao ouvir a exclamação voltou-se para o cavalheiro sorrindo:

— Achais que mal empregue meu cuidado, senhor alferes? perguntou o moço com afabilidade.

— Por Deus, que não! Tão formosa dama não pisou ainda esta terra de gentio. Aposto cinquenta cruzados em um lanço de dados, que não me mostram, nem mais airosa, nem mais prendada.

— Esqueceis vossa irmã, D. José! retrucou Fernando de Ataíde.

— Oh! não vos tinha visto, Dom Paladino! exclamou o alferes rindo; mas se com isso vos ofendi, estou pronto a aceitar-vos a requesta.

Dizendo estas palavras, D. José apertou amistosamente a mão de Fernando; e cortejou com um modo frio e soberbo a Estácio. Este empalidecera ouvindo as últimas frases e desviou-se do grupo.

Um quinto mancebo, que trajava também à milícia, batera familiarmente no ombro do alferes.

— Aceito a aposta, contanto que sejais vós mesmo o árbitro, D. José!

— Oh! Padilha!... Por quem parais então, amigo?

— Por uns maganos d'olhos negros que luzem através de certa rótula de sobrado na Rua da Palma!

— Olhem o tafull!...

— Ah! ah!... Então o nosso alferes também adora as sotas de carne e osso! exclamou Cristóvão rindo.

— Caluda, senhores! acudiu D. José com um sério-cômico; isto por enquanto está em segredo. Não espantemos a caça, que é arisca!

E os mancebos a rir, como se ri nessa idade feliz.

A liteira tinha parado; vinham nela duas senhoras.

Uma teria quarenta anos de idade; bela ruína em que o tempo, deixando impressa a sua passagem, respeitara a obra primitiva da natureza. Os cabelos haviam embranquecido, a tez perdera os toques rosados e murchara ao fogo do sangue que a escaldava outrora; o frescor dos traços desaparecera com o sopro ardente dos prazeres; mas aquele busto descorado debuxava ainda sob a máscara da velhice prematura as formas de um belo tipo da raça hebraica – Judite ou Madalena.

A boca, embora crestada na flor dos lábios, dizia quanta paixão e quanto amor devia ter ela desfolhado nas carícias lascivas, nos sorrisos sedutores e nas palavras ardentes, que semeara pelo caminho da vida; o seio branco, como o mármore de um túmulo, frio como ele, servia de urna às cinzas do coração que outrora o fizera arfar com os ímpetos de desejos irresistíveis; os olhos, esses brilhavam como nos dias da juventude, e pareciam o clarão da chama interna que consumira lentamente a seiva daquele corpo, como o óleo de uma lâmpada.

Ao seu aspecto adivinhava-se que essa mulher devia ter amado muito na sua vida e abandonado ao prazer uma alma ardente e insaciável. Agora, que a beleza fugira e os sentidos se acalmavam, tinha ela necessidade ainda de algum sentimento profundo e veemente que desse expansão às energias da natureza criada para a paixão.

Esse sentimento era a religião; todas as faculdades que outrora o amor absorvera, voltavam-se para a nova preocupação, e se entregavam a ela com igual ardor e afã: a mulher apaixonada e voluptuosa transformara-se na devota fanática; em face de Deus, como diante dos homens, foi sempre a mesma: foi o verbo das almas cujo destino na terra se resume em uma só palavra – amar – sublime encarnação do anjo feito mulher.

A moça que a acompanhava era sua imagem, mas perfumada pela mocidade, iluminada

pelos raios da vida que desponta, colorida pelos reflexos de sangue tépido e puro que circula sob a cútis transparente, animada pela doce confiança que naquela idade abre os límpidos horizontes da existência e solta o voo à imaginação ávida.

O mesmo fogo da paixão, a mesma voluptuosidade do prazer, que deixara uma sombra de suas erupções no rosto envelhecido da mãe, brilhava nos olhos pretos e fúlgidos, no sorriso lânguido e no requebro gracioso da filha; mas a inocência e pureza d'alma vendavam ainda essas irradiações com a expressão modesta e ingênua, que as tornava mais perigosas.

D. Luísa de Paiva e sua filha desceram do palanquim, e recebendo as saudações dos cavalheiros que estavam parados no adro, dirigiram-se à capela-mor onde já estavam as almofadas de veludo roxo, que então as damas faziam conduzir à igreja por pajens escravos.

Chegada à porta que abria da sacristia para a capela, Elvira lançou um olhar em volta do pavimento já quase inteiramente ocupado pelas damas, e viu a sua almofada colocada no centro ao pé de uma menina que tinha o véu descido, a mesma que poucos antes tanto havia excitado a atenção de Estácio Correia.

Imediatamente a moça, roçagando a vasquinha curta, deu um passo para tomar o seu lugar.

— Fiquemos ali, disse D. Luísa mostrando o estrado.

— Tenho a minha almofada perto de Inesita, respondeu Elvira voltando-se.

— Bem; não te esqueças!...

— Oh! não; tenho-a de cor, disse a moça com um sorriso malicioso.

E atravessando por entre as outras damas, foi ajoelhar-se ao lado de Inesita, que embebida na sua oração tinha os olhos baixos e as pálpebras descidas.

— Por quem roga a minha santinha com tanta devoção? perguntou Elvira baixinho.

A menina sobressaltando-se corou através do véu; depois sorriu à sua amiga.

— Vieste tão tarde! disse ela em tom de queixa.

— É que não tinha alguém que me esperasse com seu olhar todo melancólico.

— Cala-te; estão nos olhando, balbuciou a moça.

— Se nos olham, menina, é que nos querem, respondeu a amiga sorrindo.

Estácio e Cristóvão tinham entrado pouco havia; colocados junto à grade que dividia a capela do corpo da igreja, não perdiam nenhum dos movimentos das duas meninas.

— Tua mãe?... perguntou Inesita.

— Não a vêes na frente, bem próxima ao altar? Dela não há susto, continuou a moça gracejando; enquanto não desfiar a última conta do rosário e não recitar todas as orações do livro dominical, não dá por coisa alguma.

— Pois desce o véu, não te voltes, e podemos conversar enquanto não principia a missa; pensarão, vendo-nos falar, que dizemos nossas rezas.

— Sonsinha que és!... exclamou Elvira com um sorriso. Não queres que me volte para não ver onde vão presos esses olhos.

— Vão a Deus.

— A Deus no céu, e a ele na terra.

— Minha tentação, queres sossegar?

— Não me deixeis cair em tentação!... continuou Elvira com ar de malícia e fingindo que orava.

— Com as palavras sagradas não se brinca!... É pecado! disse Inesita séria.

— A quem o dizes? A mim que sei todas as rezas! Minha mãe tem tido o cuidado de me ensinar; ainda hoje, sabes a penitência que me deu? De recitar uma ladainha maior do que a Rua dos Mercadores!

— E foi isto que te demorou?

— Não, Inesita, respondeu a moça perdendo de repente o seu ar faceiro e entristecendo, foi coisa pior... Oh! muito pior!

— O quê?

— Chorei toda a noite.

— Ele te...

— Ele não, mas por causa dele. Minha mãe não quer ir hoje à festa.

Inesita teve um triste sobressalto, e emudeceu buscando no espírito um meio de amparar a amiga:

— Se pedir-lhe eu?

— É escusado; quando lhe metem alguma coisa de religião na cabeça, não há volta;

disseram-lhe que não está bem a uma dama devota ver folguedos do mundo.

— E tu perdes tão lindas coisas?

— Hão de estar galantes as corridas, não é verdade? Depois me contarás?

— Sem faltar nada. Mas ninguém dirá, ao ver-te tão prazenteira, que hajas chorado toda a noite.

— Que queres? Quando cheguei esqueci tudo, para só me lembrar que estava perto de ti.

— De ti!... disse Inesita inclinando imperceptivelmente a cabeça para o lado da grade, sem contudo erguer os olhos.

Elvira reparou no movimento da amiga e quis tirar sua desforra.

— Bem sei, respondeu ela travessamente, que estar perto de uma é estar perto do outro; a sombra acompanha o corpo.

— Vamos rezar, menina, acudiu Inesita meio enfadada.

— Vamos. Sabes tu as *Obras de Misericórdia*?

— Que pergunta!

— Não as sabes, não; porque elas mandam consolar os aflitos; e ali está uma alma penando por tua causa à espera de um só olhar teu.

Inesita corou inclinando ainda mais a fronte; porém os cílios de seda, que roçavam as faces, se ergueram e cerraram logo, deixando coar um olhar doce e aveludado, que foi tremulando embeber-se no rosto de Estácio.

— Agora sim cumpriste tua devoção!

— Elvira!... Cuidas que também eu não reparo no que fazes?

As duas meninas continuaram o alegre colóquio, cujo matiz gracioso não se pode desenhar; porque há gestos feiticeiros e inflexões harmoniosas, que só os lábios e a gentileza de uma mulher sabem dar às palavras mais simples.

Naquele tempo, como hoje, como sempre, duas moças amigas que se encontravam, tinham tanto que dizer entre si, e estavam tão cheias de segredos e confidências, que o lábio rosado não emudecia, enquanto não destilava todo o mel que havia nos favos delicados do coração, toda a fragrância que respiravam as rosas d'alma em botão.

A mulher é sempre mulher; mudam os usos, as modas, os costumes e as línguas; mudam os tempos e com eles nós os homens, porém o anjo frágil e delicado que Deus prendeu à

terra é a fênix moral, que renovando-se em todos os séculos e em todas as eras, remoça a humanidade, e a purifica.

Assim, quem ouvisse aquelas duas beatinhas dos começos do século dezessete, conversando tão travessa e profanamente sob a aparência do mais profundo recolhimento, esquecendo o traje e o lugar, julgaria escutar as falas de duas moças dos nossos dias, trocando no seu jardim as confidências de uma véspera de baile.

D. Luísa às vezes lançava à filha uma vista rápida e severa, que retirava satisfeita para fitá-la de novo no resplendor das imagens; de feito Elvira e Inesita com o véu baixo, as mãos cruzadas, as frentes inclinadas e os lábios a moverem frouxamente, tinham um tal ar de compunção, que ninguém suspeitaria o mais leve pecadilho sob aquele beático recolhimento.

Entretanto elas ainda falavam de mil coisas; não tinham dito nem metade da mútua confissão.

### **III - Em que mestre Bartolomeu revela seus dotes para a solfa cantada.**

A igreja estava apinhada.

A nave sepultada em meia obscuridade servia de moldura ao retábulo da capela, a qual cintilava com a luz dos círios e os reflexos metálicos das alfaias e galas que cobriam os altares.

No centro da esfera luminosa, nublada pela fumaça do incenso, que exalava da caçoula de prata lentamente embaçada pelo turiferário, destacava a cruz negra do martírio, de onde a imagem do Cristo dominava a multidão curvada e respeitosa.

Eram sete horas e meia quando soaram os atabales do terço postado no largo.

Chegava o Governador D. Diogo de Menezes, conduzido debaixo de pálio pelos juizes e vereadores do conselho, e acompanhado por D. Diogo de Campos, sargento-mor do Estado do Brasil, pelo Alcaide-Mor da Bahia, Álvaro de Carvalho, provedor da fazenda, o Desembargador Baltasar Ferraz, ouvidor, escrivão dos contos e mais gente do serviço de El-Rei.

O cabido saiu fora a recebê-lo com as etiquetas do formulário, e o conduziu ao setial colocado do lado do evangelho; no mesmo plano estava o assento forrado de damasco branco dos oficiais da Câmara; vinham depois o ouvidor, alcaide, provedor e os outros

ministros.

Do outro lado via-se a poltrona episcopal, vaga pela ausência de D. Constantino Barradas, que se achava de visita na Capitania de Pernambuco; seguiam-se as dignidades da Sé e o coro dos cônegos; no fim havia um banco de veludo roxo que devia ser ocupado pelo provincial dos jesuítas à direita do dom abade de São Bento e do custódio dos franciscanos.

D. Diogo de Menezes era um verdadeiro fidalgo no porte senhoril como no caráter egrégio; achava-se então no vigor da idade, no período de transição dos quarenta para os cinquenta anos, em que então os homens daquela têmpera chegavam ao perfeito desenvolvimento de sua organização, e adquiriam a robusta virilidade, que ilustrou a história de tantos feitos brilhantes.

O grave parecer esclarecido por um espírito superior era o documento do passado honroso e o prenúncio da carreira ilustre que ainda tinha a percorrer; a severidade não excluía a afabilidade das maneiras e a polidez do trato, que caracterizavam o fino cavalheiro.

Homem de governo, escravo do dever, para quem a lei era religião, e a honra culto; conhecia-se contudo que ele compreendia, e talvez mesmo sentisse ainda, o entusiasmo heroico e cavalheiresco, que iluminara as lendas e os romances da Média Idade, e já então apenas lançava os frouxos clarões da luz que bruxuleia ao extinguir-se.

Apenas o governador, fazendo uma cortesia geral, sentou-se na cadeira alcatifada, ouviu-se o temperado de garganta sonoro e clássico do mestre de capela, que do alto de seu trono regia a orquestra; quase imediatamente a larga tira de papel pautado, tangida pelo braço robusto, assentou no respaldo da grade do coro a palmada estridente e simbólica.

Era o sinal para começar a missa cantada; primeira pancada de compasso que abria o solfejo de velho in-fólio colocado sobre uma estante.

O mestre de capela, cheio de sua importância, meneava aquela tira de papel pautada com a galhardia de um general brandindo a espada vitoriosa em frente ao seu exército no momento da batalha.

Os meninos do coro tomaram seu lugar; uma exígua figura, coberta de longa capa de raso preto, saiu do esvão da torre, e dirigiu-se lenta e compassadamente para o teclado do órgão, sobre o qual estava aberto um grosso alfarrábio das solfas do P. Manuel Mendes.

A cor lívida, os olhos profundos e cingidos de uma orla de bistre, as faces encovadas, davam àquele semblante um aspecto triste e lúgubre; os cabelos grisalhos e revoltos caíam sobre a testa vasta e proeminente; o hábito do estudo lhe acurvara o corpo emagrecido, diminuindo aparentemente a estatura raquítica, que pouco excedia de cinco palmos craveiros.

Tal era o licenciado Vaz Caminha, o mais sábio letrado da cidade do Salvador, que apesar de suas elucubrações forenses e da gravidade do ofício, fazia ao mestre de capela a mercê de tocar órgão na Sé, por ocasião de grandes festividades, mediante a espórtula de um tostão em prata e o jantar na mesa do senhor bispo, quando este se achava na Bahia.

O discípulo de Bártolo e Scoto endireitou a tripeça, sentou-se traçando as perninhas em forma de cruz grega, e apoiando o queixo sobre o polegar da mão esquerda, sestro que lhe era familiar, esperou o segundo sinal.

— Sua senhoria acaba de chegar, disse o mestre de capela. Podemos dar começo, se vos praz, senhor licenciado.

— Por mim não se espere, mestre Bartolomeu.

— Atenção! exclamou o chefe da orquestra, voltando-se para os meninos do coro. Atacar o *ut* com presteza, *subito*, compasso quaternário.

E erguendo a braço hercúleo, e volvendo uma última vista em torno, assentou com o rolo de música um segundo estalo, que foi o prelúdio da mais tremenda algazarra jamais ouvida em templo cristão.

Os gritos agudos e esganiçados dos meninos do coro, impelidos com toda a força dos pulmões feriam o ouvido como o estrídulo metálico do canto da uiraponga; no meio do alarido troava, mugia, a voz de baixo profundo do mestre Bartolomeu, que com uma só nota enchia o vasto âmbito da catedral.

O monstruoso concerto durou cinco minutos em formidável *crescendo*; baixando afinal de tono em tono, reboando pelas altas abóbadas, expirou como o trovão que rola ao longe pelas nuvens, ou o oceano encapelado quando geme sob a refega do vento.

No entanto o licenciado Pero de Campos, deão, que oficiava na ausência do bispo, revestido dos guisamentos sacerdotais, subia ao altar acompanhado dos dois acólitos; e o cantochão desafinado dos cônegos respondeu dignamente ao desafio musical da orquestra.

O mestre de capela, à guisa de alguns cantores modernos desempenhava ao mesmo tempo dois papéis, o de baixo e o de contralto; cerrando pois as largas queixadas, expeliu pelo nariz uma voz de tiple, fanhosa e esguichada, que meteria inveja ao mais alentado eunuco da Capela Sistina; era um *allegro* predileto do grande solfista.

Assim, apenas terminou, ainda com as bochechas insufladas e o suor a correr-lhe pela tonta, voltou-se para Vaz Caminha que feria as teclas com a mesma gravidade que teria, se estivesse consultando um texto do *Corpus Juris* ou arrazoando um agravo para a Casa da Suplicação.

— Que dizeis deste solo, senhor licenciado? É solfa deste vosso servo.

— *Optime!* respondeu o letrado cortesmente.

Era a vigésima vez que o bom do Bartolomeu cantava aquele trecho e terminava pela pergunta referida, à qual o advogado com a regularidade dos homens sisudos e pensadores respondia pelo mesmo advérbio.

A ponto que isto passava no coro, e a missa cantada prosseguia, muitos sentimentos diversos e bem estranhos à cerimônia sagrada agitavam os atores principais da cena.

D. Diogo de Menezes vendo a cadeira do provincial dos jesuítas vaga, sorrira de um modo significativo; compreendera que a ausência não motivada, no dia em que celebravam a sua chegada, era um primeiro manifesto de guerra que lhe lançavam os aliados do Bispo D. Constantino.

Embora fosse toda mental e íntima a reflexão, o fidalgo ergueu a cabeça com expressão de energia, como se aceitasse o desafio e se preparasse para a luta; depois lembrando-se onde estava inclinou diante de Deus a fronte que trazia sempre alta em face dos homens.

Mais longe, as duas meninas, logo que começara o sacrifício, haviam cessado a conversa e emudecido no santo respeito que lhes inspirava o sublime mistério da religião cristã; mas o espírito de Elvira, rebelde e tenaz, voltava às suas preocupações, apesar de todos os esforços que ela fazia para afastá-lo de tais ideias e trazê-lo à oração que os lábios balbuciavam automaticamente.

A donzela lembrava-se das festas que deviam ter lugar à tarde, festas que a haviam feito sonhar tantas horas, e iam passar enfim sem que as gozasse; sua fantasia revoava por todas aquelas imagens brilhantes e esquecia a realidade para viver ainda alguns instantes de esperança; mas a ilusão desvanecia-se breve e tornava ainda mais pungente a

decepção.

Às vezes em sua cólera infantil, a inocente fazia protestos de querer mal à sua mãe por causa da crueldade com que a condenava à solidão no momento em que todos haviam folgar e rir; eram ímpetos passageiros, como as faúlhas que saltam das chamas e se apagam no ar.

Por fim acabava pedindo à Virgem perdão para o mau pensamento que tivera; e resignada à sua desventura, enfiava por entre o véu um olhar longo e apaixonado, que penetrava até o coração de Cristóvão, e voltava de lá mais sereno e consolado.

Inesita, essa estava inteiramente absorvida pela oração; o espírito de Deus a dominava; e só de espaço em espaço, nos momentos em que a alma saindo da meditação lembra-se que tem um corpo, a tímida menina sentia-se viver pela recordação do lugar onde estava e da proximidade de Estácio; então sem ver, adivinhava que o olhar do moço a envolvia em um raio de amor, e estremecia com a sensação de gozo inexprimível.

Mas o que ela não podia adivinhar era a angústia que confrangia a alma do moço, ajoelhado junto à grade e tão pálido, que o oval de seu rosto iluminado por uma réstia de sol, destacava entre as roupas negras como um relevo de alabastro em medalha de ébano.

Estácio descobrira a alguns passos D. Fernando de Ataíde, que não tirava os olhos da menina; bastou para que uma suspeita cruel entrasse em sua alma; lembrou-se que talvez o olhar de Inesita fosse dirigido a seu rival, e desejou até que ela não erguesse mais a vista, nem se voltasse de seu lado.

O moço era pobre e modesto; aqueles que como ele amaram um dia, compreenderão o martírio que sentiu pensando que D. Fernando de Ataíde, nobre e rico, podia depor aos pés de sua amada um belo nome e soberbas prendas, enquanto que ele apenas tinha um coração leal a oferecer.

A dama desconhecida e velada não tirava os olhos de Estácio, senão para volvê-los a Inesita. Por vezes inclinara-se para a gorducha de sua companheira, como se lhe quisesse falar e disfarçava; até que afinal a palavra retida escapou-lhe dos lábios:

— Sabeis, Brásia, quem seja aquele cavalheiro que agora ajoelha perto à grade, bem em frente a nós?...

— Vejo dois, D. Marina, tão gentil um como outro! De qual falais?

— Do que traja negro.

— Não sei, não, dona; mas não faltará quem o saiba.

— Pois indagai, e onde mora.

A velha estabeleceu logo um cochicho que percorreu toda a longa fila de beatas estendida pela nave da catedral.

A festa prosseguia, o coro e o cantochão continuavam alternando, quando foi ouvido na porta da igreja um ligeiro rumor causado por muitas pessoas, que voltavam o rosto para ver alguma coisa que estava passando fora.

O objeto que tanto excitava a curiosidade, a ponto de distrair assim a atenção do ofício divino, era um navio de alto porte que encoberto pelas sombras da noite se avizinhara de terra, e aos raios do sol nascente aparecia à entrada do porto com as velas enfunadas pela fresca viração da manhã.

D. Diogo acenou ao capitão de sua guarda:

— Manuel de Melo, inquiri da razão deste rumor! disse-lhe à puridade.

Nesse tempo ainda não se tinha desmoronado o tabuleiro que ficava em frente da Sé, a pique da montanha, com uma vista soberba para o mar; por isso daquela posição distinguia-se já perfeitamente o navio que velejava demandando o porto, e o casco, e a mastreação, e a bandeira espanhola a flutuar na popa. A não escassear o vento, era natural que em menos de duas horas estivesse fundeado.

A notícia transmitiu-se rapidamente. Há uma espécie de corrente elétrica nas grandes massas de povo; dois minutos depois de ouvir-se o rumor na porta da igreja ninguém já ignorava a grande nova.

— É uma fragata espanhola, ao que parece procedente do reino, que entra a barra, informou ao governador o capitão da guarda.

Este fato que hoje não tem muita importância pela sua frequência, naquele tempo de raras e difíceis comunicações entre o Brasil e a metrópole, era um acontecimento do maior interesse. Para os governadores e empregados no serviço real queria dizer a solução de altas questões da administração do novo Estado; para o povo exprimia talvez o deferimento aos pedidos das Câmaras sobre redução de impostos, extinção dos estancos e servidão dos índios; para os mercadores de grosso trato significava o recebimento de cabedais ou de gêneros de tráfico; para os particulares era o provimento da mercê que haviam requerido, ou a reforma da sentença de que tinham agravado; para as mulheres, além da parte que tomavam no que dizia respeito a seus pais, irmãos e

maridos, havia a curiosidade, sentimento poderoso em todas as filhas de Eva.

Já se vê pois, que desde o Governador D. Diogo de Menezes até a última das beatas escondida em algum canto, todas as pessoas, que se achavam na igreja, desejaram intimamente ver acabada a missa; os cônegos acordando salmeavam o cantochão como se cantassem um solau; o licenciado apressara o compasso; o deão saltara por engano uma página do missal; as velhas correram duas contas por cada padre-nosso.

No meio da geral preocupação só ficaram estranhos, Elvira e Inesita, que continuavam as suas orações; Cristóvão, Estácio e Fernando, para os quais o mundo se resumia nas duas meninas; D. Luísa de Paiva, imóvel em seu êxtase religioso; finalmente o mestre de capela, que apesar dos cônegos, do salto da página, do toque do órgão, apesar de tudo, solfejava um andante com imperturbável sangue-frio, sem engolir uma nota ou falhar uma pausa.

#### **IV - Em que vem à lume um papel velho.**

A cerimônia religiosa terminou por volta de nove horas.

Em pouco tempo a multidão deixou a igreja quase solitária e foi apinhar-se à beira do terreiro, para ver a fragata que distava do porto cerca de um tiro de canhão.

Elvira e sua amiga dirigiram-se à pia de mármore branco colocada à porta, como de costume; a alguma distância seguiam D. Luísa de Paiva conversando com o pai de Inesita. Era este, D. Francisco de Aguilar, nobre castelhano, senhor do engenho de Paripe, homem principal, como se dizia naquele tempo.

Alto, robusto, ainda verde e bem conservado, D. Francisco era o verdadeiro tipo do *hidalgo* andaluz. Orgulhoso de seu sangue, de sua pátria e de seus cabedais, altivo no trato dos que julgava inferiores, seco nas maneiras, tinha contudo a verdadeira nobreza, que a educação e o hábito podem apurar, mas não é o privilégio dos brasões, pois a dá o coração; sabia ser grande e generoso quando os prejuízos de fidalguia não se opunham aos impulsos de sua alma.

Elvira e Inesita apressando o passo chegaram à pia, onde os dois amigos já as esperavam; mas D. Fernando aproximara-se no mesmo momento, e tomando água na palma ofereceu-a cortesmente às duas meninas.

Inesita hesitou; tímida como era, não teve ânimo de recusar; embebendo a pontinha dos

dedos alvos e delicados, ia levá-los à frente, quando viu o olhar de Estácio; a pobre menina estremeceu e sem saber o que fazia, deixou cair o braço desfalecido.

Quanto a Elvira, mais animosa, voltou-se para Cristóvão. O cavalheiro encorajando-se com esse movimento adiantou-se, e apresentou-lhe a mão onde brincavam algumas gotas d'água; depois de benzer-se, a menina umedeceu de novo os dedos e com um movimento rápido lançou de longe um borrifo na frente do mancebo.

— Para que sejais esta tarde bem feliz, disse ela enrubescendo.

— Basta que desejeis para que o seja, respondeu o mancebo não se contendo de alegria e felicidade. Que o vosso olhar me acompanhe...

— O olhar, não, que é impossível; o pensamento, sim, respondeu Elvira com uma expressão melancólica.

— Por quê? Lá não estareis? perguntou o moço em sobressalto.

— Não; minha mãe...

A aproximação de D. Luísa e Aguilár cortou a conversa; as duas meninas saíram da igreja, Elvira satisfeita porque ao menos consolara Cristóvão de sua ausência; Inesita zangada consigo mesma porque não tivera coragem de recusar o oferecimento de Fernando, e com Estácio, porque depois do seu movimento em vez de apresentar-lhe a mão voltara-se triste e desaparecera; de modo que ela foi obrigada, para benzer-se, a molhar os dedos na pia.

Quanto a Ataíde, como todos os homens que têm plena confiança em sua riqueza, não percebera nem a indecisão da menina e o movimento que produziu o olhar de Estácio, nem o disfarce com que Inesita molhara de novo os dedos na pia. Radiante sob o gibão de veludo carmesim acompanhou o fidalgo castelhano.

No adro e por ocasião de despedir-se, Inesita voltou-se para D. Francisco:

— Meu pai, instai com D. Luísa para que leve esta tarde Elvira às festas do Terreiro do Colégio.

— Vosso pedido tem mais valia do que o meu, mas se o quereis...

— Impossível, Senhor D. Francisco. Fiz voto de não assistir a festas profanas; e quebrar um voto, disse-me o Padre Luís Figueira, é incorrer em excomunhão *latae sententiae*.

O castelhano, ouvindo o texto, voltou-se para trocar um sorriso com Fernando.

— Mas, acudiu Inesita, Elvira que não fez voto podia ir comigo!

— Não lhe está bem aparecer em lugares de folia sem sua mãe, menina. É prova de descomedimento, que não assenta em donzela recatada.

O tom severo destas palavras, mais de repreensão que de resposta, desconcertou Inesita, que não soube o que replicar; despediu-se de sua amiga, e entrou na cadeirinha lançando um olhar a furto em busca de Estácio.

Este depois que desaparecera, tomando pelo corredor lateral, encostara-se à portada de onde observara toda a cena anterior, e seguira com os olhos a cadeirinha, cujas cortinas ao longe lhe pareciam entreabertas por uma mãozinha mimosa.

Era o tempo que o palanquim de D. Luísa sumia-se também, e Cristóvão saía da igreja. Estácio foi-lhe ao encontro.

— Julgava-te longe, disse Cristóvão; vi-te sair pouco há.

— Mas não tive a força de ir-me, embora fosse o melhor, respondeu o moço com um sorriso triste.

— Que te aconteceu?

— Nada. Dize-me: tens desejo de primar esta tarde sobre todos, para merecer o olhar dela, não é verdade?

— Acertaste, menos em um ponto, Estácio; desejo vencer nos torneios e jogos porque ela lá não estará, e assim farei que não tenham outras, o que só merece a mais bela.

— E contas ganhar todos os preços? perguntou Estácio com intenção.

— Todos os que não quiseres para ti.

— Por que não os outros?

— Porque nem quero medir-me contigo, nem que o quisesse, o poderia com vantagem.

— Não digas tal!

— Não o diria a outro, ainda que sentisse a sua espada na gorja; digo-o a ti com a mão no coração.

— Pois ouve, acudiu Estácio; também a mim repugna-me roubar um prêmio que te pode pertencer; toma-os todos, mas cede-me uma só coisa.

— Qual, Estácio?

— Cede-me teu lugar na primeira corrida.

— Meu lugar!... Mas diriam que tive medo!

— Não receies tal; a confusão da partida impedirá ver; demais não lucras na troca. D. José de Aguiar é dos mais aguerridos campeões que entrarão em liça.

— Ah! compreendo; não te queres bater com o irmão de D. Inês!

— É um dos motivos; o outro saberás depois.

— Pois está dito; mas por isso não te deixes vencer por minha causa. Lembra-te que também te olham. Adeus; vou-me com pressa.

— Em pouco irei ter contigo.

Os dois moços apertaram-se as mãos; e separaram-se tomando direção oposta.

Terna e sincera amizade os ligava. O modo singular porque nascera essa afeição anunciou logo a têmpera daquelas duas almas, ainda não batidas na incude do mundo.

Costumavam os filhos das principais famílias, quando por tarde saíam a passeio acompanhados de seus aios, reunirem-se na Praça do Governador onde estava assentada uma bateria a pique da Ribeira. Aí entretinham-se em galhofas e folguedos próprios da infância.

Uma vez acertou Estácio de passar por ali tornando da casa de Vaz Caminha, onde tinha escola de pueris. Um gibão rapado, de mangas tão justas que o crucificavam, barrete que de machucado já tinha virado carapuça, e calções com remendos davam ao rapazinho um aspecto realmente grotesco. Os meninos o receberam com tremenda algazarra que o acompanhou até sumir-se do lado oposto.

Percebendo que a mofa era com ele, Estácio parou e voltou face aos rapazes, afrontando-os com o olhar e gesto. Desde então o discípulo e afilhado de Vaz Caminha teve para si, que fora cobardia escolher outro caminho. Todas as tardes ali passava, embora para isso fizesse uma volta. Os meninos o atropelavam como da primeira vez com vaias e apupos. Ele passava impávido e calmo, empertigando-se em sua pobreza e desafiando-os a todos.

Cristóvão que era da roda, soube afinal quem fosse o tal rapazito; e uma tarde quando ele passava, deixou muito zangado os companheiros e botou-se de carreira ao filho de Robério Dias.

Esperou-o a pé firme Estácio, julgando que o outro vinha brigar. Deitando ao chão um maço de cadernos, arregaçou as mangas.

— Não venho para brigarmos, senão para nos conhecermos, pois somos parentes! disse Cristóvão sorrindo e com um modo afável.

Passada a primeira surpresa de ver aquela fala e modo em um menino tão bem trajado e que parecia de família rica e principal, o escolar respondeu altivo:

— Não tenho parentes mais que uma tia!

— Pois não sois filho de Robério Dias?

— Que vos importa isso?...

— Eu sou filho de Garcia de Ávila!

— Não vos conheço!...

— Que val, se temos o mesmo sangue! Perguntai a vossa tia.

— É escusado!... Sei eu que não tenho parentesco com gente de vossa qualidade; sou pobre!...

Dizendo essa palavra com orgulhosa arrogância, o escolar foi seu caminho sem mais palavras. Nos dias seguintes, por espaço de duas semanas, todas as tardes Cristóvão fazia parar Estácio para convencê-lo do seu mútuo parentesco, e a todas as instâncias respondia este com uma orgulhosa esquivança. Não se enganava Cristóvão. Seu terceiro avô, Garcia de Ávila, também terceiro de nome, tivera uma filha natural, Isabel Garcia, casada em segundas núpcias com Diogo Dias, neto do Caramuru e segundo avô de Estácio; donde vinha entrelaçamento de afinidade entre as duas famílias.

Uma tarde, Cristóvão perdeu a paciência, e disse para Estácio:

— Ou me reconheceis por vosso parente ou brigo convosco.

— Briguemos; é melhor.

Atracaram-se ali mesmo; mas o aio de Cristóvão correu a separá-los, e o fez maltratando Estácio. O menino afastou-se indignado.

— Eu te castigarei, maroto!

Cristóvão irado arrancou a vergasta que o aio trazia e com ela o fustigou.

No dia seguinte muito cedo esperava por Estácio à porta de Vaz Caminha para lhe comunicar que o criado fora expulso de seu serviço e de sua casa. Desde essa manhã ficaram camaradas; os anos vieram fazê-los amigos e afinal irmãos.

Tornemos à Sé.

Estácio seguiu para as bandas de Santo Antônio. A alguns passos encontrou Vaz Caminha, que atravessava gravemente o largo com a cabeça baixa, e entregue a funda

meditação.

Logo que terminara a missa, o licenciado recebera do mestre de capela a competente moeda de prata; mergulhando-a na comprida bolsa presa ao ilhós do calção, esgueirou-se pela escadinha do coro, e foi acompanhando a chusma de curiosos ver o navio que entrava na barra.

Depois de alguns minutos de observação, conhecendo que em menos de uma hora não se poderia haver notícias do reino, resolveu ir confortar o estômago, e nesta intenção louvável dirigia-se ao modesto tugúrio, quando foi encontrado por Estácio.

— Bom-dia, mestre, disse o moço quando o velhinho passava. Tão embebido ides em vossas reflexões, que não vedes os amigos?

O licenciado ergueu a cabeça de chofre, e os olhos pequeninos pestanejaram com vivacidade jovial.

— Bem aparecido, pequeno! Há bons quatro dias que não vos ponho olhos. Bem diz o ditado: “que para os moços são as festas e para os velhos as crestas”.

— Me levais a mal, que tome parte nos brincos e jogos de cavaleiros?

— Ao contrário, filho. Lograi a vossa mocidade, que perto vem o tempo dos cuidados; e bem aziago é quando não se tem nos maus dias uma boa lembrança para consolar o espírito.

— Acho-vos hoje mais triste que de costume, mestre; alguma coisa vos amofina?

— É próprio da velhice; quando a idade é muita e a saúde pouca, sobram os enfados e mínguas as esperanças. Mas não semeemos flores em cinzas, que não brotam; dissei-me antes, se estais contente e satisfeito, se contaís que ninguém vos dispute hoje na galhardia e boas manhas?

— Farei o que em mim estiver; e ajudando Deus, espero dar-vos algum prazer.

— E as roupas estão ao vosso agrado? Ajustam-vos bem? São de fino estofado? perguntou o velho com terna solícitude.

— Ricas não podem ser, bem o sabeis; mas também não desmerecem em um cavalheiro: talhou-as o melhor algibebe da cidade, mestre Cosme.

— Ainda bem; dais-me com isso mais gosto do que pensais; porém – acrescentou o licenciado fitando o olhar no semblante do moço – alguma coisa ainda vos resta que me dizer?

— O que, mestre?

— Aquelas galas devem ter sido bem apreçadas, e do pouco que possuo sempre há para vos não deixar à mercê de fanqueiros e algibebes.

Estácio apertou com efusão a mão seca e mirrada do velho, cuja oferta tão delicada como generosa lhe tocara o coração.

— Obrigado, mestre; lembrestes que de feito me faltava referir-vos alguma coisa, que esta manhã tinha em mente, e passou-me na missa; mas não é o que pensais. Graças à minha mãe que me deixou um saquitel com algumas dobras, poucas é verdade, pude enroupar-me; sem isso não o faria; pobre como sou, gasto do meu, não uso do alheio. São vossas lições.

— Que bem aproveitaram; mas não é alheio, filho, o que pertence àqueles que nos amam; porque esse está como depósito em outras mãos, e para ser nosso basta quereremos.

— Outra vez obrigado, mestre; felizmente não careço despir-vos do vosso necessário para satisfazer fantasias de rapaz.

— Assim não haveis precisão de nada?

— De vossos conselhos, muita; e tanto que, se me dais licença, vou recorrer a eles.

— É verdade; o caso que tínheis em mente?

— Dele mesmo é que vos quero falar.

— Estamos à soleira, melhor é entrarmos.

— Como vos parecer.

Conversando, Estácio e Vaz Caminha tinham tomado por detrás da Sé; seguindo por uma rua estreita e solitária, quebraram em um beco apenas guarnecido por algumas habitações, que se destacavam a espaços entre as linhas de cercas cobertas de melão-de-são-caetano.

O beco descia em ladeira, e formava no centro uma espécie de vala por onde corriam as águas da chuva; junto das cercas serpejavam dois trilhos que serviam de caminho, e iam dar à entrada das casas, para as quais subia-se por alguns degraus feitos de tijolo. Um monturo, que servia de despejo às casinhas da vizinhança, ardia lentamente fazendo grande fumaceira.

A casa do licenciado era a segunda; pouca diferença tinha das outras. Baixa, com duas

gelosias e uma porta, paredes caiadas de branco e beiradas saídas, o edifício dava perfeita ideia da arquitetura do tempo. Ao lado esquerdo via-se o quintal coberto de mamona e beldros, com touças de bananeiras; encostados ao oitão, o galinheiro, e uma espécie de horto onde cresciam alguns pés de arruda, hortelã, manjerição e perpétuas.

Uma velhinha com saia de ganga amarela e manta escura de rebuço, que lhe cobria a cabeça como um capuz de freira, de volta da missa entrara no poleiro, e fizera uma revolução; as frangas cacarejavam, os galos batiam as asas, os pintos pipilavam, quando felizmente para o povo galináceo o licenciado chegou a casa.

Apesar de serem nove horas do dia, a porta exterior estava fechada, como se usava então, que não se tinha inventado a polícia, e cada um era obrigado a velar na segurança própria; Vaz Caminha chegou ao canto da casa, e erguendo-se nas pontas dos pés para ver por sobre a cerca do quintal, chamou a caseira.

— Euquéria! Abride, filha!

A velhinha correu tanto quanto o permitiam suas pernas curtas e trôpegas; decorrido um momento, o licenciado entrava em seu cartório acompanhado de Estácio.

Duas altas estantes de livros, um telônio cheio de autos e papéis, um bufete e alguns tamboretos rasos, eram os móveis que ornavam o gabinete, onde a luz filtrava amortecida pelos vidros das janelas, cobertas da mesma poeira clássica que jazia sobre os grandes alfarrábios, e das veneráveis teias de aranha suspensas ao teto.

— Vossa colação aí está sobre o bufete, senhor licenciado. Se não precisais de mim vou-me aos pintainhos, que estão morrendo do mal triste.

— Ide, filha; eu cá me aviarei.

— Jesus! exclamou a caseira voltando a correr com as mãos na cabeça.

— Hein!... já pela manhã vos começam a aparecer as almas do outro mundo? disse Vaz Caminha para a velha.

— Que Deus, Nosso Senhor, nos livre e guarde! Ai! só de falar já estou tremendo, minha Virgem Santíssima! Mas vai, senhor licenciado, que por um triz não me escorrega ainda hoje de vos dizer!... E três dias há que o trago mesmo aqui na ponta da língua! Quando digo que estou já com esta cabeça varrida, não querem acreditar! Pois é assim!

— No fim das contas, o que há, Euquéria? Dizei-o de uma feita.

— É o vosso vinho, que está por um dedal. Daqueles dois odres que se encheram pela Assunção, um encarquilhou que nem, com o devido respeito, o roquete do senhor deão; o

outro que aí tendes, bem escorropichado, muito dará, se der, um meio pichel.

— Bem, filha; havemos de prover ao necessário. Ide com Deus.

Vaz Caminha tirou o barrete e arrastou dois mochos para junto do bufete, onde havia sobre o mantém de algodão grosso, porém de alvura deslumbrante, uma escudela com três ovos escalfados, uma cestinha com bananas passadas, uma regueifa de pão e um pichel de estanho polido como prata.

— Sentai-vos, pequeno, e refazei com o que há; não chega para regalo, mas basta para quebrar o jejum.

— Não tenho fome, mestre; almoçai vós, eu esperarei.

— Por quê?... Os ouvidos nada têm com o estômago; se quereis, falai, que vos presto atenção, e se não, fazei como vos aprouver.

Durante isto, o licenciado sentava-se ao bufete arregaçando as mangas, escorria no canjirão o resto de vinho do odre pendurado por detrás de uma das estantes, e começava seu parco almoço. Estácio de pé encostado ao telônio deixava que ele satisfizesse o apetite para começar.

— Então? disse Vaz Caminha erguendo os olhos.

— Não é coisa de grande monta, replicou Estácio. Ontem pedi à tia o cofre que me deixou minha mãe quando faleceu, para tirar algumas dobras guardadas numa bolsa, e deparou-me o acaso com um papel do qual nunca tive notícia. Talvez me possais explicar o sentido.

— De qual papel falais?

— De uma carta escrita a minha mãe, há cerca de quatro anos. Por sinal que ainda se achava selada, disse o moço tirando do seio do gibão um papel dobrado e já amarelento.

— Lede essa carta.

Estácio desdobrou o papel e leu:

*A D. Clara Dias Correia*

*Senhora*

*Para em minhas mãos um papel de mor valia que pertenceu a vosso falecido marido Robério Dias; como seja demais precioso para sujeitá-lo a perda na remessa, mandareis havê-lo por pessoa de confiança.*

*Em São Sebastião, aos 28 de setembro de 1604.*

*D. Diogo de Mariz.*

Vaz Caminha perturbou-se de tal maneira ao ouvir as primeiras palavras, que levou a naca de pão ao nariz, e ficou de boca aberta sem poder proferir uma palavra.

#### **V - Quem era o licenciado Vaz Caminha, aliás doutor de capelo.**

Vaz Caminha era natural da vila de Arraiolos, em Portugal, e descendente de uma família de aldeões, para quem o mundo não existia além do estreito horizonte em que se debuxava o campanário da igreja paroquial.

O futuro legista estava pois condenado a vegetar nos labores campestres, se a natureza deserdando-o da robustez e vigor proverbial na família, não o houvesse predestinado para uma vida espiritual e meditativa: nascera de sete meses e mostrara desde logo que pouco desenvolvimento teria sua organização acanhada.

Os pais sentiam profundo anjo de ver aquele menino raquítico e débil, que tiritando de frio e encolhido a um canto, acompanhava com a vista, nas longas tardes de inverno, os brincos de dois rapagões fortes e rosados a saltarem no eirado da granja.

A mãe especialmente tinha tomado tal desgosto a esse fruto imaturo de suas entranhas, que a não ser a solícitude de uma irmã, o menino não teria decerto sobrevivido à indiferença e abandono em que ela o deixava; mas a Providência parece colocar sempre ao lado das criaturas fracas e desamparadas um coração que as proteja e abrigue; é a folha para a larva do inseto.

Felizmente um monge do Convento dos Loios tomou o menino sob sua proteção, e depois de o haver feito aprender as pueris e gramaticais, mandou-o ouvir na Universidade de Coimbra as aulas maiores de degredos; porém, o moço estudante preferiu dedicar-se à

jurisprudência, e seu protetor atendendo às boas disposições que mostrava, não o contrariou.

Vaz Caminha cursou todas as cadeiras, das quais fez exame privado. Defendendo sucessivamente as conclusões magnas exigidas pelo Estatuto da Universidade, tomou um após outro os graus que então havia de bacharel, mestre, licenciado e doutor; e ganhou na sábia congregação de Coimbra a fama de um dos mais profundos romanistas do tempo.

O legista recolheu-se então à sua vila natal; aí, entregue às lides forenses, teve a nobre ambição de ilustrar seu nome obscuro; aproveitando os momentos que lhe deixavam os clientes, como depois fez Lobão, empreendeu escrever um *Comentário às Ordenações Manuelinas*, obra de plano vasto, em que se investigavam as verdadeiras fontes daquele código do direito português.

Correram os anos. Vaz Caminha concluiu sua obra, limou-a conforme o preceito de Horácio, e sentiu o desejo muito natural de trazer à luz o fruto de suas longas vigílias; mas então a imprensa era um luxo dispendioso, e as cópias em pergaminho, a que se recorria na falta daquele agente da circulação, não custavam menos.

Ora, o foro de Arraiolos era escasso; o advogado poucas economias tinha feito, apesar da parcimônia com que vivia; de modo que a obra estava condenada a jazer na arca de papéis e autos, se um acontecimento imprevisto não viesse dar a seu autor uma esperança de obter a fazenda necessária para a realização de seu grande desejo.

Criara-se em 1588 uma Relação na Bahia; desde que o tribunal começasse a funcionar, o número das demandas aumentaria infalivelmente; no Brasil, terra abundante de ouro e balda de letrados, os provarás e embargos deviam ser pagos por bom preço; um advogado pois que se fosse ali estabelecer tinha todas as probabilidades de adquirir rápida abastança.

Foi esse o raciocínio de Vaz Caminha, e devemos confessar que não pecava contra a lógica; assim embalando-se na ideia risonha de poder realizar o sonho de sua vida, resolveu definitivamente embarcar-se para a cidade do Salvador; deixou algumas economias à irmã que velara sobre sua infância e ainda o acompanhava, e partiu para Lisboa.

Um navio estava a fazer-se de vela, e nele ia um dos desembargadores da nova Relação, Baltasar Ferraz, que encontramos feito provedor-mor da fazenda; o nosso advogado aproveitou o ensejo, e obtendo uma passagem, deixou as terras da pátria, para ir procurar

longe os meios de dar-lhe uma prova do seu amor, e de erguer um monumento à sua glória.

Com feliz travessia chegou ele à Bahia, e foi assentar os seus penates, isto é, suas estantes, seus livros, seu telônio, seu manuscrito e a velha Euquéria naquela mesma casinha por detrás da Sé; imediatamente os demandistas recorreram à experiência do novo jurisconsulto, a quem o povo, ignorante das distinções acadêmicas, chamava geralmente — *o senhor licenciado*.

Vaz Caminha, modesto como era, nenhum caso fez; mas não deixou de lhe causar impressão o caráter especial do foro baiano. O advogado era apenas um conciliador de partes; afora essa tarefa de nada servia; porque os embargos, os agravos e recursos tinham sido substituídos por uma exceção peremptória não consignada no formulário dos praxistas — a adaga ou o arcabuz.

Começavam-se muitos pleitos, porém todos eram decididos extrajudicialmente; os físicos vendiam alguns récipes e os boticários as suas mezinhas; os padres ganhavam frequentes encomendações; mas ao advogado nada rendia esse modo expedito de terminar os processos. Assim Vaz Caminha compreendeu que antes da chegada da Relação nada se podia fazer.

Desde então principiou um hábito que ele ainda conservava na ocasião em que o encontramos; todos os dias ao raiar da alvorada saía de casa, e no seu passeio matutino dirigia-se ao Largo da Sé, de onde se descortinava toda a baía. Ali ficava cerca de uma hora com os olhos engolfados no horizonte a ver se enfim surgia o galeão, em que vinha a desejada Relação.

Ora, esse galeão partira em meado de 1588 de Lisboa, tendo a seu bordo o Governador Francisco Girdes donatário dos Ilhéus, e os desembargadores nomeados para instalarem o novo tribunal; sucedendo arribar duas vezes, os passageiros tomaram isso como aviso do céu e deixaram-se ficar em Portugal.

Nem mais novas houve da Relação. Vaz Caminha resignou-se e continuou a magra advocacia que pouco mais lhe rendia que em Arraiolos; então lembrando-se de algumas lições de cravo que tomara em sua mocidade, aceitou o lugar de organista da Sé, o que lhe deixava no fim do ano algumas patacas.

A gente que se ocupa da vida alheia chamava-o de avarento; mas ignorava que sublimes sentimentos ocultava aquela restrita economia: não sabia que dos modestos lucros ele mandava dar uma pensão em Portugal à irmã que lhe servira de mãe, e o resto destinava

para a publicação de sua obra, o maior serviço que podia prestar ao seu país.

Quando os rapazes que passavam para a escola, vendo-o que se dirigia para o Largo da Sé triste e cabisbaixo, o perseguiram com risos e galhofas gritando — *vais? vais, Caminha?* — mal pensavam que aquele homem que durante vinte anos, chovesse ou fizesse sol, ia todas as manhãs olhar o mar e o horizonte, não se iludia já com a esperança vã e ridícula de ver chegar o navio que trazia a Relação.

O que o levava lá era a saudade da pátria, a sublime nostalgia do velho que sente o corpo vergar para uma terra, que não é a sua, e em cujo seio talvez descansarão suas cinzas, entre gente estranha, longe do berço; o que ele ia ver não era nem o mar, nem os navios, era sim o horizonte imenso, no fundo do qual os olhos d'alma lhe mostravam o modesto painel de sua aldeia natal.

Que lhe importava que o mundo risse? As dores profundas e grandes se escondem nos refolhos do coração, aí vivem, aí morrem, sem que a compaixão pública as profane; só Deus lhes sabe o segredo, e lhes manda às vezes uma doce consolação na terra, ou lhes guarda um prêmio no céu.

Para o licenciado essa consolação fora um menino.

Três anos depois que chegara à Bahia, em 1590, conheceu Robério Dias, o célebre possuidor do segredo das *minas de prata*. Corria que voltava da Espanha descontente, porque Filipe II lhe recusara o título de Marquês das Minas, que pedira como prêmio da descoberta, e o nomeara apenas administrador. Viera ele esperar na cidade do Salvador o novo Governador-Geral D. Francisco de Sousa, aproveitando o ensejo para passar algum tempo com sua mulher, de quem andava ausente havia bom par de anos.

Robério sofrera uma grande decepção e era infeliz; não há laço que mais prenda e solde duas almas do que a desgraça; tendo necessidade de consultar o advogado para deixar os seus negócios em boa ordem, achou nele um conselheiro, que breve tornou-se amigo; estabeleceu-se a intimidade, a tal ponto que, partindo para o sertão com o governador, Robério, a quem um pressentimento cerrava o coração, abriu-se completamente com Vaz Caminha e deixou-lhe o cuidado de velar sobre sua mulher e o filho que ela ainda trazia no ventre.

O pequeno Estácio veio a ser um consolo para o legista, a quem a sorte negara o doce sentimento da paternidade; esse menino e sua mãe criaram para o seu coração virgem uma família espiritual, em cujo seio ia esquecer as saudades de sua boa irmã e as lembranças de seu velho Portugal.

Um ano não era decorrido, quando Robério Dias adoeceu e morreu no sertão sem haver revelado o segredo das *minas de prata*; este fato deixando órfã e ao desamparo aquela criança, ainda ligou-a mais ao licenciado, que sentia necessidade de repartir com uma criatura humana a afeição que votara aos seus queridos alfarrábios.

Cuidar da educação de Estácio foi imenso prazer para ele; ensinou ao menino as humanidades; depois, modesto como era, e desejando dar-lhe uma instrução acabada, entregou-o a mestres de primeira força; na idade de quinze anos o moço começou a frequentar as aulas do Colégio dos Jesuítas, na qual tivera tais adiantamentos, que os padres instavam para que ele entrasse na ordem.

Este projeto porém encontrou séria oposição da parte de Álvaro de Carvalho, que se associara a Vaz Caminha na educação do moço e se incumbira de ensinar-lhe as artes da cavalaria. O velho alcaide sonhava para seu protegido um mais brilhante futuro, que o da roupeta.

Eis como se achavam as coisas no momento em que Estácio, acabando de ler a carta dirigida a sua mãe por D. Diogo de Mariz, dobrava-a tranquilamente sem reparar na alteração de fisionomia e na posição grotesca de Vaz Caminha.

— Podeis dizer-me, mestre, que papel é esse de mor valia, pertencente a meu falecido pai?

O licenciado conseguiu restabelecer-se do abalo que sofrera; atirando-se a Estácio, arrancou-lhe das mãos o papel e leu-o de novo, enquanto o moço olhava-o admirado da singular excitação que pela primeira vez quebrava a pausada e fria gravidade do advogado.

Quando acabou de ler, segurando o papel nos dedos trêmulos, voltou-se para o estudante:

— Não sabeis a história de vosso pai?

— Sei dela o que me tem ensinado a tradição popular; contam que meu pai conhecia o segredo de grandes minas de prata, que recusou descobrir por lhe haver El-Rei negado a recompensa que pedia.

— A tradição mente, filho; Robério era incapaz de uma tal vilania; depois de haver prometido cumpria.

— Mas então por que ainda hoje é desconhecido o segredo?

— Ouvide, filho; o que vou referir-vos foi dito há dezenove anos por Dias na véspera de

partir-se para o sertão, de onde um pressentimento lhe advertia que não devia voltar; desde então ficou sepultado em mim, e só agora sai de meus lábios para vossa alma. Assim, é como se vosso pai vos falasse do seu túmulo.

## **VI - Que dá uma versão da história do célebre Robério Dias.**

O velho recolheu-se um instante.

Estácio comovido, preparava-se para escutá-lo.

— Estas famosas *minas de prata* do Brasil, que tanto mal têm feito, excitando a cobiça de uns e causando a desgraça de outros, fazendo que reis esqueçam seus povos e sacerdotes sua divina missão, foram achadas em 1587 por vosso avô, o Moribeca, de uma maneira que ainda hoje se ignora.

— Ah! não foi meu pai!

— Para não esquecer o lugar e direção em que demoravam, deixou no tronco das árvores em todo seu trajeto certos golpes que deviam orientá-lo em uma segunda jornada. Infelizmente não a pôde levar a cabo; enfermou quando ordenava os aprestos dela, e na hora derradeira chamou o filho e lhe comunicou sua descoberta.

Robério cuidou logo em fazer a jornada para aviventar os rumos e marcos apostos por vosso avô, antes que o tempo e os acidentes os destruíssem. Partiu quase escoteiro, seguindo as pegadas do pai e chegou ao lugar indicado.

— Quando isso? perguntou o moço.

— Em fins desse mesmo ano de 1587, ainda eu não estava no Brasil. Vosso pai, por prudência e para não dar rebate aos garimpeiros que o acompanhavam, saiu do rancho como para caçar. Seguindo as indicações, deu com a entrada da caverna; achou-se em uma longa crasta subterrânea; havia escuridão profunda; mas com pouco o luar enfiando pelas fendas da pedra, deu em cheio sobre aquelas paredes alvas e brilhantes; vosso pai admirado julgou ver um palácio encantado no qual o pórtico, a fachada, as colunas, tudo era de prata.

— E voltou carregado de riquezas?

— Não trouxe nem uma oitava de metal; seria revelar o segredo e expor as minas à ambição de todos que o acompanhavam, tanto mais quando de repente foi surpreendido

pelas vozes de alguns que se aproximavam. Resistiu à tentação e voltou como fora. De volta à Bahia, caso de maravilhar, encontrou na voz do povo, e assoalhada por toda a cidade, a nova da descoberta. Disse-me Robério que atribuía esses boatos à muita cópia de prata em alfaías que vosso avô havia mercado, logo após sua chegada do sertão; e de feito, casa alguma rica da Bahia competia com a vossa, Estácio, em baixela e copa.

— Agora come-se nela em escudela de pau, e bebe-se em pichel de estanho!

— É a lei deste mundo, filho; devemos nos resignar. Vosso pai tivera o cuidado de substituir os primeiros sinais por outros de mais dura, bem como de escrever a rota da jornada de modo a poder em qualquer tempo ir com segurança e presteza às minas.

— Ah! é esse roteiro que D. Diogo de Mariz anuncia?... exclamou Estácio.

— Esperai! acudiu o licenciado interrompendo-o com brandura. Era o primeiro intento de Robério empreender por si mesmo a exploração das minas; mas os boatos que começaram de correr, como vos disse, o fizeram mudar de parecer.

— Foi então que passou às Espanhas?

— Sim; refletiu, e julgou que melhor era seguir rumo direito; embarcou-se para o reino; levava o roteiro dentro de uma bolsa de couro que nunca o deixava. Por infelicidade precedia-o a fama do que ia fazer; depois de oferecer o segredo das minas a Filipe II, que lhe prometeu de seu moto próprio o título de marquês, quando abriu a bolsa para entregar o manuscrito, não o achou; tinham-no roubado.

— Ah!... balbuciou Estácio cujos olhos brilharam de indignação.

— El-Rei, desconfiado como era, não conhecendo o caráter do homem que com ele tratava, suspeitou um embuste; voltou atrás; e proveu D. Francisco de Sousa no governo para vir ao descobrimento das minas, nomeando vosso pai simples administrador.

— Apesar de perdido o roteiro?

— Robério afirmou ao rei, que sua memória supriria o papel; e Filipe II receando que outrem lograsse o tesouro, tomou aquela resolução. Robério veio então para esta cidade esperar o governador, e aqui durante dezoito meses de estada tive eu a dita de conhecê-lo; um ano depois partia para não tornar, deixando a meu cuidado vossa mãe que vos trazia ainda no ventre.

— Terminai!... exclamou o moço.

— O resto sabeis: são as desgraças que enlutaram vosso berço, filho. Robério confiou demais da sua memória, na qual cinco anos de cuidados e tributações tinham apagado a

reminiscência da primeira jornada; por fim, depois de esforços baldados, tido como falso e embusteiro, ele, a honradez em pessoa, foi preso de uma febre maligna, e finou-se no delírio que lhe mostrava ainda uma vez a visão daquela tarde, em que entrara nas minas. O Governador D. Francisco de Sousa dera conta a El-Rei do que passara, e sobre as cinzas ainda quentes de vosso pai executava-se a sentença de confiscação que vos reduziu à extrema pobreza.

O moço enxugou a lágrima que tremulou em seus olhos límpidos; e beijou com ternura e respeito filial as mãos secas do velho.

— Depois vós me servistes de pai, e quando, vai para cinco anos, minha mãe deixou-me para ir-se aonde a chamava seu esposo, fostes vós ainda que tomastes o lugar que ela ocupava neste mundo.

— Não falemos disto, disse o licenciado passando a manga pelos olhos; o passado é dos velhos, pequeno; aos mancebos deu Deus o futuro. Ele vos pertence; podeis realizar a obra de vosso pai. O papel de que fala esta carta é o roteiro de Robério; não pode ser outro.

— Assim, eu sou rico! disse o moço como acordando de um sonho.

— Rico é o menos; tendes em vossas mãos um grande poder; o ponto é saberdes usá-lo.

— Me guiareis com a vossa experiência; ensinareis a gozar da riqueza àquele a quem ensinastes a suportar a pobreza.

— Em tempo praticaremos sobre isso; hoje tendes o espírito todo empregado em folguedos e festas.

— É verdade! respondeu Estácio lembrando-se de Inesita; agora mal vos escutaria.

— Ide, ide, pequeno, onde vai o vosso pensamento; não vos demoro. Somente lembrai-vos que esta carta é mais que a vossa felicidade, é a reabilitação da memória de vosso pai.

— Não o esquecerei nunca, mestre.

— Guardai-a, e o segredo que ela encerra, como um arcano; tirai exemplo da desgraça de Robério.

— Não pode estar melhor do que em vossas mãos, respondeu o moço entregando-lhe o papel.

— Não, filho, um velho fraco e inerme, é má guarda de tesouro tamanho, a alma é

impenetrável, mas o corpo facilmente se quebra. Sois moço e valente cavalheiro; a riqueza mudou-vos de repente a carreira; habituai-vos desde já a trazer a vossa fortuna, como a vossa honra, na ponta de vossa espada.

— Então vossos projetos?...

— A Providência acaba de destruí-los.

Mais estabelecidos das comoções por que tinham passado, o velho voltou ao seu almoço, e Estácio escondendo no seio o papel, dispôs-se a partir.

— Uma coisa porém me parece obscura ainda.

— Apontai-a, filho, que vo-la explicarei podendo.

— Por que esta carta que continha tão importante revelação estava ainda fechada com o fio preto que a selava? Por que nunca minha mãe falou-me dela? Quem a entregou?

— O escrito traz a data de 28 de setembro de 1604; que no mesmo dia partisse de São Sebastião, devia chegar aqui meado de outubro; vossa mãe já estava sacramentada; uma semana depois rezávamos por sua alma; a carta que lhe trouxeram ficou pois na caixinha onde guardava suas alfaias, tal como a tinham entregado. Quanto ao mensageiro, decerto algum colono que passou ao reino ou a esta capitania.

— E esse homem não devassaria o segredo? disse Estácio tomado de súbita inquietação.

— É claro que não, respondeu o licenciado com o acento da convicção.

— Como o afirmais?

— Se ele soubesse o conteúdo da carta, não a entregaria, e por si, ou por terceiro, se apresentaria a D. Diogo de Mariz para receber o papel.

— Tendes razão. E estais informado da pessoa que é esse D. Diogo?

— É o provedor-mor da Fazenda de São Sebastião; bom português, fidalgo às direitas, descendente da casa dos Marizes, uma das melhores do tempo do Senhor D. Afonso Henriques, que Deus tem. É filho de D. Antônio de Mariz, que prestou grandes serviços no governo do Sr. D. Antônio Salema, e há anos correu ter perecido às mãos do gentio aimoré.

— Julgais então que durante os quatro anos que passaram, ele tenha fielmente guardado o roteiro?

— Não conheceis um português, Estácio! Com esta sede de ouro que traz ao Brasil tantos aventureiros, os costumes dos nossos maiores se perderam; mas entre estes ainda há

cavalheiros que sabem o que devem à sua honra e aos seus brios. D. Diogo de Mariz é um dos poucos dessa raça que lá se vai com o seu tempo; o roteiro, se o não roubaram, ainda está em seu poder e intato.

— Quando assentais que deva partir? perguntou o moço com certa vivacidade.

— Devagar, filho; depois trataremos disso. *Festina lente*.

A citação latina anunciou ao moço que Vaz Caminha ia apresentar-se sob um aspecto que já conhecemos.

Com efeito havia naquela exótica figura três homens diversos.

Um era o homem de sentimento e efusão, que só a Estácio se revelava nos momentos de intimidade: uma bela alma fechada num corpo grotesco; uma pérola fina escondida em casca rude e grosseira.

O outro era o homem do foro, o advogado seco e dogmático, inflexível no raciocínio, recheado de textos romanos, armado com o *ergo* formidável que acentuava as conclusões de sua lógica de aço; a necessidade de ganhar os meios de subsistência tinha criado essa personalidade, que sendo a menos verdadeira, era a que a todos se manifestava.

O terceiro homem, que havia dentro daquela organização raquítica, era o homem de talento, o autor ainda desconhecido de uma obra concebida e realizada durante muitos anos de trabalho e longas noites de insônia. Espírito vivendo no futuro, alimentado pelo fogo íntimo que queima lentamente, absorvido na gestação de um pensamento grande, ninguém o compreendia; a ninguém se revelava nessa última fase de sua vida. Era um mistério entre ele, a candeia que o alumia e Deus que o encorajava.

Os três elementos dessa organização tinham constituído uma vida à parte; cada uma das fases da tríplice existência tinha seu órgão diverso e sua esfera distinta.

No primeiro homem funcionava o coração; no segundo a vontade; no terceiro a inteligência.

Pai espiritual e amigo pela necessidade de amar; advogado pela obrigação de se alimentar e socorrer sua irmã; autor pela febre d'alma que excita o espírito a criar alguma coisa, e deixar durante a rápida passagem neste mundo seu nome impresso e seu pensamento materializado em algum objeto.

Ora, Estácio amava seu mestre; mas respeitando o advogado, sentia uma certa dissonância entre seu caráter leal e a lógica forense que arma-se muitas vezes do

sofisma para escurecer a verdade; por isso apenas Vaz Caminha anunciou com o primeiro texto latino que o juriconsulto ia aparecer, o mancebo apertando-lhe a mão, partiu.

la seu caminho bem preocupado com os pensamentos que lhe suscitara a revelação de seu padrinho, e por isso não ouvia que o chamavam.

— Psiu!... Psiu!... Senhor cavalheiro!

Brásia corria após ele e o alcançou.

— Fazei a mercê de esperar, meu rico senhor!

— Que desejais, mulher?

— Certa dama que vos viu na missa está tão rendida de vosso gentil parecer, que ansiosamente deseja falar-vos um instante que seja.

Estácio ficou surpreso e passado; não era mancebo de aventuras; nunca as tivera, nem mesmo as sonhara. Ficou pois a olhar mui sério, para a aia, sem lhe ocorrer alguma resposta.

— Que lhe hei de eu levar à formosa dama, meu rico senhor?

— Dir-lhe-eis que este seu servo não merece seu agrado, e nem já se pertence, pois rendeu-se cativo de outros encantos, tornou Estácio gravemente.

A Brásia titubeou; mas logo espevitada acudiu:

— Mas, gentil namorado, não me entendestes ou eu não me expliquei assaz... Não sou correio de Cupido, que bem diversa é a incumbência que trago!... A dama, sabendo da vossa bizzarria, quer valer-se dela, para seu amparo!

— Ah! então carece ela de mim?

— Pois que tão apressada me mandou...

— Onde a posso eu encontrar?

— Esta mesma noite de hoje, ao escurecer. Ficai parado no adro de Santa Luzia, olhando fito para as bandas do mar.

— Esta noite não poderei, pois devo estar no torneio.

— É verdade, mas em acabando ele?

— Lá estarei, se for por instantes, pois devo voltar para o sarau.

— Pois sim, disse a Brásia esgueirando-se.

Entretanto o legista terminava tranquilamente seu almoço, e se dispunha a sair de novo, quando o vultozinho da tia Euquéria assomou à porta.

— O pequeno já se foi, senhor licenciado? perguntou ela.

— Agora mesmo saiu; ainda não dobrou o canto. Por quê?

— É pena que se fosse; podia dar-me uma demão para cortar lá no horto um cachinho de bananas que estão a cair de maduras! Faz gosto ver!

— Pois Euquéria, disse Vaz com ar severo, é essa incumbência que quereis dar a um moço cavalheiro?

— Ai!... tal não me lembrou, Senhor Vaz; mas não leveis a mal, que me arrependo, e dos arrependidos é o reino do céu. Como ele foi quase criado aqui...

— Contudo já é um homem...

— Um rapaz, resmungou a velha; para homem ainda lhe falta muito. Porém as frutinhas? Ficam perdidas? Mete dó! Já estão sorvando!

— Não vos amofineis, Euquéria, há de se arranjar.

— Como, é que eu não sei, porque o cacho não é lá muito baixo, e nem vós mesmo, senhor licenciado, com serdes de boa altura, podeis deitar-lhe a mão.

Com efeito Vaz Caminha tinha mais meia polegada que a sua caseira.

— Talvez por aí venha logo mestre Bartolomeu, disse Vaz Caminha.

— Esse sim! Era um achado! Mas virá ele?

— É natural.

— Pois vou preparar meu tabuleiro para pô-las à seca. Não gostastes dessas passas que vos servi na colação?

— Não desgostei, não; estavam tenras.

— Sabem, assim assim, com os nossos figos de Arraiolos, não é verdade, Senhor Vaz? Se nós os tivéssemos cá? Que de anos não lhes tomo o gosto! Fazem bem pela Páscoa...

E a velhinha começou de fazer a conta.

O licenciado deixou-a nessa profunda elucubração; tomando o barrete e sua cana de Bengala, ganhou a rua e seguiu para as bandas do Colégio dos Jesuítas.

## VII - Que trata das novas do reino e do mais que seguiu-se.

A poucos passos de casa, o advogado encontrou o desembargador Baltazar Ferraz, seu antigo companheiro de viagem, que como ele, esperara debalde pela encantada Relação, e afinal se consolara de sua inércia forense nas lidas financeiras do cargo de provedor-mor da Fazenda.

O magistrado voltava de palácio, onde deixara o governador ocupado com a leitura dos despachos reservados que vinham do reino.

— Então, *doctor*, não foi ainda desta vez!... Nada de Relação.

— Virá quando Deus for servido, e El-Rei o ordenar, senhor desembargador. Quais novas do reino? Boas?

— Não sei, se boas, se más; sei que são importantes. El-Rei houve por bem dividir outra vez seu Estado do Brasil em dois governos, separando as capitâneas do Sul.

— El-Rei terá razão de assim proceder, Senhor Baltazar Ferraz; mas não é menos certo que pouco avança, quem não segue rumo direito. Ainda em 1577 se uniam os dois governos, e já os dividem!

— Pensais com acerto, Doutor Vaz Caminha. Porém não pensam assim os vossos amigos, que tão certo como ser hoje quinta-feira, foram os motores disso.

— Falais dos padres, senhor desembargador?

— Falo dos da Companhia de Jesus, que bem conheceis.

— *Ubi effectus, ibi causa*. Que interesse podem ter eles na divisão?

— O de vingar-se de D. Diogo de Menezes, pela audácia de lembrar-lhes o texto das Santas Escrituras. Os filhos de Jesus costumam esquecer que seu reino *non est de hoc mundo*.

— Estou que vos enganais, senhor provedor.

— O tempo vos abrirá os olhos, Senhor Vaz Caminha.

— Sabe-se já quem foi o provido no governo do Sul?

— D. Francisco de Sousa há muito o estava por carta régia de 2 de janeiro passado.

— D. Francisco de Sousa!... É o que veio há anos em cata das minas de prata de Robério

Dias?

— O mesmo, e desta vez traz não só o provimento de governador, como a superintendência das minas, com regalia de conceder foro de fidalgo e hábitos nas três ordens, passando por morte a sucessão a seu filho, independente da confirmação de El-Rei.

— Julgais então que os padres da Companhia para humilhar D. Diogo de Menezes obtiveram tudo isto?

— É fora de dúvida. Quem, se não eles, obteriam prerrogativas, como governador algum ainda as teve?

O licenciado abanou a cabeça.

— Afora estas, não há outras novas?

— Conta o sargento-mor que os desembargadores nomeados ficavam a partir para virem instalar nesta cidade a nova Relação; mas tantas vezes nos tem chegado a mesma notícia, que já não há crer nela.

— Chegarão quando menos os esperarem. E passageiros? Muitos?

— Algumas famílias de Ilhéus para a colonização das terras, e um padre da Companhia.

— Só um? perguntou Vaz Caminha.

— Achais que são poucos os que já existem em sua casa do Terreiro? Orçam por noventa e tantos!

— Não é isso que me causou estranheza, senhor desembargador; poucos ou muitos, nada tenho com o número; é natural que onde sobra o trabalho das reduções e apostolados, mais se empenhem as forças da Companhia. Por outro motivo pareceu-me singular a vinda do padre.

— Por que, doutor? Não andam eles sempre de arribação?

— Sim; mas não se manda um soldado para aumentar a guarnição de uma praça, senhor provedor.

— O que se manda então?

— Manda-se um bom cabo de guerra para defendê-la; ou um mensageiro para levar-lhe instruções superiores.

— É possível que assim aconteça. O que for soar, respondeu o provedor despedindo-se.

O licenciado continuou seu caminho refletindo sobre a conversa que tivera com o Desembargador Baltasar Ferraz.

Não era que o seu espírito andasse ocupado com as questões da governança da terra; em sua posição modesta e com seu gênio, nunca aspirara a fazer o papel de político; e até recusara em 1562 representar a vila de Arraiolos em Cortes, desviando de si os votos do Conselho, e fazendo nomear outro procurador.

Mas os homens de inteligência, habituados ao estudo e meditação, não se podem conservar indiferentes aos fatos de importância que passam sob seus olhos: embora não lhes interessem de perto, sentem eles a necessidade de os apreciar. A inteligência é ímã também; atrai o que entra em sua atmosfera.

Estranhava que o governo espanhol em vez de conservar a unidade da administração colonial, imagem da unidade da monarquia, voltasse ao antigo sistema da divisão que pouco havia fora condenado; não acreditava que uma simples vingança dos jesuítas desse causa àquela mudança repentina e impolítica.

No meio dessas reflexões uma ideia passou-lhe de relance pelo espírito.

A lembrança da cena que há pouco tivera lugar em sua casa entre ele e Estácio; a coincidência de ser o novo Governador D. Francisco de Sousa, o mesmo que em 1591 viera com Robério Dias ao descobrimento das minas de prata; o fato da existência do roteiro que se julgava perdido; todas essas circunstâncias, apresentando-se de repente e conjuntas a um espírito sagaz e profundo como o seu, deviam impressionar.

A ambição insaciável dos reis de Espanha, os quais desde a descoberta do Novo Mundo, sugavam o sangue da América para arrancar do seio dessa terra o ouro e as pedras preciosas que a natureza aí depositara; o desejo de obter as famosas minas de prata, cuja abundância e riqueza a tradição popular havia engrandecido, explicariam perfeitamente a nova política e a nomeação de outro governador e superintendente.

Também não deixava de causar certo reparo ao nosso advogado a chegada do jesuíta, que naturalmente, como fizera sentir ao provedor, vinha incumbido de alguma missão importante; qual ela fosse, é o que ele não podia adivinhar. Isso o inquietava involuntariamente. Um quer que seja lhe fazia recear que o segredo de Estácio se achasse envolvido em todos esses acontecimentos.

— Cuidemos de sondar os ânimos! disse entre si.

Assim pensativo atravessava o doutor o Largo da Sé, quando lhe ocorreu a advertência

da tia Euquéria, de que a sua provisão de vinho das Canárias já estava exausta, e pois carecia nova para o dia seguinte. Quebrou na primeira travessa em busca de uma taverna muito afreguesada, que havia ali perto, servida por um tal Brás Judengo.

A varanda da taverna ainda estava deserta e a porta cerrada; porém Vaz Caminha, como freguês antigo, penetrou no interior. Já ele vinha do fundo desenganado de encontrar viva alma com quem falasse, um murmúrio de vozes abafadas feriu-lhe o ouvido. O advogado sondou com o olhar os cantos escuros do aposento.

Viu no fundo uma fresta triangular interiormente esclarecida por uma candeia.

— Bom! pensou Vaz Caminha. Está justamente na adega.

De fato, a fresta dava para o vão subterrâneo de uma escada onde o bodegueiro havia construído a cava dos vinhos. Enfiando o olhar pela abertura, o advogado pôde ver e ouvir distintamente o que passava no interior.

Na estreita área ladrilhada, que formava o fundo da adega, estavam dois homens sentados em face de um e outro lado da quartola, cujo tampo lhes servia de mesa; outros barrilotes deitados faziam as vezes de tamboretas.

A candeia, colocada sobre um tijolo saliente da parede, projetava a luz de chapa sobre o meio perfil dos dois companheiros.

Um deles era um negro, moço e robusto, cuja tez escura refletia os raios da luz, como o lustro do jacarandá polido. Tinha a feição comprimida peculiar à sua raça: o olhar pesado e torvo; nos lábios grossos, o sorriso carnal da animalidade africana. Com os cotovelos apoiados sobre o arco da quartola acompanhava os movimentos do outro.

Era esse o taverneiro, o Brás Judengo, como o chamava o vulgo; homem de estatura meã, entre gordo e magro, de cabelo preto corrido e barba ruiva encarapinhada; espécie de ecletismo vivo no moral como no físico; alma anfíbia, habitando no vício tão bem como na virtude.

Não professava religião alguma, porém usava de todas: era ao mesmo tempo pelos padres da Companhia e pelos senhores de engenho, a favor e contra a liberdade dos índios; vivia bem com o alcaide e com os ratoneiros; acoutava negros fugidos e também os entregava aos donos quando lhe davam pingue espórtula.

Seu verdadeiro nome era Joaquim Brás; pelo menos assim foi dado o rol na Câmara, quando se tratara do assentamento dos moradores e vizinhos do Conselho. Desse nome usava ele sempre que traficava com os mercadores judeus. Neste caso pronunciava

*Baraz* e escrevia *Joakim* com *k* em vez de *q*; isso dava à assinatura certo cheiro de velho testamento, bastante para conciliar a benevolência dos vendedores, e não tanto que compromettesse.

Se vivera nos tempos modernos, o Sr. Brás (Joaquim) ou Joakim Baraz faria um importante papel na política; e primaria sem dúvida entre os mestres de certa escola, que aceita todos os princípios e apoia todos os governos.

O Brás naquele momento acabava de riscar a giz sobre o chantel do barrilote diversos traços que figuravam a tosca planta do interior de um edifício.

— Pronto! exclamou ele largando o giz e enchendo na mesma quartola, que lhe servia de mesa, uma caneca de vinho.

E continuou, depois de beber:

— O dinheiro está por baixo do oratório, não é?

O negro acenou com a cabeça:

— Aqui, respondeu assentando a ponta do dedo sobre um dos traços de giz.

— Então, replicou o Brás, bem vês, Lucas, que tenho razão: é melhor cavar dentro da casa. Anda mais lesto e vai-se pela certa!

— Não! disse o negro com a palavra breve e decidida. Dentro não se pode; há de ser por fora.

— Mas vem cá, filho! Devagar, que é o meio de apressar.

O bodegueiro designou a planta.

— Se o oratório está aqui, temos que para lá chegar, carece atravessar a recâmara da dona. Ora, cavar tudo isto por baixo da terra, não é cavar um queijo do Alentejo.

— Gimbo muito! Paga a pena, retorquiu o negro.

— E a dona não há de ouvir, quando estiverem a cavar por baixo da cama dela?

— É não fazer barulho.

— Custa pouco a dizer: Beba, mas não engula! O som do ferro no chão, por força que se há de ouvir, filho de São Benedito!

— Pois a querer, é assim! disse o negro, que se ergueu resolutamente e bateu com a palma da mão no barrilote. Dentro da casa ninguém entra, que não deixo eu!

— Está bem! acudiu o bodegueiro, não vai a zangar. Tudo se arranja.

O advogado apenas teve tempo de ganhar a varanda, antes que os dois interlocutores assomassem no topo da escada subterrânea.

— Ó de casa! disse Vaz Caminha batendo com a bengala no ladrilho. Não há quem acuda aos fregueses?

— Já se vai! Já se vai! gritou o Judengo, supondo que batiam à porta da rua.

— Ora sejais bem aparecido, sô taverneiro! Tarde madrugais, para que vos Deus ajude.

— O senhor licenciado!... Cá dentro?... Por onde entrou sua mercê? exclamou o taverneiro arregalando os olhos.

— Não está má! Pela porta! Queríeis que entrasse pela janela?

— Mas se a porta estava fechada!

— Tanto não estava, que por ela entrei eu!

E como o Brás embatucasse, continuou o advogado rindo maliciosamente:

— A isto chama-se no digesto, mestre Brás, provar *in continenti* pela vista dos olhos, *aspectu*.

O bodegueiro disparatou afinal:

— Já sei! Foi aquele maldito que se pôs ao fresco e deixou-me às escâncaras, em risco de me limparem a casa!... Martim! Martim! Diabrete, filhote do demo, com perdão de sua mercê, senhor licenciado! Anda por aí de bródio! Não tem que ver!... Deixa estar, cão, que eu te guardarei boa pitança.

Quando o bodegueiro acabou de vociferar e acalmou o furor que o tomara por ver a porta aberta, Vaz Caminha apreçou o vinho e continuou seu itinerário. Mal tinha ele dado uns trinta passos na rua, o negro, que o seguira de longe, entregou-lhe uma carta.

Vinha na capa o seguinte endereço:

*Para o Sr. Vaz Caminha, letrado da Bahia, que mora por detrás da Sé.*

— Quem te manda? perguntou o advogado reconhecendo no portador o companheiro de Brás na adega.

— O papel diz, respondeu Lucas.

O advogado rompeu o selo, augurando mal daquela estranha missiva; a carta continha estas palavras:

*Pessoa que tem razão de segredo, muito deseja aconselhar-se com o senhor licenciado.*

*Não permitindo seu sexo e posição que o procure ela, pede para vir à sua casa esta mesma noite de hoje, depois do sino de recolher. Um escravo fiel acompanhará sua mercê.*

— Senhor vai? perguntou Lucas, vendo o advogado dobrar lentamente o papel.

Vaz Caminha fitou os olhos vivos na face do negro; sentiu um ligeiro estremeamento, recordando a cena misteriosa da adega; não obstante respondeu com a voz clara, ainda que um tanto baixa:

— Irei, filho, irei!

— Depois do sino?

— Onde te encontrarei?

— Na bodega, respondeu Lucas.

— Aqui serei a ponto.

Não foi sem inquietação, sem medo, digamos francamente, que Vaz Caminha se meteu naquela arriscada aventura; porém o advogado tinha, em falta da coragem física, a coragem moral dos homens de vontade firme. De mais, que interesse havia em atentar contra sua vida, que a ninguém prejudicava?

Tomando pela Rua dos Mercadores, o licenciado foi sair no Terreiro, junto ao Colégio dos Jesuítas, vasto e belo edifício que ocupava uma das faces do largo, com a frente voltada para o nascente.

No meio do Terreiro via-se armada em vasto círculo uma paliçada, que abria para o lado do convento e rematava nos cantos com palanques alcatifados de rases e lambéis de cores vivas. Nas ruas próximas e no largo havia profusão de folhas aromáticas que serviam de tapete; as escadas e os estrados porém estavam cobertos de lindos panos de Flandres com vistosas ramagens.

Muitos oficiais mecânicos, carpinteiros e capelistas, trabalhavam ainda nos preparativos dos festejos da tarde; os primeiros erguiam as colunas e arcos que tinham de servir aos diversos jogos; os segundos pregavam as telas, e armavam sobre os assentos preparados para as damas os ligeiros toldos de tafetá, que deviam resguardar os formosos rostos dos raios do sol.

O licenciado deu uma vista indiferente àqueles trabalhos, e atravessando o Terreiro, entrou a larga portaria do convento, aberta pelo Irmão Bernardo, que se desfez em mesuras ao visitante.

— *Servus servorum!*

— De Deus, de quem todos o somos, Irmão Bernardo. Como vai o vosso achaque?

— Sempre na mesma, senhor licenciado! Um cansaço... Ah!... que nem posso com este corpo.

O achaque do irmão porteiro era a preguiça, que ele diagnosticara — afrontação.

No rés do chão do edificio ficavam, de um lado as vastas salas do refeitório e a rouparia, do outro o pátio, nome que davam os jesuítas às aulas de latim e mais estudos menores; no fundo viam-se por entre as grades das janelas o horto e a grande cerca do convento, a qual ia ter ao mar.

Enquanto Vaz Caminha subia os primeiros degraus da escada de pedra, que conduzia aos aposentos superiores, assomou no topo a figura de um frade já quebrado pelos anos, o qual tendo visto pela janela entrar o advogado, fora cortesmente ao seu encontro.

— *Ave, doctor, semper amabilis!* disse o jesuíta com a expressão da mais viva cordialidade.

— *Gratia vobis, pater provincialis,* respondeu o legista com igual expressão.

E acabando de subir, apertou a mão que lhe estendia o Provincial Fernão Cardim.

— É de mister que Deus mande um dia de ano-bom, para que os seus servos possam ter-vos nesta sua casa.

— Tão poucas não são as festas do ano, padre provincial; e elas não passam sem me ver sentado à mesa deste convento, onde a vossa amizade me acolhe com verdadeiras mostras de bondade.

— Não é razão, *carissime doctor,* para nos privar de vossa companhia nos dias não santificados; se eu fora vosso confessor, vos daria essa penitência por algum peccozinho que deveis ter cometido na mocidade.

— Não era preciso ir tão longe; hoje mesmo, padre provincial. Sou homem, e o salmista o disse: *Homo, natus de muliere, repletur multis miseriis...*

— Livre-nos Deus de ofender vossa modéstia. Mas passando a assunto profano, vindes disposto a jogar nossa partida do costume?

— Decerto, e por sinal que me deveis uma desforra da última vez. Preparastes um lance que me desorientou bastante.

— É verdade! respondeu o provincial, esfregando as mãos com visível satisfação. Avancei

um peão defendido por um castelo; xaqueei o rei, e antes que pudésseis defender-vos, dei-vos o mate com o delfim!... Belo lance!... Tinha-o estudado.

— Também eu havia preparado um, mas tínheis o jogo tão cerrado, que me desfizestes todas as combinações.

— Deveras!... Não me havíeis dito tal.

— Pensais que fica-se de ânimo sereno, quando se perde uma partida de honra? Porque, se vos lembrais, era um desafio!...

— Lembro-me! Lembro-me!... exclamou o frade não cabendo em si de contente; fizeti por tomar hoje a desforra.

— Neste propósito venho eu; e já vos advirto que custareis a levá-la!

— Melhor! Gosto da vitória disputada.

— A propósito, sabeis novas do reino? A Relação virá? perguntou o licenciado com um ar de perfeita ingenuidade.

— Breve deve estar por aí; já El-Rei tinha provido os desembargadores, respondeu o provincial não podendo esconder um sorriso. Quanto às novas, de grande monta são para este estado.

O jesuíta repetiu então o que Baltasar Ferraz já havia contado ao licenciado, sem contudo fazer nenhuma observação sobre as causas que tinham motivado a resolução de Filipe III.

— Quem não há de receber isso de rosto alegre sei eu, disse Vaz Caminha.

— O Senhor D. Diogo de Menezes!... Não se pode queixar senão de si!

— Ele mesmo o procurou com suas mãos!... E o novo governador veio na fragata? perguntou o advogado.

— Não; mas já deve estar em Pernambuco, de onde seguirá direito para o Rio de Janeiro.

— Então ninguém de vulto chegou?

— De vulto, não; chegou-nos um irmão que vem fazer residência nesta casa por ordem do Geral.

— Bem-vindo seja, que nesta terra de gentio nunca serão demais os missionários de Cristo. Pena é que fosse um somente, acrescentou o licenciado.

— Com o tempo virão outros, doutor, respondeu o provincial risonho. Mas entrai, entrai!...

Esta conversa tivera lugar no topo da escada, onde os dois velhos amigos se haviam

encontrado.

Ao convite do jesuíta, Vaz Caminha o seguiu pelo corredor que dividia os dormitórios, e entraram ambos na biblioteca.

Esta parte do convento, uma das mais importantes depois da secretaria, estava colocada ao lado do sul; era uma vasta sala, com janelas rasgadas, das quais se gozava de uma vista admirável sobre o mar. Grandes estantes de livros cobriam as paredes de alto a baixo; no fundo pendia um grande retrato a óleo de Santo Inácio de Loiola, o fundador da Companhia; o artista espanhol que desenhara esse quadro tinha reproduzido com fino colorido a expressão sublime do soldado de Navarra, coberto com a roupeta do monge.

Ao longo da sala estava uma mesa comprida, carregada de instrumentos astronômicos e matemáticos, de tinteiros, livros e papéis; aí, sentados, diversos religiosos aproveitavam a manhã para realizarem os trabalhos de paciência e estudo, que são o mais precioso legado deixado por essa Ordem à civilização moderna.

Muitos copiavam manuscritos de história; outros traduziam em guarani as orações cristãs para uso dos indígenas; estes se entregavam a estudos de botânica e classificavam uma planta brasileira ainda desconhecida; aqueles tiravam a limpo suas observações astronômicas; alguns escreviam crônicas das religiões, ou cartas sobre o estado das reduções.

Quem visse esses homens, assim ocupados em marcarem com o selo de sua inteligência todos os conhecimentos, em ligar seu nome, não já à religião, mas à história, à geografia, à política, à filosofia e até às artes, não se admiraria que, unidos pelo mesmo pensamento e dirigidos por uma só vontade, houvessem criado a Ordem poderosa que, espalhando-se pelo mundo, dominou os tronos, curvou os reis, e lutou com os governos das nações mais fortes.

Um frade, que nesse momento entrou na sala, avistando o advogado, encaminhou-se logo a ele para o saudar. Vaz Caminha respondeu à cortesia com sinais de respeito e acatamento que não tivera, mesmo falando ao provincial.

Quem era pois esse jesuíta, e que elevado grau ocupava na Companhia?

Era o P. Inácio de Lourçal, um simples professo, de todo alheio aos negócios secretos, a que nenhuma importância ligava; e por isso o menos qualificado do grau. Mas bastava olhar aquele meigo semblante de velho, corado de nívea auréola de cãs, para ver ali estampado o evangelho da bondade.

Quando passavam os outros professos, cujo voto pesava nos negócios da Companhia, a gente melhor desbarretava-se; para o P. Inácio ninguém se arredava, pois quase o não percebiam; mas o povo, que via esgueirar-se furtivamente o modesto frade encolhido na roupeta, murmurava baixinho: Santo homem!...

Vaz Caminha respeitava-o como a um príncipe da Igreja; e sempre que o via, beijava-lhe mau grado a manga do hábito, que o frade esforçava por esquivar.

— Então, doutor, o nosso estudante trocou hoje os estudos pelas gritas e torneios?...

— Bom é, P. Inácio, que conheça o mundo para saber o que abandona... Bem entendido... Se tal for seu gosto e vontade!

— Sem dúvida!... Pois o contrário seria fazer de um bom mancebo um mau padre. Não lhe parece, padre provincial?

Um sorriso fugiu pelos lábios finos de Fernão Cardim:

— Demos hoje sueto aos negócios em atenção ao dia que é.

A sineta tocou chamando a comunidade à refeição.

Era a ponto de meio-dia.

Quando Fernão Cardim e o licenciado iam descer a escada, o irmão despenseiro chegou-se a eles e dirigiu-se ao superior com o costumado respeito.

— O P. Gusmão de Molina pede a Vossa Reverendíssima, que o dispense por hoje de comparecer ao refeitório.

— O dia da chegada é sempre concedido ao repouso; dissei ao nosso irmão que se restabeleça das fadigas da travessia; melhor cumprirá depois os deveres do nosso Instituto.

Com pouco, a comunidade, rodeando a longa mesa de jantar, murmurava a prece do ritual.

## **VIII - Como o padre provincial deu xaque ao rei e foi xaqueado.**

Deu uma hora da tarde.

Na vasta sala da biblioteca, pouco antes deserta, andava um frade, que percorria o aposento a passos vagarosos, com o movimento automático e maquinal do homem

absorvido em funda meditação.

Às vezes parava em face do quadro de Santo Inácio de Loiola; erigia então a alta estatura, fitava no retrato o olhar ardente, e rastreando na tela as linhas das feições nobres e expressivas, trocava com a imagem inanimada um sorriso de orgulho.

Quem o observasse nesse momento, compreenderia o que passava em sua alma.

Aquela fronte larga e proeminente, cobrindo como uma abóbada de mármore os olhos fundos, onde a pupila negra brilhava na sombra com reflexos de um fogo vulcânico nas trevas da noite; o oval do rosto que terminava na ponta de uma barba saliente, o nariz aquilino, as faces longas, a boca fina e cerrada; todos esses traços enérgicos pareciam cinzelados pelo molde do busto, que o artista havia desenhado no quadro suspenso em um dos panos da biblioteca.

Era tal a semelhança, que à primeira vista se julgaria que o vulto do fundador da Ordem de Jesus destacara da moldura, e encarnando-se, passeava pela sala deserta, a revolver na mente os destinos futuros da poderosa criação de seu espírito, esse apostolado que devia conduzir a humanidade dos umbrais da Idade Média ao pórtico da civilização moderna.

Mas passada essa primeira ilusão, conhecia-se que entre aqueles dois homens, o que revivia no quadro e o que contemplava, havia mais de um século: separava-os o túmulo de duas gerações; um nascera com a descoberta do Novo Mundo, em 1491; o outro apenas contava trinta anos de idade.

Não era portanto um retrato em face do original, como a princípio parecia; era sim uma recordação, um tipo conservado pelo artista, que a natureza por uma misteriosa coincidência caprichara em reproduzir, e que talvez o artifício inspirado por oculto pensamento tratara de aperfeiçoar.

Depois de rever-se um momento naquela imagem, como em um espelho moral, onde se reproduziam as suas ideias, o frade continuava seu passeio, perlongando o aposento.

Então já não era o mesmo homem; o talhe acurvava-se; a cabeça inclinando obscurecia os traços da fisionomia; os olhos afundavam quase ocultos pelo cenho carregado; as faces se contraíam, e a boca ainda mais cerrada, repuxando os músculos faciais, abria rugas precoces naquele rosto que antes parecia expandir-se em toda a robustez da idade.

Nessa ocasião representava mais dez anos; era quase um velho, gasto pelas vigílias e macerações de uma prática ascética, arrastando com o passo já meio trêmulo uma

existência atribulada, expiando talvez no jejum e penitência os erros da mocidade desregrada.

Qual dos dois homens era o verdadeiro? Qual das duas fisionomias era a máscara que disfarçava a outra?

A mocidade não se finge; o fogo do sangue, que borbulha nas veias e ferve no coração, depois que os anos o gelam, não há mais aquecê-lo; essa expansão da vida no momento de sua florescência, uma vez passada, nada a faz voltar.

Se pois havia máscara na fisionomia desse homem, era a velhice prematura, que desaparecia quando o espírito distraído por algum pensamento grave esquecia a matéria que ele escravizava, deixando o corpo, livre da pressão, reivindicar sua atividade e desenvolver-se de repente com o impulso da vigorosa constituição.

Havia apenas três horas que o P. Gusmão de Molina desembarcara e achava-se no convento; ninguém sabia ao certo o que o trazia ao Brasil e quem o enviava; mas era natural que tocado do mesmo fervor de Nóbrega e Anchieta, viesse apostolar entre os selvagens e plantar a cruz nos desertos, cingindo-a com as palmas do martírio.

Assim pensavam todos e o mesmo provincial, a quem o recém-chegado nada comunicara a respeito de sua viagem: apenas no momento de beijar-lhe a mão, dera-lhe o toque simbólico do grau de *professo*, e tanto bastou para que o superior não lhe dirigisse uma só pergunta e o acolhesse como filho da casa.

Rodeado pela comunidade que estava ansiosa por saber notícias da Europa, Molina satisfez a todos e ao mesmo tempo informou-se do estado das coisas no Brasil; daí a uma hora ficou ao corrente das questões importantes da Ordem, na Bahia; não porque lhe houvessem os padres revelado segredos que ignoravam, mas porque a sua perspicácia lera a verdade nas notícias vagas que lhe ministravam.

Quando a sineta do refeitório tocou, o recém-chegado, que desejava estar só, mandara pedir dispensa ao provincial; e depois de tomar na cela uma açorda confortante e um cálice de vinho de relego, dirigiu-se à biblioteca então completamente deserta.

Aí, seu primeiro cuidado foi passar um exame minucioso nos papéis que os padres haviam deixado sobre a mesa na ocasião de irem à refeição; leu um trecho ou uma página de cada um destes trabalhos, e fez o seu juízo a respeito da capacidade de seus autores; pela escolha das matérias deduziu observações que deviam servir-lhe para conhecer o caráter daqueles homens.

Depois de ter assim interrogado esses objetos e lido em seu aspecto tudo que eles exprimiam, como pouco antes havia lido no espírito dos frades, Molina deixou-se levar pelos pensamentos que de tropel lhe assaltavam o espírito e o transportavam a outras regiões.

É nessa ocasião que o encontramos medindo a passos lentos a sala da livraria, até que a comunidade voltando da refeição o veio interromper em suas elucubrações.

Fernão Cardim e Vaz Caminha entraram em último lugar. O provincial tinha o rosto ainda mais prazenteiro e o gesto ainda mais vivo e animado. O licenciado conservava o sério imperturbável que nunca o abandonou; a ventura lhe negara uma das expressões características da fisionomia humana; seu lábio não sabia sorrir.

Atravessando a sala os dois encontraram-se com o P. Gusmão de Molina, que continuava seu passeio:

— V. Paternidade já repousou dos incômodos da travessia? perguntou Fernão Cardim.

— Quanto basta para cumprir as ordens de V. Reverência, disse Molina com humildade.

— As ordens do nosso Instituto, P. Molina, replicou Fernão Cardim. Mas para isso ainda é cedo; mal chegastes, e ninguém conheceis na cidade do Salvador.

— É verdade; ninguém que eu saiba.

— Pois quero que vosso primeiro conhecimento seja o melhor. Aqui está o Doutor Vaz Caminha, principal advogado da terra, homem de boas letras e melhores virtudes, com quem gostareis de praticar.

O frade e o licenciado cortejaram-se cerimoniosamente.

— Agradeço a V. Reverência o favor que me depara; porém receio que pessoa de tanto saber não se desagrade da companhia de um pobre servo de Deus, ignorante nas coisas que deleitam o espírito.

— V. Paternidade bem sabe, respondeu mansamente o doutor, que as aves de altanaria antes de erguer o voo rastejam com o chão para desentorpecerem as asas; aos homens de grande engenho sucede o mesmo, descem muito para subirem mais.

O frade lançou um olhar rápido sobre o velhinho. Adivinhou ele que essa crosta rude e grosseira cobria delicada polpa e um espírito elevado?

O provincial tinha-se afastado alguns passos para inspecionar o serviço de um donato que preparava o jogo de xadrez, colocado junto à janela sobre um bufete; vendo todas as

peças enfileiradas em seu lugar, voltara-se para o licenciado.

— Não façamos esperar aos *reis*, doutor! disse Fernão Cardim apontando para as figurinhas chinesas e sorrindo de seu trocadilho.

— Não sou capaz de tal descortesia; aqui me tendes.

Fazendo uma reverência ao P. Gusmão, o licenciado foi tomar o seu lugar à direita do bufete e defronte do provincial; este esquecendo o mundo concentrava sua atenção no tabuleiro, cujas casas pretas e brancas se lhe afiguravam posições estratégicas de dois exércitos inimigos no começo de uma grande batalha.

— Toca-vos a mão, Vaz Caminha, disse o provincial depois de tirar a sorte.

— É justo, replicou o letrado; aqui são os peões que primeiro saem.

E dizendo isto empurrou um trebelho, que fez o jesuíta erguer a cabeça e olhá-lo espantado.

— Que é isto, doutor! Jogais o peão do roque?

— *Omnis variatio delectat*, padre provincial. Quero experimentar jogo novo.

— Não creio que vos deis bem com a lembrança.

— A experiência mostrará.

Fernão Cardim desconcertado em seus planos com a saída do parceiro, levou o anelar à testa e refletiu profundamente no lance, até que ao cabo de cinco minutos resolveu-se a fazer a primeira jogada.

A biblioteca a pouco e pouco ficara deserta; os padres acabando o trabalho, desciam à cerca do convento, e aí à sombra das árvores prosseguiam na leitura de alguma obra; outros saíam ao cumprimento de seus deveres religiosos e apesar de ser o dia de festa iam, como confessores que eram de diversas casas, à cura das almas.

Entretanto a partida de xadrez se travara; o provincial completamente absorvido não dava fé de coisa alguma; porém Vaz Caminha dividia a atenção entre o jogo e os importantes acontecimentos daquela manhã, que vieram perturbar a calma e doce monotonia de sua existência.

Não lhe saía da memória a carta que Estácio lhe mostrara; quanto mais refletia, maior vulto tomava a suspeita de que as últimas novidades políticas do reino tivessem alguma conexão com o destino de seu pupilo. A estas preocupações vinha ligar-se a lembrança do misterioso emprazamento daquela dama desconhecida que dizia precisar do seu

conselho.

Também não deixava de impressioná-lo a presença do jesuíta recém-chegado, que continuava a passear de um canto a outro da sala.

O ar de excessiva humildade do P. Molina não o tinha iludido; adivinhara que sob aquela aparência enganadora se escondia o superior, o qual não tardaria a revelar-se.

Nisto o jesuíta aproximou-se do bufete e esteve alguns instantes a contemplar o jogo, que se complicara em suas variadas evoluções. Segurava então o provincial uma das peças, e assentando-a de chapa na próxima casa exclamou com ar de triunfo:

— Xaque ao rei!

O licenciado era um hábil jogador; com um volver d'olhos apreciava a posição do parceiro, e opunha uma defesa invencível, ou preparava um ataque decisivo; descobria todas as manhãs do adversário e previa os mais bem combinados lances.

Ele tinha porém estudado o parceiro e conhecido seu fraco; por isso como homem que sabia viver, perdia sempre, e sacrificava a gloriola de jogador de xadrez à vantagem real e positiva de conservar um amigo, que lhe podia servir de muito em caso de necessidade.

Assim quando o provincial, pensando que ia ganhar a partida, soltou o primeiro grito de triunfo, já o seu parceiro, que desejava ainda por algum tempo disputar a vitória, tinha prevenido o ataque e inutilizado todo o plano, cobrindo o rei com um cavalo.

— Ah! tínheis esse cavaleiro à mão! disse Fernão Cardim desconcertado.

— Se V. Reverendíssima em vez de xaquear de longe aproximasse sua dama do rei, não sucederia isso, disse o P. Molina, em tom condoído; e na segunda jogada daria mate.

O provincial mordeu os beiços de despeito:

— Não sabia que V. Paternidade era forte no xadrez.

— Pouco entendo deste, como de outros jogos.

— Entretanto tem avisos prudentes que não são de principiante, mas de mestre.

P. Gusmão sorriu:

— Tais avisos não os aprendi nesse tabuleiro de sessenta e quatro casas, porém em outro maior a que chamam o mundo, padre provincial. Se eu quisesse atacar um governador, digo, um rei, não o ameaçaria de longe para que ele se prevenisse; aproximar-me-ia ao contrário para conhecer-lhe o fraco, e dar mais certo o golpe.

O licenciado voltou a furto os olhinhos para o frade e admirou a expressão de energia que realçava a inteligente fisionomia; o provincial embebido em novos cálculos não deu atenção ao incidente.

Ouviram-se no Terreiro a música das charamelas, adufes e pífaros em concerto com o vozejar alegre da multidão.

O P. Molina dirigiu-se a uma das janelas que abria sobre a praça; por entre as rótulas pretas enfiou o olhar rápido e incisivo do homem observador.

Entretanto os dois enxadristas continuavam impassíveis. O convento poderia tombar sobre suas cabeças, que o estrondo da queda não perturbaria o provincial na elucubração profunda do xaque-mate, e o paciente doutor no quilo do jantar e das ideias que ruminava desde a sua chegada.

*Si fractus illabatur orbis,*

*Impavidum ferient ruinae.*

## **IX - Fica bem averiguado que o latim é uma língua bárbara.**

Os prelúdios da música anunciavam que a festa ia começar. Esplêndido e magnífico era o espetáculo que apresentava o Terreiro do Colégio. A multidão, que enchia a praça, ondulava marchetando-se das cores vivas e brilhantes dos trajes e atavios.

Pelas janelas das casas pendiam vistosas colchas da Índia com franjas e lavores de preço; uma infinidade de bandeirolas, flâmulas e galhardetes esvoaçava ao sopro da brisa do mar, formando um íris móbil e volante.

A claridade do sol, batendo de chapa sobre a imensa alcatifa de sedas e veludos, fazia cintilar as facetas das pedrarias, o polimento das armas e o lustro dos arneses, cujos reflexos brilhantes esguichavam como espadanas de uma cascata de ouro.

Na sombra que projetavam os toldos de seda, outro quadro se desenhava menos vivo, porém mais delicado. Em volta das arquibancadas do circo, como colar de pérolas, ou festão de rosas, estavam as mais formosas damas da Bahia, desfolhando o sorriso na ponta do lábio travesso, vertendo cores e feitiços das faces rosadas.

Ao primeiro lanço d'olhos, o painel se mostrava confuso e enredado, como os mosaicos chineses e os arabescos mouros.

Logo após a multidão que se agitava na praça figurava um dragão de mil cores, a enroscar em anéis o dorso de escamas prateadas. Afinal quando a vista se fitava, os objetos tornavam-se distintos, as formas várias destacavam; podia-se então apreciar a disposição da cena.

O circo ainda completamente deserto abria-se no centro mesmo da praça. Corriam em volta duas teias: a primeira que servia de estacada era de gradil verde; a segunda que separava a multidão estava coberta de raso vermelho; entre ambas havia um passeio estreito, no qual já apareciam alguns cavalheiros.

Pela cinta exterior se elevavam de espaço a espaço compridas lanças com suas divisas listradas; ao longo delas estavam postados os soldados do terço da Fortaleza de Santo Antônio da Barra, com as couras amarelas e as alabardas afiadas, prontos a manter a multidão em respeito e sossego.

A meio do círculo, em face uma da outra, tinham armado duas tendas verdes, a primeira destinada para os aventureiros; assim chamavam naquele tempo os cavalheiros que tomavam parte nos vários jogos e sortes. A segunda era reservada para os mantenedores.

Fronteiro à entrada da liça e mais elevado, erguia-se um gracioso pavilhão de damasco branco dividido em três arcos: o do centro mais largo fora adereçado com finas alcatifas e lindos coxins de veludo para o governador e as famílias por ele convidadas; os das extremidades para os oficiais da Câmara e ministros de Justiça, Fazenda e Guerra.

Uma escadaria tapetada descia para um largo estrado, que ficava sobranceiro à liça; aí viam-se as três cadeiras dos juízes em torno de uma mesa coberta de veludo com a salva de prata, onde se guardavam as joias e objetos de primor, que deviam ser dados em preço de valor e galhardia aos cavalheiros que se avantajassem nos jogos.

Pela beira do estrado passeava com um ar de importância a fazer inveja ao mais pedante desembargador da casa da suplicação, nosso conhecido mestre Bartolomeu, que pelo seu porte atlético e pela entonação majestosa de sua voz, fora escolhido para desempenhar as funções de arauto. O cantor da capela tinha um aspecto soberbo sob suas vestes de cerimônia; mirava-se com ufania na cota d'armas que lhe cobria o peito, no jubão roxo com morenilhos de retrós, e no brasão que trazia do lado esquerdo.

Sobre o arco central que sustentava a cúpula do pavilhão tinham pintado as armas que

Tomé de Sousa dera à cidade do Salvador quando a fundara; eram essas uma rola branca sobre campo verde, tendo no bico um ramo de oliveira com o seguinte dístico em letras de ouro: Sic illa ad arcam reversa est.

Esse emblema recordava a tradição bíblica. A rola simbolizava a mensageira de Deus que viera anunciar ao Brasil a aurora da civilização, como no começo do mundo anunciara ao gênero humano a bonança depois do dilúvio; a arca era a cidade onde num futuro bem próximo se devia salvar a colônia da invasão estrangeira.

Sob o dossel do pavilhão já se achava D. Diogo de Menezes, o qual nesse momento esquecia seu elevado cargo, para lembrar-se como cavalheiro do que devia às damas das mais nobres e ricas famílias, que por convite especial ocupavam os lugares distintos, e formavam por assim dizer a pequena corte do governador.

Entre todas, uma linda menina atraía os olhares dos cavalheiros, que em sua ardente admiração a proclamavam rainha da beleza.

Era Inesita.

O longo véu, que de manhã na missa lhe ocultava o rosto e disfarçava o talhe, desaparecera; agora o traje de gala deixava contemplar em seu brilho as graças da encantadora criação, que a natureza concebera em algum momento de enlevo e cristalizara com um beijo de mãe.

Tudo era mimoso e delicado no corpo gentil que palpitava de esperança e amor, ondulando no requebro suave, desatando nos movimentos faceiros como se a alma lhe vertesse dos lábios, para embebê-la de luz e envolvê-la toda em um só e único sorriso.

A coifa de fios de ouro, colhendo as tranças negras em volta da cabeça, ia terminar em coração na fronte pura, onde os cabelos riçados anelavam-se como espiras de um diadema, lembrando o gracioso penteado, a que uma rainha infeliz dera seu nome.

As sobancelhas arqueavam como traços fugitivos de um pincel embebido em nanquim; e as pálpebras ligeiras, ou cerravam-se beijando as faces com os longos cílios e azulando a tez com as tênues sombras, ou deslaçavam como folhas de rosa nadando em gotas de leite.

Nesses rápidos instantes via-se a limpidez e a perfeição de seus grandes olhos; a pupila negra, engolfada no cristalino úmido e transparente, coalhava em glóbulos de luz branda e serena; o olhar não era visão, sim reflexo da irradiação íntima, doce fulgor de inocência e candidez.

Aljôfar diáfano enrubescendo aos raios do sol; alva lençaria corando ao reflexo de fitas escarlates; fino esmalte onde o branco e o carmim se cambiam; nem uma dessas imagens pode dar uma ideia da cútis mimosa, que aveludava-se aos toques da luz.

Brincava-lhe o coração nos lábios rosados, que enflorava o meigo sorriso, abrindo nas faces duas covinhas graciosas, ninhos feiticeiros, onde se incubavam desejos de amor estreme; porém às vezes uma expressão séria colhia esse deslace das feições gentis, e traçava em toda a pureza as linhas harmoniosas, que, desenhando o colo flexível, torneavam as espáduas e iam fugindo perder-se na volta de um colarinho de renda.

O corpilho de lhama de ouro, atufando-se para debuxar o relevo de dois seios de virgem, depois estreitando para moldar o talhe esbelto e senhoril, cerrava a cintura de menina, e abria as asas sobre as amplas dobras da saia de raso branco, que arfava com o influxo das formas sedutoras.

Das largas mangas de volante, apanhadas por um broche, escapavam os lindos braços cujos contornos divinos pareciam talhados no mais cândido alabastro; as mãos pequenas e melindrosas, uma machucava a cambraia rendada de um lenço de Valência, a outra brincava no regaço, alisando distraidamente os rofos do cetim.

Trazia gargantilha e pulseira de rubis; o cinto de veludo azul era broslado de ouro e cravejado de gemas preciosas; dois lindos diamantes engastados nos pingentes das arrecadas tremulavam suspensos à pontinha da orelha, como gotas de orvalho pendurando-se das pétalas de uma flor ou borbulhando nos lábios de uma concha nacarada.

Tinha a cabeça recostada no espaldo do coxim de veludo, e deixava os olhos vagarem incertos pela cena que se desdobrava em face, acompanhando o fluxo e refluxo da multidão alegre e pressurosa.

Eis que súbito rubor acende-lhe a cor mimosa das faces; e ligeiro estremecimento, de sensitiva que se arrufa, corre-lhe pelos ombros delicados.

As pálpebras cerraram; o sorriso que ia desabrochar fugiu dos lábios; a mãozinha buliçosa descaiu-lhe imóvel; a fronte inclinou timidamente; o seio ofegou, comprimido por uma sensação estranha.

Vira dois cavaleiros que atravessavam pelo fundo da praça; um deles fazendo estacar o feroso ginete, procurava de longe com os olhos algum objeto querido; a donzela reconheceu Estácio, e foi presa do sentimento vago que se apodera da virgem na presença do homem amado.

Que sentimento é esse? Misto indefinível de pudor e vaidade, de inefáveis alegrias e misteriosos pressentimentos; vaga alternativa de receio e confiança, de inquietação e serenidade.

Estácio vestia saio e calças de cetim azul guarnecido de alvo torçal; as armas eram pretas com labores dourados; o talabarte e cinto, de couro negro pespontado de branco com espiguiha de prata. Do capacete rematando em longo velilho flutuante sobre as ancas do animal, escapava-se a alva pluma que enroscando em volta do pescoço, ia beijar a face afogueada pelo sol; montava com elegância um soberbo cavalo negro, que estremecia de ardor e impaciência sob o freio coberto de espuma; na mão direita trazia a lança com manga de seda azul; na esquerda tinha passado o escudo sobre o qual via-se a letra: Amor vincit omnia.

O outro cavaleiro era Cristóvão; trajava, como seu amigo, roupas do mesmo molde e das mesmas cores. Cavalgava um ginete tordilho arreado com primor; sela coberta com teliz de veludo, e jaezes de aço tauxiado com frisos de ouro; na tarja via-se por timbre uma estrela brilhando entre nuvens em campo azul com a legenda latina: Me videt, ducit me.

Um instante Inesita, pálida e trêmula, esteve sob a influência magnética do olhar de Estácio, como sentindo aquele raio luminoso deslizar-lhe pelo rosto e abrasar-lhe as faces: até que as pálpebras ergueram-se a medo. De um volver ela viu o gesto de admiração ardente que se pintava no semblante do moço.

Ergueu a cabeça desvanecida: o sorriso de adoração, que adejava nos lábios de Estácio, acabava de refletir como um espelho sua beleza deslumbrante.

Seu olhar envolveu amorosamente as feições do moço em ondas de luz; depois fitou-se no escudo, e procurou decifrar com o coração, mais do que com o espírito, o enigma da divisa. Um quer que seja lhe dizia que ali havia uma palavra para ela; na impossibilidade de traduzir, soletrava decorando uma a uma as letras.

Nisto D. Diogo de Menezes, aproximando-se pela frente do pavilhão, tomou-lhe a vista. A menina, mau grado seu, não se pôde conter; deixou escapar um movimento de contrariedade tão vivo que fez o governador sorrir.

— Bem vejo que o sol queima a quem lhe faz sombra! disse D. Diogo motejando.

Inesita arrependeu-se da sua imprudência.

— Não é assim?

— Que sei eu! balbuciou ela confusa.

— Sabem esses lindos olhos, que me estão deitando quebranto, porque...

— Por quê?...

— Porque lhes roubei um olhar que andava enleado, Deus sabe onde.

— Oh! não! exclamou a donzela muito corada. Eu digo o que era.

— Algum guapo cavaleiro?

Estácio e Cristóvão tinham desaparecido na entrada da rua; Inesita, conseguindo encobrir sua perturbação, graças à inata dissimulação das mulheres, abanou a cabeça com um arzinho de malícia.

— Eram aquelas tenções dos escudos, que estavam me aborrecendo! disse ela meio arrufada.

— Ah! as divisas em latim!... exclamou o governador rindo.

— Não é mal feito escreverem numa língua que não se entende?

— Certo que parece falta de galanteria; mas assim usaram nossos pais.

— É que as damas então sabiam muito! replicou a moça.

— Menos que hoje, e os próprios cavaleiros mal soletravam essas palavras; isso porém não impedia que as trouxessem gravadas no coração, mais do que no escudo.

— Melhor fora que as compreendessem; o que se guarda no espírito vai-se; o que sentimos n'alma, fica para sempre.

— Oh! que as sentiam! Bebiam com o primeiro leite e só as perdiam com o último suspiro.

— Embora! Antes as queria na língua que falamos.

— Já vejo que vos enfada não poder entendê-las; não seja isso razão de quererdes mal aos nossos cavaleiros; em vindo eles vos traduzirei as letras dos seus escudos.

— Todas sem faltar uma? acudiu a menina contente.

— Desde a primeira até a última.

— Que bom é saber! disse Inesita sorrindo.

Os três juizes do campo, Álvaro de Carvalho, D. Francisco de Aguilar e Baltasar Ferraz, dirigiram-se ao governador pedindo-lhe vênias para começar a festa, e voltaram logo a ocupar seus lugares. Imediatamente tocaram de novo as charamelas e adufes, cujos sons se confundiram ao longe com o tropel dos cavalos.

Daí a instantes uma cavalgata brilhante e luzida apareceu no canto da rua, e fazendo sua entrada na liça deu volta à teia; saudou o governador e as damas com airosos meneios e giros das lanças, e foi colocar-se à direita.

Conduzia-a D. Fernando de Ataíde, que vinha ataviado com aprimorado luxo; vestia saio e calças de cetim carmesim acairelado de galão de ouro; de preto, com a longa pluma, eram os pespontos e orla do cinto e talim; armas brancas, lança com manga escarlate, e no escudo a letra — *Voe qui percutiant illum!*

D. José de Aguilár, irmão de Inesita, era o segundo; tanto ele como os outros cavaleiros em número de vinte trajavam irmãos; e do mesmo modo que Fernando, suas cores eram preto e escarlate.

Com pouco a segunda quadrilha, conduzida por Cristóvão, e composta também de vinte cavaleiros trajando azul e branco, entre os quais distinguia-se pelo seu garbo e gentileza Estácio Correia, assomou à entrada da liça e desfilando com igual solenidade, foi postar-se à esquerda.

Então Inesita impaciente olhou travessamente para o governador.

— Quereis lembrar-me que o prometido é devido! disse D. Diogo com amabilidade. Por onde começaremos?

— Pelo céu, respondeu Inesita sorrindo. Aquela estrela?

Era um disfarce inocente para não se trair perguntando pelo que mais a interessava; era também um meio de aproximar-se de seu fim, porque Estácio estava logo depois do amigo.

D. Diogo correu os olhos pelos cavaleiros.

— É de Cristóvão de Ávila?... Tem a letra: Ela me vê e me guia...

— Ah! que linda é! exclamou Inesita lembrando-se de Elvira.

— Não é menos a do outro cavaleiro que não conheço. Sabeis quem seja?

A menina enrubesceu e só pôde fazer um gesto negativo; porque a voz prendeu-se-lhe nos lábios.

— Tem um nobre parecer, continuou o fidalgo; sua divisa é o verso de um grande poeta romano.

— Mas a primeira palavra não é latim! acudiu Inesita com vivacidade.

— Tem as mesmas letras e o mesmo sentido: diverge porém na pronúncia; diz-se, *âmor*.

— Ora! Nas falas portuguesas é mais doce! respondeu a menina ingenuamente.

— E também nos corações portugueses! replicou o governador galanteando.

— E a significação do verso?

— Tendes razão. Ei-la: O amor tudo vence. Que vos parece? Não é gentil, e sobretudo verdadeira?

— Quem sabe! murmurou a donzela tornando-se melancólica de repente.

— Oh! lá está D. Fernando de Ataíde que traz um moto a fazer inveja aos mais esforçados lidadores dos tempos da cavalaria: Desgraçados dos que baterem no seu escudo.

Inesita sorriu com desdém.

— Vosso irmão é que foi lacônico: *Ære!* Disse muito em uma palavra: seu escudo é de bronze.

Esse mote do alferes era uma travessura inocente de Fr. Carlos da Luz, confessor da casa. Na dúbia significação daquela palavra latina tinha ele reunido as duas faces mais salientes do caráter de fidalgo: *aere*, fortaleza de bronze; *oere*, cupidez de moeda.

D. Diogo continuou a traduzir as divisas mais engenhosas dos diversos cavaleiros; esse doce entretenimento distraía seu espírito das graves preocupações que lhe trouxeram os importantes despachos chegados do reino naquela manhã.

Seu orgulho sofrera com a separação do governo do Sul; mas para não dar aos inimigos e sobretudo ao partido dos jesuítas o prazer de se regozijarem com sua mortificação, o fidalgo como hábil político tinha o semblante tão prazenteiro e risonho, que não parecia o mesmo homem de aspecto frio e severo.

Inesita já não prestava atenção a D. Diogo; tendo sabido o que desejava, seus olhos foram-se presos no semblante do moço e o espírito começou a revoar como falena ou silfo em torno das palavras escritas no escudo do cavaleiro.

Tênue sombra de melancolia anuviara o rosto mimoso; a frase entusiasta que Estácio pedira ao poeta para exprimir a energia de seu amor e a nobre ambição de sua alma, lhe acordara no coração um pensamento triste, antes acalentado com os murmúrios da festa.

De repente a menina estremeceu; notara o lugar em que se achava Estácio; observou que ele tinha de bater-se com seu irmão. Embora não passasse de um jogo o combate, apertou-se-lhe o coração com essa ideia. Ver assim em luta duas afeições, e não saber

qual delas preferir, era cruel: desejava que o homem a quem amava vencesse, mas não queria seu irmão vencido.

## **X - De como se correu segunda lança.**

Volvam-se os olhos a outro ponto da cena.

Sobre o telhado de uma casa térrea próxima à liça, estava desde cedo trepada uma súcia de galopins de todas as cores, começando no mais retinto focinho africano ou no vermelho acobreado do caboclo, e acabando no branco ruivo do pequeno ilhéu do Faial.

O princípio da obediência é uma lei essencial de toda a associação, ainda mesmo efêmera. Reuni duas criaturas; uma obedece infalivelmente à outra; senão, brigam ambas para saber qual terá a primazia. A república dos galopins, que se estabelecera provisoriamente com território no telhado da casa, não podia eximir-se à regra constitucional da sociedade: tinha um chefe, a quem obedecia.

Era este um caboclinho de doze a treze anos, a quem seus camaradas chamavam Martim. Não tinha ele coisa alguma saliente, que não fosse sua excessiva fealdade. Era realmente seu rosto o cunho de um desconcerto completo da fisionomia humana; o nariz usurpara o molde do queixo; a testa era cabeluda; o pescoço começava na boca; as orelhas comiam as bochechas; os olhos, como os do caranguejo, projetavam-se fora das órbitas, ou recolhiam-se dentro.

Qual fosse o título a que devia Martim o mando sobre seus camaradas, será difícil atinar. Não era ele o mais esperto, embora não lhe faltasse certa agudeza; não era o mais forte também; muitos dos que ali estavam obedecendo a seu aceno, tinham mais coragem e dupla robustez. Quanto à posição, a do bicho da taberna de mestre Brás era somenos à do estúpido moleque ou do galeguinho mais imundo da ribeira.

Essa grande questão social, do direito e razão dos que sobem e paciência dos que descem, é um problema que por muitos séculos há de esperar solução. Acaso e felicidade — responde a voz geral quando interrogada a respeito de semelhante anomalia. Penso eu porém que é isso um sintoma da degradação da consciência pública. Só a ignorância aceita, e o indiferentismo tolera o reinado das mediocridades.

Aquelas crianças ali estavam no Terreiro do Colégio, desde o começo da festa; submergidas na multidão, privadas absolutamente de ver o que passava na liça,

agitavam-se insôfregas de um para outro lado. A necessidade as reuniu em frente de uma casa térrea, cujo telhado as estava do alto convidando a verem a gosto os folguedos e jogos. Difícil, mas não impossível, era a escalada; e qualquer da roda já a teria praticado, se não fosse o receio de que o dono da casa, um velho remendão, levando a coisa a mal, aplicasse algumas lambadas de tirapé ao intrometido.

Neste comenos, Martim escapo das garras do taberneiro, chegou e foi logo metendo-se na súcia. Ninguém lhe deu atenção; continuaram os outros a mirar o telhado com olhos compridos e a tentarem uma investida, de que recuavam logo pela razão sabida do tirapé. O caboclinho tinha já perdido o pudor do castigo; acostumado ao regime do bodegueiro que diariamente o moía de pancadas à vista da gente toda que enchia a taberna, era coisa de pouca monta para ele uma lambada de mais ou de menos. Arrostou pois impávido o tirapé do remendão; e em dois saltos encarapitou-se na beira do telhado. Cessou a indecisão; todos os outros, com exceção de alguns medrosos, o imitaram.

Eis por que se achou Martim feito chefe da súcia. Quanta gente deve como ele a posição elevada que alcança, a ter perdido o pudor do castigo que inflige a opinião pública?

Subido ao seu improvisado palanque, avistou o caboclinho na teia os pajens que circulavam a liça, prontos a acudir ao sinal dos vários cavaleiros a quem serviam. Entre esses chamou especialmente a atenção de Martim um rapazito pouco mais velho que ele, trajado em corpo, com pelote de belbute cor-de-rosa. Apenas o lobrigou, entregou-se a um trabalho tal de gesticulação que parecia um telégrafo em caso de perigo. Afinal como de nada lhe valessem os respectivos sinais, levou as mãos à boca em forma de buzina e gritou:

— Gil!...

O coro respondeu:

—...il, il, il!...

O pajenzito voltou-se para o telhado, e dando com o caboclinho, levou a mão aberta à boca: com o dedo anular fez o gesto de silêncio e com a palma o de espera. Tudo isto com certo empertigamento casquilho, que bem mostrava quanto o pajenzito tomava ao sério suas funções.

— Bico! disse Martim para os outros. Não me piem!

— Nada de barulho!... acudiram alguns.

O resto calou-se; e arregalou os olhos porque a corrida estava próxima.

O sinal da investida soou na liça.

As duas quadrilhas, de lança em reste, arremeteram à desfilada uma contra a outra, e esbarraram no meio da estacada, como as trombas d'água que embatem no oceano pulverizando-se. Os cavalos, de chofre estacados no ardor da carreira, empinaram, topando peito com peito; as lanças romperam nos escudos, que retiniram ferindo-se; os justadores, com o ímpeto da peleja, dobrando sobre os contos, se enovelaram no turbilhão.

Um instante foi impossível distinguir entre os vórtices daquele torvelinho de homens o que passara; os espectadores mudos e suspensos esperavam cheios de curiosidade; Inesita pálida e sem respiração sentia paralisadas no seio as pulsações que há pouco o faziam intumescer-se brandamente; o próprio D. Diogo, em quem revivera a imagem, desmaiada já, das esperanças e glórias da mocidade, reanimou-se com o choque dos cavaleiros.

Rápido e fugace passou esse momento de ansiedade: foi como pausa imperceptível no meio da lufa-lufa do combate.

Os cavalos arcando, arrancaram afinal em nova desfilada, nitrindo, aspirando o ar pelas narinas dilatadas, atirando ao vento as crinas esparsas. As duas quadrilhas, deslaçando-se como fios de uma meada, atravessaram a arena e foram de novo alinhar-se na extremidade oposta àquela de onde tinham partido.

Então pôde-se apreciar o resultado da justa, e ver os destroços que a onda de cavaleiros em seu furor havia deixado sobre o campo; ginetes estropiados, campeões desarmados, lanças rompidas, capacetes e jaezes rolando pelo chão, e um justador desmontado, tendo a seus pés o escudo que lhe saltara do braço.

Inesita conseguiu abafar o grito de prazer, que expirou nos lábios e perdeu-se na ruidosa aclamação do povo saudando o vencedor.

O cavaleiro desmontado era D. Fernando de Ataíde; de cabeça baixa e desfigurado, o moço corria-se de vergonha diante dos olhares da multidão; a custo ergueu o escudo que deixara cair, cavalgou de novo, e foi colocar-se à direita de sua quadrilha.

Uma tremenda surriada o acompanhou durante o curto trajeto.

O pajenzito vendo por terra D. Fernando, voltara-se para o telhado, e sem que o percebessem, introduzira na boca dois dedos, fazendo o gesto de assobiar. Martim compreendeu e transmitiu a senha aos sócios; imediatamente a vaia estrugiu pelos ares.

— Caiu!...

— Fiau, fiou, fiou!

Do outro lado da liça Estácio apertava sorrindo a mão de Cristóvão; laivos do nobre orgulho, que é reflexo das almas superiores, brilhavam no semblante do moço, a quem o fervor da peleja avivara o cunho de energia, que a natureza lhe imprimira na feição.

Entre todos os espectadores Inesita unicamente viu e compreendeu o aperto de mão dos dois amigos; para os outros não passaria de uma felicitação; para ela a quem nada escapara, era um agradecimento.

Só o olhar da mulher que ama, olhar que vê com coração e adivinha com os pressentimentos, podia acompanhar no meio do turbilhão da investida daqueles cavaleiros, e reconhecê-lo entre tantos outros ataviados com as mesmas cores.

Ainda com o ânimo partilhado entre os dois sentimentos que a dominavam, Inesita ouvira o sinal; mas quando os cavaleiros chegaram as esporas aos flancos dos fogosos animais que saltaram com o ímpeto da dor, o grito do coração, mais forte, sopitou a voz do sangue.

Durante um segundo a menina só viveu naquele olhar que protegia seu amante.

Viu Estácio, que estava à esquerda de Cristóvão, tomar rapidamente a destra na ocasião da partida. Seguiu o moço por entre a lufa-lufa, até que a sua lança batendo em cheio no escudo de D. Fernando, saltou em estilhaços. Vira o negro corcel retrair-se de um salto, devorar a terra e estacar na teia, onde chegavam ao mesmo tempo os outros cavaleiros.

O que porém a menina não tinha visto, porque seu olhar se condensara todo para envolver Estácio, fora que a lança impelida com a força da carreira obrigara D. Fernando de Ataíde a vergar sobre as ancas da cavalgada, perdendo a sela e caindo por terra desmontado.

Quando pois as duas quadrilhas separando-se deixaram a descoberto o centro da estacada, ela soltara aquele grito de triunfo e gratidão ao mesmo tempo; meneou a cabeça altiva com o orgulho sublime da mulher que se enobrece pela glória do homem amado, e agradeceu a Estácio do fundo do coração a delicadeza de respeitá-la na pessoa do irmão.

Seu olhar encontrou o olhar do moço e estremeceu; mas não fugiu sem vazar n'alma de Estácio um raio de luz, desses que ficam eternamente, e douram os sonhos azuis do amor puro e as ilusões diáfanas que alvorecem na manhã da vida.

Entretanto os espectadores admiravam Cristóvão, a quem naturalmente atribuíam a

façanha; alguns, é verdade, que julgavam ter visto na confusão da peleja justar com D. Fernando de Ataíde um campeão que montava ginete preto; mas não deram a isso grande atenção.

Ao passo que os juízes consultavam, Inesita curiosa e inquieta não se podia conter.

— A quem caberá o preço? disse ela como falando consigo, mas bastante alto para ser ouvida pelo governador.

— Sem dúvida que a D. Cristóvão de Ávila, que bem o mereceu, disse D. Diogo. Melhor lança não a tem El-Rei em seus Estados do Brasil.

— Que fez ele? perguntou a menina surpresa.

— Não vistes? Desmontou o mais brilhante cavaleiro da quadrilha escarlate, D. Fernando de Ataíde, que lá está cobrando novos brios para tomar sua desforra.

— Cuida o senhor governador que fosse ele?

— Tenho como certo, menina. Era o primeiro.

— Antes de partir, disse Inesita com vivacidade.

— E no recontro ainda o era, como agora.

— Não! Eu bem vi!...

— O quê? perguntou D. Diogo.

Inesita balbuciou; ia trair-se, mas dissimulou a tempo.

— O cavaleiro que correu com D. Fernando não montava um cavalo preto?

— Com efeito, quer-me parecer que assim era! acudiu D. Diogo pondo os olhos no tordilho de Cristóvão. Mas seguramente que foi engano...

— Tão verdade como ser azul meu cinto! disse a donzela em tom de profunda convicção.

— Pode ser... Mas eis o que vai tirar-nos da dúvida, respondeu o governador mostrando com um aceno a mesa onde se sentavam os três juízes.

O arauto fazendo uma profunda cortesia aos três cavalheiros, chegou-se à beira da rampa. Aí desempenando o corpo e correndo um olhar pela multidão, soltou a voz sonora e enfática no meio de profundo silêncio:

— Em nome de Sua Senhoria, o Senhor D. Diogo de Menezes e Siqueira, fidalgo de Foro Grande, governador e Capitão-general deste Estado do Brasil por Sua Majestade D. Filipe III, que Deus guarde...

Aqui mestre Bartolomeu inclinou-se; temperou a garganta, e tomando a respiração, continuou:

— Os Cavalheiros Álvaro de Carvalho, alcaide-mor da Bahia, Baltasar Ferraz, provedor da Fazenda, e D. Francisco de Aguilar, Senhor de Paripe, juizes nomeados pelo mesmo senhor governador para decidirem dos jogos e torneios dados em honra sua e satisfação de sua chegada pelos homens bons desta cidade, nobres e mercadores; mandam proclamar em praça, por arauto e passavante, ao som e toque de caixa, o nome do campeão que por suas boas partes e gentilezas houve o preço da justa; e outrossim ordenam que o mesmo se afixe por edital na entrada da liça.

Houve uma curta pausa, durante a qual mestre Bartolomeu gozou da sofreguidão geral. Os espectadores suspensos esperavam de sua boca a aclamação do vencedor, a quem aliás todos já conheciam; o nome soou por fim na estacada.

— O Cavalheiro D. Cristóvão de Garcia de Ávila!

O despeito que sentiu Inesita foi tal, que uma lágrima borbulhou em seus límpidos olhos e empanou-os. Doeu-lhe aquela injustiça, e doeu-lhe sobretudo que o voto de seu pai a tivesse confirmado; nesse momento quis mal a Cristóvão, a quem ela estimava por ser amigo de Estácio, e a Elvira, porque o amava.

— Bem vedes que foi engano vosso, menina, disse o governador recostando-se na poltrona de veludo.

— Sou capaz de jurá-lo ainda sobre a cruz, senhor governador; foram eles que se enganaram.

Cristóvão, mal o arauto pronunciou seu nome disparou o animal apesar do movimento que fez Estácio para retê-lo; esbarrando em frente ao pavilhão, levantou o capacete com um movimento gracioso:

— Por desleal e cobarde me haveria eu, e daria a todos direito para como tal me tratarem, se recebesse por prêmio de valor o que a outrem pertence. O preço desta justa, se alguém o houve, foi decerto o cavaleiro que de um bote da sua lança atirou por terra o contrário, e o desarmou.

— E não sois vós esse cavaleiro? perguntou Álvaro de Carvalho.

— Não, senhores! E o declaro alto e bom som: foi Estácio Correia!

O povo, que simpatiza com tudo que é grande e nobre, admirou a ação dos dois amigos: a modéstia e heroísmo de um, a franqueza e lealdade do outro; nos seus aplausos e vivas

entusiásticos ligou os nomes de ambos, como se foram ambos vencedores.

Martim encolheu-se todo para expelir do franzino corpo o grito estridente, como se espreme e escorropicha de um odre todo o vinho que ele contém. Apertando os joelhos contra o ventre, gania que era um desespero:

— Vi... i... i... i... va!...

As damas agitavam os lenços, e sentiam lá no fundo do coração uma voz doce a dizer-lhes baixinho que elas amariam qualquer um daqueles dois moços, ou mesmo ambos, se fosse possível, somente por prêmio e honra de tão bela ação.

As mulheres naquele tempo tinham dessas nobres inspirações; não sabiam tanto calcular com os sentimentos; conheciam a santidade de sua missão neste mundo, e não havia glória ou virtude que elas não dourassem com um raio de amor.

A alegria de Inesita foi imensa; sua alma expandiu-se; o olhar úmido e fagueiro agradecia a Cristóvão, às damas, ao povo, ao último dos galopins trepados nas esquinas das ruas, a glória de Estácio; essa glória lhe pertencia também pela santa comunhão que o amor cria logo entre duas almas.

Quanto a D. Diogo, habituado a estudar os homens, tinha conhecido por aquele traço o caráter dos dois amigos; eram valentes espadas e braços leais com quem a todo o tempo poderia contar.

No meio dos generosos sentimentos que despertara a imprevista declaração de Cristóvão, havia três homens que se conservavam frios e impassíveis: eram os juizes. Compenetrados dos deveres de sua posição, tão severos e rigorosos em pontos de honra, como se tratassem de decidir da vida e fazenda alheia, consultavam sobre o caso; uma decisão injusta nesse objeto os infamaria tanto, como a suspeita de suborno em uma causa importante.

Os jogos militares daquele tempo tinham no meio da aparente futilidade um pensamento sério e de longo alcance; serviam de exemplo e escola à mocidade, que se amestrava para as verdadeiras lutas, e bem cedo adquiria esforço e brios. Eram estímulo para nutrir na população o espírito guerreiro necessário em épocas de conquista. Por isso os reis e governadores os tinham em tanto apreço.

Explicada a troca que se dera entre os combatentes, os três juizes dividiram-se nas opiniões: Álvaro de Carvalho entendeu que o prêmio era de Estácio, pois o caso nada influía na decisão; Baltasar Ferraz porém foi de voto que o fato da troca do lugar, sendo

uma irregularidade, anulava o ato posterior; e citou imediatamente boa cópia de textos latinos para confirmar seu parecer.

— Não se trata agora de decidir pleitos, nem demandas, senhor desembargador, replicou Álvaro de Carvalho com firmeza. Em negócios de armas tenho por melhor lição a minha velha experiência do que todos os textos e alfarrábios da vossa livraria.

— Ninguém vos tolhe o alvitre; dei o meu voto e disse.

— Voto de togado! murmurou o velho alcaide. E vós, Senhor D. Francisco de Aguilár, como vos parece?

— Estou com o Senhor Baltasar Ferraz; o preço não foi ganho.

— Pois então fazei o que vos aprouver, exclamou Álvaro de Carvalho batendo com o punho fechado sobre a mesa; mas declarai que tal decisão não teve o meu conselho.

Soltando estas palavras arrebatadas, o velho, forte e vigoroso apesar dos seus setenta anos, subiu os degraus do pavilhão; os olhos brilhavam com fogo juvenil, e a mão trêmula de cólera repuxava com impaciência as pontas retorcidas do longo bigode branco.

— Onde ides tão açodado, Álvaro? Que vespa vos mordeu? perguntou sorrindo o governador, que conhecia o gênio do soldado.

— Vou em busca de um homem, que tenha o arrojo de dizer-me, a mim, Álvaro de Carvalho, que minto, quando afirmo que gente de beca e traficantes de açúcar entendem tanto de justas, como eu de trapaças e rabulices.

— Que sucedeu?

— Não acabam eles de decidir que aquele valente mancebo, Estácio Correia, não deve ganhar o preço, porque fez virar de cambalhotas a D. Fernando, em vez do vosso alferes?

— E agora o que contam fazer?

— Não o sei eu; eles que a desatem.

O arauto publicou então a decisão dos juizes, que mandavam Estácio correr nova lança com o seu contrário, D. José de Aguilár, a fim de que o preço fosse conferido em regra.

— Está vendo, Sua Senhoria! exclamou Álvaro de Carvalho. Tem isso algum jeito? É ou não rabulice?

— Sossegai, Álvaro, não desarrazoeis por nonadas. Respeitai a opinião dos outros, para que respeitem a vossa.

— Porém, se é uma injustiça! acudiu Inesita inquieta. O senhor governador não devia consentir.

— Que posso eu, menina? perguntou D. Diogo.

— Não fostes vós que os nomeastes? Tendes direito de ordenar-lhes que emendem seu erro!...

— Reparai, D. Inês, disse o fidalgo sorrindo, que censurais gravemente vosso pai!

A menina caiu em si:

— Não podia ter tal pensamento; mas ele foi severo demais, não é verdade?

— Foi injusto! exclamou o alcaide. E Deus queira, não se arrependa ele! Estácio é capaz de fazer a vosso irmão pior do que a D. Fernando. Eu conheço aquele rapaz!...

— Vamos, Álvaro, não desamparai o vosso posto, disse D. Diogo. Ide e sede menos arrebatado, meu velho soldado; nem tudo se leva à ponta de espada.

O alcaide desceu lentamente a escadaria.

— Oh! impedi este combate, senhor governador, disse Inesita inquieta.

— Por que vos assustais? perguntou D. Diogo com bondade.

— Tenho medo! murmurou a menina.

— Mas não passa de um jogo! Deixai que brilhe vosso irmão!

As caixas rufaram anunciando o combate; os dois cavaleiros tomaram praça, e esperaram o sinal da partida.

## **XI - O que tem de ser sempre é.**

A curiosidade pública estava excitada ao último ponto.

Todas as simpatias eram por Estácio, privado injustamente do preço que havia ganho com a tão brilhante mostra de seu esforço e perícia; assim a esperança de vê-lo sair vencedor da segunda prova a que o submetiam, trazia suspensa a máxima parte dos espectadores.

Entretanto Inesita, que instantes havia, saudara com tamanha efusão a vitória do moço e sentira orgulho em amar o homem que todos admiravam, agora tinha medo só de pensar que ele podia humilhar seu irmão, e expô-lo à irrisão pública.

Mas desejaria que D. José de Aguiar derrotasse o galhardo cavaleiro há pouco aplaudido com entusiasmo? Não; dentro de sua alma pedia a Deus que tal não sucedesse; queria o impossível, que ambos vencessem, e nenhum fosse vencido.

Mil vezes arrependida de ter vindo a essa festa que devia causar-lhe tantas e tão cruéis emoções, a donzela invejava a solidão de Elvira que a essa hora acompanhava de longe e com o pensamento a seu amante, sem curtir as aflições por que ela estava agora passando.

Nisso encontrou os olhos de Estácio e sem compreender por que sentiu renascer-lhe no seio a esperança; mais corajosa, porém inquieta sempre e palpitando, pôde contemplar a cena que ia começar.

Os dois cavaleiros partiram ao sinal; levavam ambos após si as vistas ardentes e curiosas da multidão; mas todos os votos e desejos acompanhavam Estácio unicamente.

Vencendo rápidos a distância que os separava, os dois campeões toparam no meio da arena. O choque foi tão violento que os animais abriram; mas, com admiração geral, só um escudo feriu-se, só uma lança rompeu-se.

Estácio, resolvido a não se medir com o irmão de Inesita, em vez de levar a lança no reste, terçava-a na destra; na ocasião do encontro, fincando-a no chão, recebeu sem vergar o arremesso do adversário.

O povo cheio de pasmo viu tudo isto, a princípio sem compreender; depois por uma rápida intuição conheceu que o mancebo não tinha querido de propósito bater o contrário; mas a razão ninguém a podia adivinhar; geralmente atribuíram ao orgulho ofendido pelo voto dos juízes. O povo deu-lhe razão.

Até D. Diogo de Menezes voltou-se para Inesita e disse:

— Vosso irmão teve a melhor; porém juro-vos que antes me queria vencido com o feito de Estácio, do que vencedor como D. José.

— Por que então? perguntou a donzela ainda branca e desmaiada como a espiguiha de seu lenço de Valência.

— Não podeis compreender isto, menina; só quem está habituado a jogar uma lança, sabe quanto esforço é preciso para receber em cheio e sem toscanejar o arremesso de um cavaleiro à disparada.

— Entretanto o preço será de outrem? disse Inesita esquecendo no entusiasmo do amor que se tratava de seu irmão.

— É a regra da cavalaria: houve-se como herói, mas herói vencido.

De feito, o colar de ouro, preço da justa, foi conferido a D. José de Aguilár, o qual brindou com ele a primeira dama que avistou na galeria.

Entretanto o alferes não estava satisfeito com sua vitória; o ato de Estácio revelava desdém que o ofendia. Se ele houvesse adivinhado a verdadeira causa, ainda mais ofendido se julgara em seu orgulho, com o amor da irmã pelo filho de Robério Dias, réu de traição, que era, diz a Ordenação, “o mais grave e feio caso que um homem pode cometer”.

Quanto a Inesita, corou vendo seu irmão aceitar prêmio que lhe não pertencia. Um assomo de cólera fez borbulhar o puro sangue andaluz que lhe circulava nas veias. Nesse instante a menina jurou em sua alma, que vingaria Estácio da injustiça dos mais.

Há quem entenda esse composto inexprimível de fraqueza e força, de susto e heroísmo que forma o caráter da mulher?

Tímida em face da sociedade, corando com um olhar, estremecendo com a farfalha da seda de suas próprias vestes, desmaiando ao menor choque, de repente essa criatura frágil e nervosa tira de seu coração a energia necessária para lutar com o mundo, e defender contra todos e contra tudo o homem a quem ama.

A menina esquiva, que não tem a coragem sequer de sorrir a seu amante, receando mostrar nos lábios o segredo de sua alma, breve, já é capaz de todos os sacrifícios para proteger na desgraça o escolhido de seu coração.

No entanto os cavaleiros tinham atirado os troços das lanças quebradas, e recebido dos pajens umas hásteas longas e delgadas, cobertas de seda de vários matizes.

Terçando-as como piques, atacaram-se com evoluções rápidas, caprichando cada um em mostrar mais destreza e agilidade.

Era a isso que então chamavam jogo das canas.

Estácio, fiel à sua palavra, apenas defendia-se, e como só ele podia disputar a primazia a Cristóvão, cujos volteios graciosos eram de todos admirados, coube o preço a esse último; o moço o escondeu no peito da véstia com bastante pesar de algumas damas que julgavam-se com direito à prenda.

Seguiu-se o jogo das argolinhas.

Tinham passado um torçal de seda, que prendendo-se ao teto agudo das tendas, dividia a meio a estacada; no centro, presos por um fio de retrós, pendiam vinte anéis de ouro, que

balouçavam com o sopro da aragem; os raios do sol no ocaso, tremulando sobre as argolinhas, ainda as tornavam mais vacilantes ao olhar.

As duas alas de cavaleiros, empunhando lanças muito mais longas e maneiras que as de combate, alinharam-se em suas primeiras posições, uma à direita, outra à esquerda: ao som da música deviam partir ambas à rédea solta, e dando meia volta à teia, unirem-se na entrada da liça, a fim de correrem direito à argolinha contra o pavilhão do governador.

Assim tinham os cavaleiros de passar sucessivamente dois a dois, um da ala azul, outro da ala escarlata; afastando-se depois, circulariam de novo a teia continuando sem interrupção o jogo, que só terminaria tirado o último anel.

De todos os jogos era talvez o mais apreciado dos mancebos gentis e namorados; porque além do preço de ligeireza e agilidade, tinham direito de oferecer as argolinhas que enfiassem com a ponta da lança, a qualquer das damas presentes, que em retribuição da galanteria os prendavam com dices e mimos.

A música tocou uma marcha rápida; a cavalhada partiu.

Os primeiros cavaleiros eram Cristóvão de Ávila e Fernando de Ataíde par a par; seguiam-se logo Estácio e D. José de Aguiar; vinha após o resto dos campeões.

Cristóvão enfiou a primeira argolinha, e passou; mas em vez de oferecê-la, guardou, como já tinha feito com o bracelete que recebera em preço; Fernando de Ataíde e D. José nem roçaram os anéis; Estácio atirou a lança por cima do cordel, e foi apanhá-la no ar muitos passos além.

— É altivo aquele mancebo! disse o governador. Como lhe negaram o primeiro preço, desdenha os mais.

— E no seu caso, o senhor governador não faria o mesmo? replicou Inesita.

— Talvez! respondeu o fidalgo sorrindo.

A corrida continuara; só restava uma argolinha; as outras tinham sido tiradas, muitas por Cristóvão, algumas por D. José e outros cavaleiros; Fernando não conseguira enfiar uma só.

Estácio estava satisfeito e contente, como se tivera ganho todos os prêmios; para ele a grande recompensa não eram nem as joias dadas pelos juízes, nem os aplausos do povo; era a humilhação de seu rival diante de Inesita; essa tinha-a já conseguido de uma maneira estrondosa.

Restava porém uma argolinha; Cristóvão falhou-a; e Fernando, que moderara o galope do

cavalo, ia com a lança direita enfiá-la; percebendo isto, o sangue afluiu ao coração de Estácio; pareceu-lhe que via já o cavaleiro oferecendo o anel a Inesita e recebendo em troca uma prenda.

O moço fincou as esporas nos flancos do nobre corcel que saltou, e alongando-se como uma flecha, devorou o espaço. No momento em que Ataíde ia tocar a argolinha, o cavaleiro passou envolto em uma nuvem de poeira. Foi como uma águia que voasse, arrebatando a presa no bico adunco.

A celeuma do povo saudou esse admirável esforço de agilidade. Inesita não pôde conter-se, e bateu as palmas das mãos com o prazer infantil das crianças; as damas agitaram os lenços; Álvaro de Carvalho, esquecendo sua imparcialidade de juiz, soltou uma exclamação entusiasta.

Estácio, ao ver a argolinha de ouro tremular na ponta de sua lança, sorria; mas foi logo tomado de um receio; parou indeciso. Afinal vencendo a timidez e o acanhamento, chegou defronte do pavilhão, e apresentou corando o troféu de sua vitória a Inesita.

O cavaleiro tinha os olhos baixos; o coração saltava-lhe aos ímpetos; a mão tão firme no combate, tão segura e certa no golpe, tremia como a de um velho já inválido, ou de uma criança débil.

A menina também corou, mas impelida pela coragem que despertara a luta por que passara, tomou na ponta dos dedos rosados o fino aro de ouro; e reparando que a lança de Estácio perdera na corrida a manga de seda, por um movimento rápido atou na hastea seu lenquinho de renda.

Quando Estácio no retirar da lança viu flutuar a alva e fina tela, que durante toda a festa se perfumara ao contato das mãos da menina e aquecera-se com o seu hálito, a felicidade inundou-lhe os seios d'alma; tomou o lenço, como se fora relíquia, e beijou-o à face de todos.

Estas cenas de galanteria eram usuais nos jogos e festas do tempo; a ninguém pois causavam estranheza; as damas pensavam que o mesmo fariam por seu cavaleiro; os moços invejavam a fortuna de Estácio; quanto ao povo, esse achava a coisa mais natural que um garção tão guapo e uma cachopa tão airosa se amassem com extremos.

D. Diogo de Menezes acompanhou os movimentos de Inesita com o ar de bondade paternal, que adoçava a seriedade habitual de sua nobre fisionomia.

— Por isso dizem que não há homem atilado a quem a menina mais simples não cegue

com seu ar de santinha!

— Ainda está para ser o primeiro que eu cegasse, tornou-lhe Inesita maliciosamente.

— Já me não admira, continuou o fidalgo levantando-se, das gentilezas de certo cavaleiro. Quem tinha para animá-lo tão feiticeiro sorriso, se não fizesse proezas, nunca mais devera cingir uma espada.

— Os governadores também fazem madrigais? perguntou a donzela faceirando.

— Não; mas fazem traduções, respondeu o governador amimando-lhe a face.

Houve um intervalo no divertimento.

Os cavaleiros apeando foram cortejar as damas, e depois, mudar de roupas e armas para as novas justas; formaram-se os círculos de conversação, onde se discutiam os feitos dos diversos campeões, a graça com que uns meneavam seu ginete, o garbo com que outros traziam a lança.

Duas pessoas, porém, havia ali para quem a cena muda entre Estácio e Inesita não passara despercebida; não a tinham essas visto com os mesmos olhos complacentes.

Uma era Fernando de Ataíde que duas vezes batido por Estácio e conhecendo agora a causa, ardia em desejos de vingança; a outra era D. José que também adivinhara o motivo por que o moço se esquivara de medir-se com ele; ambos estavam ofendidos em seu orgulho, e numa esperança que partilhavam.

O alferes protegia a afeição de seu amigo por Inesita; embora sua irmã mostrasse completa esquivança a D. Fernando, atribuía isso à timidez da menina, e acreditava que afinal o amor conseguiria vencer o recato.

Conhecendo porém que se iludira, e suspeitando agora que sua irmã amava outro homem, sentira despeito profundo; sobretudo sendo esse um moço obscuro e pobre, como Estácio, o qual embora nobre, tinha em seu nome a nódoa, que deixara a condenação do pai.

Orgulhoso e de gênio arrebatado, D. José não podia sofrer semelhante afronta. Resolveu imediatamente castigá-la, antes mesmo que Fernando de Ataíde pedisse ao moço satisfação pelo modo descortês por que se houvera.

Enquanto os dois amigos passeavam na volta da teia conversando sobre o que passara, Álvaro de Carvalho indo ao encontro de Estácio, o abraçou com efusão e guiou ao pavilhão para apresentá-lo ao governador.

— Aqui trago a Sua Senhoria o nosso herói! Poucos anos, porém muitos brios.

— Isso mostra que na escola de um velho lidador de vossa têmpera, Álvaro de Carvalho, a experiência vem mais depressa que a idade! respondeu o governador unindo em um só elogio a perícia do mestre e o valor do discípulo.

— Sua Senhoria engana-se! retrucou o alcaide com a habitual rudez e batendo familiarmente no ombro do moço. Homens desta estofa, não se fazem aqui embaixo, vêm já feitos.

— Não creia, Sua Senhoria, atalhou Estácio corando; o pouco que sou, devo-o a dois homens que Deus me deu em troca da família que levou-me bem cedo: o Senhor Álvaro de Carvalho que me ensinou a trazer esta espada para um dia servir ao meu rei; e um santo homem que preso e estimo como meu pai, porque dele recebi tanto ou mais que daquele que me deu o ser.

— Pois trataremos de acabar a obra de ambos dando-vos campo mais vasto do que esta liça, disse D. Diogo. Não é justo que tão valente lança se embote em folguedos, quando o serviço de El-Rei e a causa da religião tanto carecem de bons defensores.

O governador afastou-se com o velho alcaide, e Estácio voltando-se viu de longe Inesita.

Estava recostada a um dos arcos do pavilhão e procurava o amante com os olhos por entre a multidão: mal sabia que o moço estava tão perto dela.

Mas de repente o seu coração, palpitando com violência, anunciou-lhe a aproximação de Estácio: por súbita e instantânea revelação, que não se explica, ela sentiu a força de um ímã que atraía toda sua alma.

Volveu os olhos e deu com o mancebo.

Violenta comoção abalou o corpo delicado, que estremeceu como se o envolveram ondas de fluido magnético; o sangue fugiu-lhe das faces, queimando o coração. Murchara nos lábios a flor do sorriso. Assim uma planta delicada, oculta na sombra, enlanguesce quando um raio ardente do sol vem súbito aquecê-la. As folhas desmaiam, inclina-se a haste, as flores abrocham; até que a luz filtra nos poros, e a seiva, correndo pelas fibras, reanima a vegetação e a expande mais brilhante.

Passado aquele deslumbramento, a menina surgiu dentre a esplêndida auréola de sua beleza. No sorriso, aveludado pela inefável doçura do coração feliz, a alma exalava perfume suave de rosa mística, voando para o céu azul dos castos amores.

Também Estácio sentia o doce enlevo do coração, ainda não desflorado de esperança:

bebia vida e eternidade no sorrir de Inesita.

Depois de um instante de muda contemplação, em que essas duas almas vazando uma na outra, desviveram em si para renascerem anjos no puro e santo afeto que as unia, Estácio quis falar: a voz evaporou-se em ténue suspiro:

— D. Inês!...

A doçura do seu nome, balbuciado pelos lábios do mancebo, afagou-a, como a melodia de um canto celeste; igual só houvera na terra uma harmonia: era a do nome de Estácio, que lhe adejava no sorriso, e já ressoava intimamente nas cordas d'alma.

Mas foi um grito de espanto que lhe escapou.

A menina vira D. José, parado diante dela, lívido de cólera, mordendo o beijo e cobrindo Estácio com a vista odienta.

Este, no encantamento da presença de Inesita, não o percebera.

— Não parece bem que uma moça se desacompanhe das outras damas, minha irmã. Tomai o vosso lugar, disse o alferes com um modo brusco e descortês.

Estácio voltou-se friamente para D. José.

O alferes acompanhou a irmã até que a viu sentar-se trêmula e pálida no coxim; então dirigiu a palavra ao mancebo.

— Só agora posso agradecer ao senhor estudante a generosidade que há pouco houve para comigo, e o preço de que me fez mercê! disse o alferes com um tom de chasco bem visível.

— Nada tendes que me agradecer, senhor alferes, nada me deveis, respondeu o moço com uma polidez glacial.

— Oh! que vos devo! Mais do que pensais, porém conto breve pagar e com usura. Não pretendeis tomar parte no torneio?

— A pergunta é escusada.

— Não tanto como parece; porque careço de avisar o senhor estudante de uma coisa, continuou o fidalgo com o mesmo ar de ironia. Não trago roupeta, sigo a milícia: quando tiro a minha espada, ou se trate de jogos ou de combates, tenho sempre que é negócio a valer. Será um defeito; mas já não estou em idade de aprender.

Estácio não respondeu.

— Assim trate cada um de defender-se às veras, continuou D. José. Bem pode suceder que brincando mesmo, tenha o profundo desgosto de passar a minha espada pelo corpo de alguém.

— É tudo quanto me tínheis a dizer, senhor alferes? perguntou Estácio com a maior calma e dignidade.

— Tudo; e agora que está de aviso o senhor estudante, se por acaso escolhesse outro campeão, seriam capazes de dizer que tinha medo!

— E não errariam, Senhor D. José, realmente tenho medo.

— Ah! exclamou o alferes.

— Tenho medo de matar-vos; porém por felicidade vossa e minha, sei me dominar.

Estácio voltou as costas ao alferes, e encontrou fito nele o olhar de Inesita. Esse olhar era uma interrogação e uma súplica.

A menina de longe não escutara as palavras, mas vira a expressão de D. José, e presa de cruéis pressentimentos procurava ler no semblante do moço a confirmação dos seus receios, pedindo-lhe ao mesmo tempo indulgência para seu irmão.

Estácio sorriu-lhe; sorriso triste, acerbo e pungente, úlcera d'alma cicatrizando nos lábios.

## **XII - Da sábia controvérsia de dois canonistas sobre casos de consciência bem escabrosos.**

O burburinho de festa, que enchia o Terreiro do Colégio, e o entusiasmo da população baiana iam quebrar-se de encontro à mudez austera e sombrio aspecto do Convento dos Jesuítas.

Grave e silencioso, como o espírito que o dominava, o vasto edifício quedava no meio da alegria e contentamento, que fizera sorrir todas as habitações vizinhas, guarnecidas de colchas e alcatifas. Assim grave e recolhido, se julgaria estranho ao espetáculo representado em face dele.

Tal não era: por detrás da grade que vestia uma das janelas, dois frades, enfiando os olhos pelas frestas, seguiam desde o começo os incidentes do festejo, praticando em voz baixa, para não perturbarem o provincial e o licenciado Vaz Caminha, que continuavam a partida de xadrez, valentemente disputada de parte a parte.

— V. Paternidade conhece sem dúvida aquela donzela com quem fala o governador neste momento? perguntou o P. Molina.

— É D. Inês, filha de D. Francisco de Aguiar, um dos mais ricos senhores de engenho da Bahia.

— Quem é o confessor da casa?

— Fr. Carlos da Luz, do Patriarca São Bento.

— Como! Deixaram que nos preterissem?

— Não ignora V. Paternidade, que os senhores de engenho nos são adversos, por causa do negócio da servidão dos índios.

— Embora! Há sempre meios de insinuar-se. E tenho para mim como um grande erro que cometeram, abandonarem a outros a direção da consciência daquela menina.

— Por que motivo assim pensa o P. Molina?

— Li algures, P. Inácio, que as mulheres governam metade dos homens; e essa metade governa a outra. Quem tivesse o poder de dirigir a consciência desse ente frágil, dominaria o mundo!

— É possível que tenha razão!

— Diga-me; essa menina já não tem mãe?

— Tem-na; porém enferma de uma paralisia.

— É filha única?

— Não; ali está o irmão, D. José de Aguiar; é o segundo cavaleiro de escarlate.

— Vejo! A casta de homem que é esse D. José?

— Dizem ser dado ao jogo e perdulário. Segue a milícia; é alferes do piquete do governador.

— Despachado por D. Diogo de Menezes?

— Pelo próprio.

— Ah! murmurou o P. Molina.

— De que se admira?

— De coisa alguma. Repare o P. Inácio quanto o governador se enleva com a prática daquela menina.

— Quase não dá atenção ao mais.

— Quer saber V. paternidade o que me está passando pela ideia?

— Diga o P. Molina. De tão agudo engenho nunca serão demais os avisos.

— V. paternidade me acanha... É bondade extrema para o mínimo dos servos de Cristo. O que disse não passa de humilde reparo.

— Não é razão para privar-me dele.

— Ora pense o P. Inácio... Não seria bem possível que a mão frágil de uma donzela quebrasse a soberbia do governador poderoso, que pretendem ser de tão rija têmpera? Tem-se visto destes milagres. Davi matou Golias, e bastou para tanto uma pequena pedra.

— Faz mau juízo de D. Inês o P. Molina: é donzela de muito recato que estimam quantos a conhecem pelas prendas e virtudes.

— Nem digo o contrário; mas o P. Inácio há de concordar comigo que no fundo do coração da mulher mais virtuosa, lá existe um átomo de vaidade, como brasa em borralho. Um sopro, e verão a chama atear-se.

— Quer com isto dizer que a julga capaz de galanteios tais!

— Quero dizer que o confessor de D. Inês seria um mau servo de Deus, se dentro em quinze dias não tivesse o governador em sua mão.

— E a virtude dessa donzela, P. Molina, não a leva em conta?

— Que entende V. paternidade por virtude?

O frade embatucou com a pergunta; fitou os olhos surpresos no companheiro, que sorria com a maior beatitude:

— A prática do justo ainda com sacrifício do bem-estar, o cumprimento dos deveres que se resumem todos no amor de Deus, não será a virtude?

— Não decerto, P. Molina.

— Pois decida entre estas qual seja a virtude de mais preço. A virtude de Susana, esposa de Joaquim, que resistiu aos juizes de Babilônia somente para não pecar diante do Senhor, *in conspectu domini*; e a virtude de Judite, que Deus abençoou na sua força para vencer os inimigos de Israel?

— O caso é difícil. Segundo o voto do P. Molina é a última dessas virtudes a mais

agradável ao senhor?

— Segundo o voto dos mestres, em cuja lição nos devemos formar, P. Inácio. A virtude é robustez do ânimo: a beleza da mulher, como a força do homem, são instrumentos na mão do operário de Cristo.

P. Inácio curvou a cabeça diante daquela filosofia perigosa, que assentava a religião sobre as ruínas de todas as crenças e dos seus princípios da moral; havia nessa argumentação tal cunho de energia e tom de convicção profunda, que subjugava a seu pesar o espírito do jesuíta.

— Não consta que aquela menina ame algum cavalheiro? perguntou de repente o P. Gusmão.

— Não curo das coisas mundanas, P. Molina. O que soa é que seu irmão D. José de Aguilar protege os afetos de um Fernando de Ataíde, de quem é amigo.

— Esse Fernando é o primeiro cavaleiro à direita do alferes?

— Justamente.

Nesse momento soaram as trombetas anunciando a investida; os dois jesuítas continuaram este exame, trocando de vez em quando as suas observações, até a ocasião em que a voz do arauto publicou a sentença dos juizes, e Cristóvão de Ávila proclamou Estácio Correia como o vencedor da justa.

Ouvindo o nome de seu discípulo, repetido pelas aclamações entusiásticas do povo, o licenciado sentiu uma comoção violenta, que paralisou-lhe os movimentos: a mão direita, que havia tomado o rei, com a intenção do rocar, parou suspensa sobre o tabuleiro. Assim ficou um instante, com o ouvido atento e a alma dilatada para receber os ecos da ovação que saudava o moço cavalheiro.

Por fim voltando ao jogo e vendo que tinha ainda suspensa a peça que devia mover, sem reparo colocou-a quatro ou cinco casas além. O provincial, estremecendo com o caso nunca visto, deu um salto no tamborete; logo um grito de dor partiu dos lábios pálidos e convulsos de Fernão Cardim.

Catástrofe horrível, capaz de enlouquecer um enxadrista, provocara o grito. Os joelhos do jesuíta, movendo-se imprudentemente na ocasião do seu espanto, tinham virado o bufete e atirado no meio da sala o tabuleiro com as peças, que ainda rolavam no soalho, perseguidas pelo licenciado, cujas perninhas custavam a alcançá-las.

O provincial, de braços cruzados, cabeça caída e cãs em desordem, contemplava os

destroços da partida de honra. Mário sobre as ruínas de Cartago não tinha decerto nem mais eloquência na expressão, nem mais tristeza no olhar, do que Fernão Cardim nesse instante solene.

Mas não eram quaisquer enxadristas os dois parceiros que disputavam havia duas horas a mais renhida batalha que tenham pelejado os trebelhos chineses; o licenciado tomando imediatamente a resolução pronta que exigia o caso, ergueu o tabuleiro, e começou a reconstruir de memória o seu jogo tal como ele se achava na ocasião do desastre.

— Que fazeis, doutor? perguntou o provincial com a voz trêmula.

— Não vedes? Ponho as coisas no estado em que se achavam *ante bellum*.

— E podeis lembrar-vos? acudiu o frade desanuviando o rosto.

— Do meu jogo perfeitamente, como vos deveis recordar do vosso.

— Oh! estou vendo-o como se ainda aí estivesse! Sou capaz de refazê-lo a olhos fechados.

Os dois parceiros puseram mãos à obra; em breve a partida foi restabelecida; não afiançamos que o frade não aproveitasse o ensejo para melhorar a sua posição; e que o licenciado se visse abarbadado com algum xaque improvisado ameaçando de novo o seu rei. Como porém nenhuma das partes beligerantes pôs a menor dúvida sobre a posição estratégica do inimigo, o jogo continuou, e sem mais acidente.

No entanto a conversa prosseguia entre os dois jesuítas.

— É esforçado aquele cavaleiro, dizia o P. Molina; como se chama?

— Estácio Dias Correia; é filho do célebre Robério Dias, possuidor do segredo das minas de prata.

— Tem bela presença! Deve ser capaz de grandes coisas, se tiver bom conselho!

— Não lhe falta; o licenciado Vaz Caminha que V. Paternidade já conhece, é seu pai espiritual; e o Alcaide-Mor Álvaro de Carvalho, que ali está entre os juízes, o estima em muito; e ele o merece, posso assegurar.

O P. Inácio do Louriçal lia durante o tempo que passava na Bahia uma cadeira de Ética. A ele encarregara Vaz Caminha a direção de Estácio, logo que o menino, então na idade de quinze anos, começara de cursar as aulas do colégio. O velho sacerdote se afeiçoara a seu aluno, em quem descobria muitas qualidades, mas nenhuma inclinação para a vida claustral.

Tornou o P. Molina:

— Que faz ele?

— Deve acabar este ano os estudos neste colégio; pelo desejo do doutor, professaria; porém o alcaide opõe-se com todas suas forças e espera que se lhe depare ocasião de seguir a carreira das armas.

— E os haveres? Poucos?

— nenhuns; é pobre como Jó.

— Ignora o segredo de seu pai?

— Robério Dias morreu com ele.

— É o que reza a tradição; mas podia ser boato para adormecer a vigilância dos governadores.

— Sabe V. paternidade alguma coisa a este respeito? perguntou o P. Inácio com vivacidade.

— O que se repete; ouvi contar uma vez essa história, e quer-me parecer que tais minas nunca existiram.

— Estou que se engana o P. Molina.

— Pode ser. Tem razões para pensar o contrário, P. Inácio?

— Talvez.

O P. Molina sorriu:

— Ainda vive a mulher de Robério Dias?

— É morta há cinco anos.

— Com quem vive o filho?

— Com uma tia velha, D. Mência.

— P. Inácio é confessor da dama?

— De que tira essa conjetura?

— É dela naturalmente que houve certeza da existência das minas de prata, respondeu o frade.

O P. Inácio perturbou-se:

— Errado vai o P. Molina: não abuso do segredo da penitência. O que ouço no

confessionário entrego-o a Deus, e só trago comigo a satisfação de ter ajudado a remir da culpa uma alma arrependida.

— Mas suponha que um penitente revela um crime que vai cometer-se, homicídio, *verbi gratia*: deixaria que se consumasse podendo prevenir?

— Suplicaria ao Senhor que iluminasse o espírito desse homem; mas não trairia o segredo da confissão.

— E julga que o Senhor exalce a súplica de uma alma criminosa, porque o era, participando com o seu silêncio ao crime que ia perpetrar-se?

— Tem uma lógica terrível, P. Molina.

— Quanto sei, digo-o a V. paternidade, aprendi dos que durante dois séculos engrandeceram a nossa ordem *para a maior glória de Deus*. Eles me ensinaram, P. Inácio, que os companheiros de Jesus desde que prestam voto de obediência passiva aos superiores, não têm vontade sua.

O frade encarou com o companheiro, como para ver se era o mesmo homem que lhe falava, tão grave lhe pareceu a entonação daquela voz há pouco doce e insinuante; mas o P. Molina já não lhe dava atenção e estava completamente embebido em ver a festa.

Houve uma pequena pausa durante que o P. Molina contemplava a festa, e o P. Inácio contemplava seu estranho companheiro.

O mais velho dos dois jesuítas estava surpreendido do carácter audaz e do espírito arguto que revelara nesta conversa o frade chegado aquela manhã de Espanha.

O tom humilde e tímido com que às vezes falava o P. Molina indicava o homem habituado à obediência; outras vezes a sua voz acentuava a palavra com energia e firmeza, e o seu olhar caía incisivo e penetrante.

Decorreu algum tempo ainda; de repente ouviu-se a vozinha frautada do provincial, gritando:

— Xaque-mate!

— Tinha de ser vossa a partida! acudiu o licenciado com ar contrito.

— Xaque-mate! repetiu Fernão Cardim triunfante. Custou-me! Mas enfim... Oh! podeis gabar-vos de que me destes que fazer, doutor.

— É o que me consola, padre provincial; há derrotas que honram aqueles que as dão, e também os que as sofrem.

— Para quando a desforra?

— Domingo; tantas vezes hei de perder, que uma virá em que lograrei a melhor.

O licenciado dispôs-se a partir, deixando Fernão Cardim ainda enlevado diante do lance admirável com que terminara a partida; lance que Vaz Caminha tinha previsto, e não evitara por ser tempo de dar fim ao jogo.

— Já nos deixa o senhor doutor? perguntou o P. Molina com amabilidade.

— São horas, padre-mestre; *ruit nox*, respondeu o licenciado mostrando o sol que se escondia no horizonte.

Despedindo-se do provincial e dos dois jesuítas, Vaz Caminha ia transpor a porta da livraria, quando a voz do P. Molina o fez voltar.

— Doutor, olhai que vos esqueceu a bengala!

— É verdade! disse o licenciado mordendo os beiços; ia tão distraído.

Tomando a bengala e despedindo-se de novo, o velhinho desceu enfim a escadaria do convento; o P. Inácio tinha-se retirado à sua cela. Ficando só com Fernão Cardim, o P. Gusmão de Molina deu uma volta pela sala deserta, sondando com o olhar os escuros recantos, e parou junto do bufete, onde o provincial estava ocupado em recolher as peças do jogo.

— Fareis reunir esta noite o capítulo, padre provincial! disse em voz baixa, examinando um dos trebelhos de marfim.

— O capítulo? replicou Fernão Cardim como homem que não compreende o que se lhe diz.

— O capítulo, sim, padre provincial, respondeu o jesuíta sorrindo.

— P. Molina, chegastes hoje; isso releva a falta que acabais de cometer. Talvez nas outras províncias se pratique de maneira diversa, embora tal não me conste; mas nesta governo eu, e não admito que nenhum irmão, ainda mesmo professo, se ingira nas minhas atribuições.

O provincial tinha perdido a sua bonomia habitual e revestira-se da rigidez e dignidade própria do superior, quando se quer fazer respeitar.

— V. Reverência à vista disto não está resolvido a reunir o capítulo esta noite? disse o P. Gusmão friamente.

— Não, P. Molina, reunirei quando me aprover.

— Neste caso alguém o convocará.

— Quem? E com que autoridade?

— Breve o saberá V. Reverência.

A noite caía, como dissera o advogado citando Horácio; o sol mergulhava no oceano, coroado de luz e majestade, sempre rei, no ocaso como no momento da ascensão.

As sombras do crepúsculo desdobravam-se já e vestiam a natureza; o silêncio plainando no espaço, descia lentamente sobre a cidade há pouco tão agitada e ruidosa; todos sentiam a influência da hora mística, breve pausa entre a luz e a treva, imagem da vida oscilando entre berço e túmulo.

Soavam trindades.

### **XIII - Dos combates que houve em honra da princesa moura.**

O largo apresentava novo aspecto; as tochas acesas em volta e as luminárias suspensas nas janelas das casas, derramavam sobre as alcatifas cobertas de lantejoulas a claridade das luzes, menos brilhante que a do sol, porém mais suave e fascinante.

A um lado da teia, junto à tenda destinada aos mantenedores, tinham preparado um coxim com dossel; dois cavalheiros, D. José de Aguiar e Fernando de Ataíde, de pé no último degrau, pareciam esperar a pessoa que devia ocupar aquele trono oriental.

Tocaram os anafis na entrada da liça; todos os olhos voltaram-se para ver o novo espetáculo que se apresentava.

Vinha na frente um truão coberto de guizos, fazendo esgares e trejeitos que provocavam o riso da multidão; seguiam dois mouros arrastando as curvas cimitarras; outros dois caminhavam ao lado de um palanquim conduzido por negros vestidos como eunucos, sobre o qual vinha sentada uma mulatinha de dezoito anos.

Era um tipo brasileiro, cruzamento de três raças; americano nas formas, africano no sangue, europeu na gentileza. O moreno suave das faces, os grandes olhos negros e rasgados, os dentes alvos engastados no sorriso lascivo, o requebro lânguido e sensual do porte sedutor sob o traje oriental, davam-lhe ares de verdadeira sultana.

Véu branco e transparente, preso ao airão dourado, descia-lhe sobre o rosto, avivando mais o brilho dos olhos e o carmim dos lábios; as calças largas de tafetá, cerrando no

artelho de uma perna bem torneada, deixavam admirar o pé delgado por entre o bordado da alparca de seda; o saiote de cassa da Índia, preso ao justilho de renda, desaparecia sob a cabaia amarela, semeada de aresta de prata, que lhe caía dos ombros.

Acompanhavam o palanquim oito moças vestidas igualmente à oriental; essas não tinham capa e traziam passados à cintura uns xales de lã de cores vivas; vinham duas a duas, dando as mãos e formando graciosas figuras de dança, que realçavam as formas esbeltas. Fechava a marcha a banda de música que tocava os anafis e outros instrumentos mouros.

Chegando junto do estrado onde se achavam os dois cavalheiros, os eunucos pousaram em terra o palanquim. A princesa moura no meio de suas escravas, ajoelhou sobre o tapete, que estendera um dos guerreiros do séquito.

— Ilustres cavalheiros, disse ela. Eu sou a Princesa Alzira, filha d'El-Rei da Pérsia, que trazida pelo grande esplendor de vossa fama e nomeada de vosso valor, venho pedir-vos amparo e proteção contra o mau fado que me persegue; pois tendo aceitado o esposo que meu pai me destinara, sou agora maltratada da sorte e havida como perjura por um príncipe que me queria.

Parece que a rapariga não recitou exatamente seu papel de comédia; porque D. José, surpreso, murmurou-lhe ao ouvido:

— Que me perseguia!

A princesa deu um muxoxo, e fingindo enxugar duas lágrimas rebeldes, que nem sequer umedeceram o canto dos olhos negros, abaixou a cabeça para esconder o riso brejeiro que frisava a ponta do lábio.

— Erguei-vos, formosa princesa, que não de joelhos, mas sobre um trono, deveis mandar a vossos leais cavalheiros. E secai esses belos olhos, que com fervor de Deus e vosso amparo, breve haveremos fronta e desagravo de vossa injúria.

Estas palavras foram proferidas por D. Fernando de Ataíde; e logo erguendo com toda a galanteria a fingida princesa, a fez sentar no coxim preparado sobre o estrado.

A odalisca deu sinal a suas escravas; estas imediatamente trançaram novas danças, ainda mais graciosas e originais que as primeiras; nos intervalos o histrião mouro divertia o povo com visagens e truanices.

Esta espécie de auto que acabavam de representar era naquele tempo o prólogo necessário do torneio; lembrava as tradições da cavalaria andante, que apesar da sátira

homérica de Miguel Cervantes, ainda viviam no Amadis de Gaula, no Palmerim da Inglaterra, e na imaginação dos cavaleiros de vinte anos ou das meninas namoradas.

D. Fernando e D. José se haviam recolhido à tenda, onde se armavam para manterem a liça contra os aventureiros que a viessem disputar. Mal terminaram as danças, um arauto foi pregar no meio do campo, sobre a haste de uma lança, o cartel de desafio, que era assim concebido:

*Os dois cavaleiros, escolhidos pela formosa Princesa Alzira para defenderem sua causa, dizem e farão conhecer a todos os que aceitarem seu gaje, e lhes provarão a três botes de pique e outros tantos de espada, que é justo que uma dama aceite de preferência o esposo que seu pai e senhor lhe destinou.*

Como mestre Bartolomeu terminava o proclamo do cartel, lançando no meio da arena as manoplas, gaje do combate, os mantenedores saíram da tenda; ao mesmo tempo apareceram na extrema da estacada dois cavaleiros de armadura branca e morrião preto.

Traziam a viseira caída; era impossível conhecê-los; ambos adiantaram-se lentamente até o centro da liça; erguendo o gaje dos mantenedores em sinal de que aceitavam o desafio, descalçaram os guantes e os arremessaram aos pés dos adversários.

Os juízes deram o sinal; os justadores tomaram campo.

— Bem vedes, Sr. D. José, que sou dos primeiros! disse um dos cavaleiros de armas brancas colocando-se em face do alferes.

— Ah! em bem o resolvestes! respondeu o moço cujos olhos lampejavam.

— Descortesia grande seria não responder a tão gracioso invite, retrucou o outro com desdém.

Inesita, que reconhecera nos dois aventureiros Estácio e Cristóvão, sentiu renascerem os sustos, vendo seu amante colocar-se em frente de seu irmão; porém o mancebo pareceu adivinhar o que passava em seu espírito, porque antes de arrancar, pousou a mão aberta sobre a cruz da espada. Compreendeu ela o misterioso juramento? Talvez; um quer que seja serenara o soçobro de sua alma.

O combate começara; rotos os piques sem vitória decisiva de parte a parte, os cavaleiros desembainharam as espadas, e atacaram-se de novo.

D. José tinha cumprido sua palavra; desde o princípio do combate procurava por todos os meios fazer do jogo um duelo; porém a sua arma encontrava sempre a arma de Estácio, que defendia-se com o maior sangue-frio, resolvido a não tomar a ofensiva, nem derramar

uma gota do sangue que para ele era sagrado, porque era o de Inesita.

O moço alferes, a pouco e pouco se ia enraivecendo com aquela resistência fria e invencível, que não esperava encontrar em um estudante; ignorava que as lições de Álvaro de Carvalho tinham criado um discípulo, digno do mestre na perícia, superior pela robustez do braço e pela calma inalterável do espírito.

O despeito o tomou a ponto que perdeu a prudência; precipitou-se sobre o contendor com tal sanha, que a multidão, surpresa da animosidade, excitada mais por estímulo de vingança que por brios de cavaleiros, fitou pasma esperando a peripécia do combate.

Então foi a vez de Inesita estremecer pela vida de Estácio, ameaçada a cada momento por seu irmão, cuja espada brilhando à luz das tochas semelhava nos rápidos volteios uma língua de fogo, e parecia, ora embeber-se no peito do moço, ora lambe-lhe o rosto.

Estácio não se alterou:

— Guardai-vos melhor, sr. alferes! dizia ele ao adversário desviando-lhe os botes.

— Curai de vós e não de mim, respondeu D. José, furioso.

— Pois me dais mais cuidado em não ferir-vos, que em defender-me, como quereis que faça? Pareceis ter antes em mente matar-vos a vós, que a mim mesmo!

De repente a espada do alferes, retraindo-se como uma cobra, distendeu-se com velocidade espantosa, e ia tocar o coração do seu adversário, quando a lâmina de Estácio vibrou com o rasgo que lhe imprimiu a mão ágil, e enleou-se na outra, atirando-a ao longe, e deixando desarmado o alferes que rugia de raiva e humilhação.

O moço ergueu a arma; tomando-a pela ponta, apresentou-a de novo a D. José; mas os juízes interpuseram sua autoridade, e mandaram dar fim ao combate.

— Ficaré para melhor ensejo, disse o alferes embainhando a espada; quando não haja testemunhas que nos olhem, e juízes que nos estorvem.

Estácio inclinou-se, e procurou o olhar de Inesita, para dizer-lhe que tinha cumprido seu juramento; nesse instante Cristóvão conseguia também desarmar o adversário. Os dois amigos, senhores do campo, mantiveram a liça contra os outros aventureiros que se apresentaram, até que por volta de oito horas fechou-se o torneio.

D. Diogo de Menezes e seus convidados recolheram-se a palácio, cujas salas estavam preparadas para um esplêndido sarau que devia pôr termo aos festejos do dia.

Diferentes danças e mascaradas começaram então a percorrer as ruas, armadas de uma

extremidade à outra com arcos de luminárias e alamedas de coqueiros, de cujas palmas pendiam lampiões de várias cores.

Entre as ondas de povo, que enxameava na praça do Palácio, distinguia-se o vulto atlético de Bartolomeu Pires, que dominava a multidão com a estatura e com a voz. O mestre de capela, apesar de seus cinquenta anos puxados, não era de todo insensível ao efeito que produzia o seu vistoso traje de arauto sobre alguns mantéus que o cercavam nesse momento.

— Que ancho está mestre Bartolomeu! Nem dá pelos pobres! disse uma voz feminina.

O cantor voltou-se e viu a alguns passos uma comadre alta e esgrouinhada, rastejando já pelos sessenta.

— Como queria que a visse, tia Eufrásia, no meio desta balborda? respondeu o mestre de capela, torcendo entre os dedos as falripas que lhe pendiam pelas faces rubicundas.

— Cruz! Que é uma confusão de dia de juízo! continuou a tia Eufrásia. Nunca me vi em semelhante entaladela! E para que, minha Mãe Santíssima? Para não ver nada, mesmo nada!

— Pois inda agora chega? perguntou mestre Bartolomeu.

— Prouvera que assim fosse, que não andaria por aí há boas duas horas aos empuxões! Que gentinha tão pífia! Credo!... Não há tir-te nem guar-te com ela! E se uma criatura solta um arre lá, engrifam-se todos! Olhe, mestre Bartolomeu, que se não fosse porque, fazia hoje uma estralada!...

E a matrona, fincando as mãos nos quadris e alongando a belfa, bamboleou o corpo, desafiando a peonagem.

— Alguma lhe aconteceu, que está assim tão arrenegada? disse o mestre de capela admirado daquele desempenho marcial.

— Pudera não! retorqui a tia Eufrásia. Pois não vejam estes peralvilhos a faltarem com o respeito à gente para se derreterem com a bruxa da alfeloeira!...

— Quem? A Joaninha?

— Ela mesma. Quem mais há de ser senão a enjeitada da parteira, que a leve o demo? Porque fez de princesa moura, não se cuida já uma dona! Nanja eu, que com ser uma adela, com minha tenda afreguesada, me tenho em tamanha conta como aquela bisbilhoteira. Mas a culpa, fique com esta que lhe digo, é de quem lhe meteu um par de caraminholas na cabeça.

Nessa ocasião ouviram-se os assobios e apupos do poviléu:

— A bruxa!... Olha a bruxa!

— Avó torta de Satanás!...

— Pede ao teu louro que te estique a pele, engelhada do demo!...

A causa dessa vozeria era uma velha mulher coberta de andrajos, que mostrava todas as aparências de mendiga; mas o povo a tinha em conta de feiticeira.

A sua fisionomia provocava a atenção por uma singularidade incompreensível; a fronte coroada de cabelos grisalhos e revoltos era surcada de rugas profundas que lhe sarjavam também as faces crestadas de nódoas e cosidas de cicatrizes; o nariz disforme tinha as vermelhas protuberâncias que revelam o longo uso da embriaguez. Entretanto nesse semblante decrépito e corroído pelos anos e pelo vício, os olhos e a boca estavam respirando mocidade. Ninguém pode fazer uma ideia do aspecto repulsivo que tinha essa pupila negra nadando em leite, e esse lábio rosado sorrindo sobre alvos dentes, no meio daquela horrenda máscara.

Fugindo diante dos apupos, deixando na mão dos rapazes os farrapos de seus andrajos, a mendiga acertou de encaminhar-se para o lugar onde praticavam mestre Bartolomeu e a adela:

— Não deis ouvidos ao que ela diz, mestre Bartolomeu, é uma má mulher! gritou a bruxa.

— Sai-te, mendiga!

— Antes mendiga que ladra!... Cuidas tu, cadela, que és, e não adela, que te fazes... Cuidas tu que não se sabe do teu comércio danado com o judengo? E da tavolagem que dás no fundo da tenda? E do mais que por aí vai?...

— Vamo-nos daqui, mestre Bartolomeu, que hoje parece anda o diabo solto. Dia de festa é sempre isto!... Muito beberico, por força que hão de vomitar quanta blasfêmia há!

— Vai, vai, cadela, para a pocilga, mas ouve o que te digo!... Estes olhos, que a terra há de comer, não se fechem sem que te vejam pendurada no Largo do Rosário de súcia com teu bonifrate!

Depois dessa praga a feiticeira perdeu-se outra vez na multidão, e deixou que a adela continuasse seu colóquio com o mestre de capela, que seguia um tanto ressabiado do que ouvira e desejoso de ver-se livre da companheira.

De repente soou a voz do licenciado Vaz Caminha; rompendo o cardume de povo que o

submergia, conseguira ele afinal surgir na espécie de esteiro, que o Pires ocupava no meio das vagas revoltas desse mar agitado.

O mestre de capela, apenas o descobriu, estendeu-lhe sua proteção, afastando com um vigoroso arranco dos ombros a mó de gente que ameaçava esmagar o exíguo talhe do jurista.

— Que ideia foi a vossa de deixar-vos ficar neste aperto, senhor licenciado? Fazia-vos a esta hora em casa bem sossegado.

— Um dia não são dias, mestre Bartolomeu, respondeu Vaz Caminha sorrindo.

— Assim é, mas na vossa idade...

— Os velhos gostam às vezes de lembrar-se de seu tempo. Partia-me do Colégio, como principiava o torneio, e influí-me para ver o menino...

— Vistes então como ele desarmou o alferes! Que bote, heim!

— E não lhe achastes um belo parecer? perguntou o advogado satisfeito.

— Com perdão de Sua Mercê, acudiu a tia Eufrásia fazendo uma mesura ao doutor. Era o cavaleiro mais guapo de quantos se apresentaram; eu sei de alguns cujos que se ralavam de inveja.

— Porém o melhor foi na cavalhada, disse o mestre de capela. Não assististes?

— Não, respondeu o licenciado.

— Pois eu vos conto.

— E a da argolinha? retorquiu a matrona.

Tomando seu ar grave e solene das grandes ocasiões, Bartolomeu Pires começou a narrar em voz de cantochão a cena, que passara por causa da distribuição do primeiro preço, e na qual ele representara o importante papel de pregoeiro.

Mal tinha concluído o exórdio, quando a tia Eufrásia, que o escutava com atenção religiosa, descrevendo uma elipse, veio-lhe de encontro ao abdome volumoso e proeminente que repercutiu como um adufe.

— Jesus! Valei-me!...

O mestre de capela acompanhou este grito da matrona com um grunhido surdo, arrancado pela dor que sentira e o obrigara a dobrar a respeitável corpulência.

O acidente desagradável, que atalhara de um modo tão desastroso a eloquência de

mestre Bartolomeu, era produzido por uma revolução súbita que se operava na multidão. Em meio da praça fora ouvido um clamor; de repente um torvelinho de homens, deslocando as massas de povo, precipitou para as extremidades, esmagando quanto se opunha à sua passagem.

O coro de lamentações e gemidos, o choro do mulherio que se encomendava a todos os santos do calendário, as imprecações e juras do poviléo, e algumas vozes de ameaça que destacavam-se na confusão geral, formavam o ruído da torrente impetuosa, que transbordava de seu leito, escoando pelas ruas adjacentes.

Passado o primeiro momento de entalamento, mestre Bartolomeu percebendo o que sucedia, endireitou-se; filou pela gola da garnacha o licenciado que já garrava arrastado pelo turbilhão, e dispôs-se a resistir ao combate furioso das ondas do povo que se encapelavam umas sobre outras.

Firme e impávido como rocha, com a tia Eufrásia que lhe agarrava as panturrilhas, e o licenciado metido embaixo do braço, jogando ao mesmo tempo os ombros hercúleos e a pesada manopla habituada a bater o compasso do fabordão, opondo à enxurrada que o envolvia, as formidáveis ancas, mestre Bartolomeu Pires oferecia um grupo digno de uma estátua, que não teria inveja à de Laocoonte.

Com pouco a multidão rarefez-se; no centro da praça, via-se uma pinha de gente, que falava a um tempo e aos empuxões como para descobrir alguma coisa que passava no meio do ajuntamento; entre a vozeria e o burburinho que fervia sobre tantas cabeças encandecidas, distinguia-se um rugido, que parecia antes de fera que de homem.

O mestre de capela tinha-se aproximado, seguido pelo licenciado sempre calmo e sereno e pela matrona, que já restabelecida do susto estava com a curiosidade aguçada ao último ponto, tanto que foi metendo o nariz pela primeira aberta que o acaso lhe deparou.

la-lhe custando caro a sofreguidão, porque sem o socorro de Bartolomeu, que ainda desta vez lhe valeu, era muito provável ficasse de menos com a rodilha do toucado, que se embaraçara nos colchetes de um gibão; mas o cantor, vendo-a naquelas aflições, quase de rastos, com a melena esticada sobre o occipício, recorreu a um meio sumaríssimo: livrou-a, arrancando o colchete e com ele um punhado dos cabelos grisalhos da tia, que estrebuchou de dor.

Vaz Caminha voltava-se então:

— Mestre Bartolomeu, acudi se é tempo, que talvez poupeis algumas vidas! disse o advogado. Sinto não ter forças para ajudar-vos.

— Como quereis que afaste este poder de gente? Não vedes que estou a esforçar tanto há?

— Por isso não; meios nunca faltam, respondeu Vaz Caminha com sua mansidão ordinária.

— Pois se o sabeis, servi-me com o vosso conselho.

O licenciado chegou-se ainda mais ao grupo, e alçando a voz, bradou:

— O alcaide e seus homens!

Imediatamente, como por uma influência mágica daquelas palavras, o grupo se abriu, e os espectadores voltaram-se, interrogando com os olhos e com a fala, para saber onde apareciam as personagens anunciadas, a quem competia velar sobre a segurança pública.

Aproveitando a primeira aberta, o advogado barafustou por entre o povo; após ele o mestre de capela e a matrona em quem a curiosidade podia mais do que o receio de uma segunda descabelação; porém os três pararam diante do espetáculo horrível que se apresentou às suas vistas.

Um mariola trigueiro, com a fisionomia decomposta pela raiva, a fronte golpeada, os cabelos em desordem e o olhar inflamado, brandia na mão direita uma larga adaga já escorrendo sangue, e com o braço esquerdo cingia pelo talhe uma pobre moça, que ele meneava como um escudo, contra aqueles que o atacavam; mantendo assim imóvel, ou pelo receio de ser ferida ou pelo receio de ferir a rapariga, a multidão que o cercava.

Apesar disto, porém, tinha em frente um competidor que não lhe deixava um momento de repouso.

Era homem ainda moço, de pequena estatura, mas de uma construção vigorosa; tinha pescoço de touro, ombros largos e quadrados como o plinto de uma coluna, braços curtos e grossos, quase sem formas, terminando em duas manoplas formidáveis, cujo peso bastaria para vergar o infeliz sobre quem se abatessem.

Vestia escarlata grosseira; na cinta de couro branco que apertava o pelote ao corpo, via-se um largo manchil de carnicheiro, que indicava a sua profissão de magarefe ou cortador de reses nos açougues.

Desprezando aquela arma temível e servindo-se dos braços nus, parecia cuidar unicamente de arrancar das mãos do seu adversário a rapariga, que se debatia já quase a desfalecer. Insensível às feridas que rasgavam-lhe o ombro e o pescoço, indiferente ao

sangue que lhe escorria pelas vestes, o carnicheiro não toscanejava; toda sua atenção estava concentrada na luta e todos os seus esforços eram para livrar a vítima do conflito, sem contudo ofendê-la. Depois de conseguido esse fim, quando já o não tolhesse o receio de tocar com sua arma o corpo delicado da moça, então ninguém sabe o que aconteceria.

Vendo este combate do primeiro lanço de olhos, a tia Eufrásia vacilou sobre os joelhos, levando as mãos às repas e bradando misericórdia:

— Filho! Anselmo!... Quem me acode!... Ai! meu Jesus de minha alma!

Vaz Caminha com risco iminente de vida adiantou-se erguendo a cana de Bengala, ao passo que mestre Bartolomeu procurava tomar de esguelha o filho da tia Eufrásia, que arrastava a rapariga, e facilmente se conhecia ser o causador da desordem.

Percebeu isto o Anselmo; afastou a tia Eufrásia e fez girar a adaga com tal força e agilidade, que obrigou a multidão a recuar.

— Arredo! gritou ele. Arredo!...

Então foi horrível a confusão; o povo que em princípio, impelido com o pânico, escoara pelas ruas vizinhas, voltava excitado pelo desejo de conhecer a causa do tumulto. De novo arremessando-se para o centro da praça, como fluxo de maré, comprimindo o estreito círculo do combate, enovelou espectadores e adversário num só remoinho.

#### **XIV - Que reza de magarefes e alfeloeiras.**

Uma espada volteou no ar; houve um grito abafado e o tumulto serenou de chofre.

Era o tempo, em que o alcaide-pequeno com os seus quadrilheiros armados de lanças desembocava pela Rua da Sé, e varava entre o povo para aproximar-se do lugar do conflito e prender os delinquentes, que transgrediam a Ordenação do Livro Quinto, levantando volta e assuada.

Mas já o tumulto fora apaziguado; da luta renhida e encarniçada apenas restava o morno silêncio que sucede aos grandes clamores, como às grandes borrascas.

Inesperada intervenção pusera termo ao combate; quando Anselmo impelido com a pressão da onda popular, amiudava os golpes, surgiram dentre a multidão Estácio e Cristóvão; fora a espada do primeiro dos cavalheiros que batendo de prancha, fizera voar

a adaga da mão do lutador.

Estácio, ao sair do torneio, correrá a casa a tomar suas roupas de gala, para ir-se ao sarau.

Na volta parou como prometera no adro de Santa Luzia, olhando para o mar. Sentiu logo o contato macio de mão que apertava-lhe docemente o braço, e as falas de uma voz maviosa, como o canto do saí.

A dama velada estava em face dele:

— Deus vos recompensará, cavalheiro, a graça de acudir tão pronto ao meu rogo.

— Ordenai, senhora, em que vos possa eu ser agradável.

— Esta que vos fala é uma dama infeliz e ao desamparo dos homens, sem outro apoio mais que Deus. Em sua angústia inspirou-lhe ele que se valesse do vosso braço, e venho em seu nome pedir-vos proteção contra a desventura. Me recusareis?

— Não a pode recusar um cristão ao próximo, nem um cavalheiro às damas.

— Bem me dizia o coração que esperasse tudo de vossa generosidade. Não é porém chegado ainda o momento de recorrer ao vosso esforço; em ele chegando vos mandarei aviso. Até lá permiti que me conserve velada e desconhecida.

— Não preciso conhecer-vos para servir-vos; basta que me assegureis que vossa causa é boa e justa.

— Eu vo-lo juro!

— Então só careço de conhecer vosso inimigo.

— Heis de conhecê-lo em tempo. Não vos quero deter mais. Sei que vos esperam no sarau.

A voz teve um ligeiro estremecimento.

— É a hora de lá estar, disse Estácio.

— Dai-me vosso braço; deixar-me-eis em caminho.

A dama seguiu com passo demorado ao flanco de Estácio, fazendo-lhe perguntas sobre as justas e o torneio. A pouca distância um vulto aproximou-se deles e com voz lacrimosa solfejou:

— Esmola pelo amor de Deus!...

— Não trago moeda comigo! murmurou a dama.

Estácio tirou da cinta a bolsa esquia, e se não fosse a escuridão, sua companheira veria o rubor que lhe acendeu as faces. Com doce violência, cheia de faceirice, ela arrebatou-lhe a bolsa das mãos, exclamando:

— Quero dar-lhe eu mesma! Depois voltarei o que ficar-vos a dever.

Tirou da bolsa algumas pequenas moedas de prata, resto dos dobrões deixados pela mãe de Estácio, e deu-as à mulher que implorara a caridade e logo sumiu-se. Então os seus dedos nevados, com uma graça irresistível, repuseram a bolsa à cinta do cavalheiro.

— Ora vos deixo, cavalheiro. Ide-vos, aonde já revoam vossos pensamentos.

Desprendeuse do braço de Estácio e afastou-se, lentamente, como se desejasse ser retida; mas ele ficou olhando-a alguns instantes, e encaminhou-se à casa de Cristóvão que já o esperava.

Juntos se dirigiam a palácio, quando o burburinho dos curiosos, os gritos dos adversários, o fluxo e refluxo da multidão, os atraíram ao lugar do conflito.

O primeiro cuidado dos cavalheiros foi livrar das mãos de Anselmo a rapariga que parecia causa e vítima da briga. Ela tinha desmaiado com o susto que sofrera; apenas livre cobrou os espíritos, e Cristóvão reconheceu, apesar das vestes rotas e ensanguentadas, o rostinho brejeiro e petulante da princesa moura, não alindado como há pouco, senão pálido, amortecido e velado pelos cabelos em desordem.

— Então, formosa princesa, disse o moço sorrindo, não te contentas que senhores e cavalheiros justem por tua beleza, e ainda vens dar torneio na praça pública?

— Por minha mãe vos juro, senhor cavalheiro, que não é culpa minha, replicou a rapariga abaixando as pálpebras rosadas.

— É minha, aposto! acudiu o mancebo gracejando.

— É de quem Deus perdoe o muito mal que me queria fazer, respondeu a princesa. Como saía do torneio, seguiram-me estes dois que aí vedes, e tanto se travaram de razões, que por fim vieram às últimas. E eu inocente que pague as custas.

— Estás ferida? perguntou Estácio.

— De ferro não, que antes o fora que da fama. Que não dirão de mim?

— Sossega, Joaninha, acudiu Cristóvão, mal não pode vir a quem mal não obrou.

— Sabes o que deves fazer? disse Estácio para a rapariga.

— Agora mo direis, senhor cavalheiro, respondeu ela fazendo uma mesura graciosa.

— Pois que esta noite tens foros de princesa, escolhe destes dois paladinos teus, cujo queres ser a dama dos pensamentos.

— Justo! exclamou Cristóvão. É o meio de terminar a contenda. Qual preferes?

— Nenhum, disse a alfeloieira com desdém.

— Queres mostrar esquivança que não sentes; fala.

— Quem eu escolheria, talvez me não quisesse a mim, ou me não soubesse querer, murmurou Joanhina com uma sombra de melancolia. Mais val que ninguém o saiba.

— E se eu te disser que sei? tornou Cristóvão.

— Voto a Deus que não!

— Não será este mariola que te defendia contra o outro, e agora esquece o sangue que lhe corre das feridas para não tirar os olhos de ti?

— Tiburcino!... exclamou a mulatinha fazendo um muxoxo. Ele sabe que não; tanta vez lho tenho dito, que não há conta já. Se continua a querer-me, mal de si.

— E nem dó tens de o ver naquele estado por tua causa? disse Estácio.

— Oh! que sim! Dó, muito! Como o sangue lhe corre! exclamou Joanhina.

Rasgando uma tira de tafetá de seu manto de princesa já esgarçado, chegou-se para o carneiro e tratou de estancar-lhe o sangue.

Um estremecimento de prazer abalou o corpo robusto de Tiburcino, quando sentiu o tato das mãos da alfeloieira; a fisionomia que a dor contraíra achatou-se com um riso alvar.

Chegavam então os homens do alcaide. Os respeitáveis quadrilheiros daquela época já cultivavam, como seus dignos sucessores da polícia moderna, o velho axioma do “mais val tarde que nunca”. Não vinham a tempo de aplacar o tumulto, mas sempre conseguiram empolgar o mariola, que incorrera na pena da Ordenação.

Anselmo, apenas desarmado pelos dois cavalheiros, fora subjugado por mestre Bartolomeu, apesar das súplicas da mãe, cujas lamúrias e choradeiras eram entremeadas de baldões contra a pobre rapariga, que excitara a ojeriza da tia Eufrásia.

Cristóvão obtivera da autoridade a soltura de Tiburcino, que outra culpa não tinha senão a de querer obstar a violência feita a Joanhina. Os quadrilheiros conduziram unicamente Anselmo, que foi-se, lançando sobre a cena que deixava, um olhar torvo e mau.

Anunciando a música em palácio o começo do sarau, os dois amigos iam partir, quando

Estácio percebeu o Doutor Vaz Caminha, a quem não tinha visto, pelo cuidado com que o advogado se ocultava atrás de mestre Bartolomeu.

— Estáveis aqui? perguntou o moço com solicitude e reparando nas vestes amarrotadas do licenciado. Nada vos sucedeu neste tumulto?

— Nada, nada; podeis tranquilizar-vos, filho. Saí quite por um rasgão na capa; mas não é coisa que valha a pena.

— Vinde, deveis estar farto de ver povo e luminárias; vou conduzir-vos a casa, para que não fiquéis sujeito a alguma pior.

— Há tamanha confusão! disse Cristóvão.

— Não vos inquieteis, outra vez vos digo. Ide-vos ao sarau; eu fico por aqui.

— Tanto gostais da festa? admira-me isso!

— *Nihil mirari*, filho, é o preceito do sábio, bem o sabeis.

— Mas não podeis andar só, no meio desta vilanagem, replicara Cristóvão.

— Deixai-me vosso pajem, Estácio; ele me basta.

— Gil! disse Estácio alteando a voz.

Um menino de quatorze anos, vivo e esperto, que acompanhara os cavalheiros e se conservava a alguma distância, chacoteando e rindo com outros da sua idade, aproximou-se.

— Segue o senhor doutor; tu me respondes pelo que lhe acontecer.

— Não tem dúvida, Senhor Estácio! respondeu o pajem com certa galhardia, levando a mão a uma pequena adaga que trazia à cinta, e perfilando o talhe franzino.

Os dois cavalheiros e o doutor sorriram do recacho cavalheiresco de Gil.

— Já vedes que estou em boa guarda; parti-vos tranquilos; não esperdiceis os momentos de prazer, que tão raros vêm e tão cedo vão.

Estácio e seu amigo deixando o licenciado, atravessavam para palácio. Antes de lá chegarem, a mendiga que os vira passar correu a eles:

— Não quereis ouvir a *buena-dicha*, cavalheiros? disse ela com voz submissa e volvendo em torno olhares suspeitosos.

— Se adivinha és, como te inculcas, dize-nos primeiro onde dançarás um dia, na corda ou na fogueira?

— Não quereis então que vos tire a sina?

— Para quê?... retorquiu Ávila. Se boa for, não acreditaremos na sorte; se ruim, melhor é não a saber.

A bruxa enristou-se, chocando com um olhar perverso os dois mancebos que passavam diante dela ricos de mocidade e esperança.

— Pois heis de sabê-la! resmungou ela. Ouvi bem e guardai!

Deu à voz uma entonação sarcástica:

— Sois tão amigos, gentis cavalheiros, tão unidinhos do coração, que ao cabo desejareis trincá-lo um ao outro!...

E soltou uma risada.

Estas palavras e o relincho sardônico que as envolveu, vibraram tristemente na alma de Cristóvão. Não que fosse supersticioso; porém a amizade que votava a Estácio era sensível e nervosa, como a afeição de uma dama. Voltou-se para a feiticeira.

— Vinde cá, mulher! Tomai...

Apalpou o cinto e sorriu; lembrara-se de aplacar as iras da Sibila das ruas, e conheceu que não tinha moeda.

— Trazes bolsa, Estácio?

— Que significa isto?... exclamara o outro.

O estudante, tirando da cinta a bolsa para dá-la ao amigo, ficou surpreso porque não era a sua, mas outra primorosamente bordada a fio de prata e pérolas. Abrindo-a viu que estava cheia de meias dobras. As mãos lhe queimavam como se brincasse com brasas ardentes; parecia-lhe que os olhos de toda a multidão o perseguiram como o receptor do alheio.

Cristóvão também admirado replicou:

— Estás mais rico do que esperavas?

— Esta bolsa não me pertence!

— E como se acha em teu poder?

— Não sei!...

A bruxa resmungou a rir:

— Fortuna de quem empresta às damas caridosas!...

Estácio lembrou-se de repente da dama velada.

— Ah! agora entendo! Vem, que te contarei...

— Empréstame primeiro uma moeda para dar a esta pobre. Aí tendes, mulher; rogai pela ventura de uma boa e santa amizade!

— Rogarei, bom cavalheiro!

E sumiu-se.

Ouvindo o nome de Gil, Joaninha que ligava as feridas de Tiburcino, voltou o rosto; seu olhar afetuoso envolveu o menino. Depois, quando os cavalheiros se afastaram, disse-lhe sorrindo:

— Adeus, Gil; não me falas?

— Deus te dê boa-noite, Joaninha; à fé que te não tinha visto.

— Vem cá, onde vais?

— Vou meu caminho, respondeu o menino tomando a direção em que ia o licenciado.

A alfeloeira acabou de curar o magarefe. Este durante todo aquele tempo não proferira uma palavra, tão absorto ficara em devorar com os olhos as formas sedutoras da moça. Estava como embriagado; temia que sua voz quebrasse o encanto, em que o tinha preso o toque suave das mãos mimosas.

— Agora podeis ir-vos a casa repousar. As feridas não vos doerão tanto, disse Joaninha.

— Não são estas as que mais me doem; outra tenho, e bem funda, que sangra como nenhuma.

— Para essa não lhe sei o remédio, replicou a rapariga sorrindo.

— Sabeis-lo; mas não quereis dá-lo!

— Que o quisesse, não podia.

— Basta já de negaças, Joaninha. Tanto há que me trazeis assim neste embeleco! Por São Tibúrcio, meu divino patrono, que se não pondes termo a isto, a coisa acaba mal.

— Escutai cá, Tiburcino. Já vos disse o que podia dizer, não mais. Tenho eu culpa de me quererdes mau grado meu?... Fazei o que vos aprouver; porém mal aconselhado anda quem pensa ganhar a vontade de alguém com tais abafas.

— Não vos enquizileis, por quem sois, Joaninha de minha alma! Ninguém me tira de que sou um néscio e um sandeu! Não sei que faço; mas tende dó de mim; disse-me ao menos

que se me não dais esperança, também a outro...

— Oh! lá isso é demais, sô Tiburcino! Cada um tem seu segredo; nunca perguntei o vosso, deixai o meu em santa paz.

— Por Deus, que atinarei! exclamou o carnicheiro batendo com o punho no peito amplo e vigoroso. Então ist'há de virar, ou eu não me chamo mais Tiburcino!

— Que haveis de fazer? perguntou a rapariga medindo-o com os olhos.

— Inda perguntais-lo! É pouco roubar-me tudo? E eu que cruze os braços? E não me desforre?...

— Pois então desforrai-vos em mim; pois lhe quero a ele, sem que ele o saiba; ouvis?

— Calai-vos que me ensandecéis!

— Para que me fazeis falar?

— Se me tendes dito isso há um'hora quand'ele queria levar-vos, aqui ficaríamos os três!

— De quem cuidais? De Anselmo? Como vos enganais.

— É ele mesmo! Outra não me escapará.

— Pois bem, ficai-vos com essa; mas sempre vos digo, que se armardes brigas, não achareis mais cavalheiros que vos livrem da gaiola.

— Ouvide, Joanhinha.

— Não quero ouvir nada. Deixai-me sossegada; estou cansada de aturar magarefes!

Tiburcino quis segui-la, mas debalde: a mulatinha tinha-se perdido na turbamulta. Então o tomou tal acesso de raiva e ira contra si mesmo, que aferrando um punhado de cabelos, arrancou-o com desespero.

Estava escrito, que a tia Eufrásia passaria nessa noite por todas as provanças; tendo-se aproximado para ouvir a conversa de Joanhinha, que lhe devia dar tema vasto de murmurações, acertou que a mão de Tiburcino, com o movimento brusco que ele fizera, deu tal repelão nas ventas da matrona que a estendeu a fio comprido.

— Aqui d'El-Rei!... Que me matam!

O amante infeliz de Joanhinha, preocupado com seu infortúnio, nenhum caso fez do acidente; maldizendo-se do seu caiporismo, foi afogar as mágoas com um trago de vinho de Caparica na bodega do Brás Judengo.

A retirada porém não o salvou da ladainha de epítetos afrontosos, que a adela cantou em

todos os tons, e com as várias modulações da voz fanhosa e esganiçada.

— Magarefe dum demo! Cão tihoso! Coisa ruim! Bargante! Alma danada!... Pragas te consumam, cascarreia de mouro! Judengo! Marrano!... Tu ma pagarás com língua de palmo!

A tia Eufrásia continuaria a glosar este mote pelo resto da noite, se um dos quadrilheiros, que o alcaide deixara entre a multidão para evitar novos distúrbios, não a interrompesse.

— Arre lá também! Cala-te, boca praguenta! Se não queres ir pelo mesmo caminho que Anselmo...

A adela tragou o muito que ainda tinha a vomitar; e tratou de recolher antes que lhe sucedesse mais alguma catástrofe nessa noite, que para outros fora tão cheia de folgares e alegrias, para ela tão farta de amarguras.

Ao tempo que isto tinha lugar, Joanhina perdida entre o povo, corria inquieta e sôfrega de um a outro ponto; desde que deixara Tiburcino parecia procurar entre a multidão uma pessoa; mas todos os seus esforços eram inúteis, e a levavam de decepção em decepção.

A vida dessa rapariga tinha a sua crônica misteriosa.

Ninguém sabia de seus pais; mas quase toda a gente a conhecia por causa de sua profissão de alfeloeira ou mercadora de doces e confeitos, que ela vendia pelas ruas numa cestinha de palha; neste mister ocupava todo o dia, percorrendo de uma extrema à outra a cidade do Salvador; às vezes, quando sentia-se fatigada ou quando o sol estava a pino, sentava-se na portada da Sé ou no cruzeiro do Colégio. Divertia-se então em trançar palha de várias cores, com que tecia lindos cabazes e os mais vistosos abanos que ver-se podiam.

Estes dois ramos de negócio sobravam para sua subsistência. Ninguém a via desalinhada, senão mui composta e bem trajada. A beleza e graça natural davam-lhe o sentimento de faceirice inseparável de toda a mulher, que conhece o poder de seus encantos e deseja ostentá-lo, ainda que por simples e inocente vaidade.

A propósito da alfeloeira, um reparo.

Há pequenas indústrias que por sua natureza são próprias da mulher, e formam a sua especialidade na grande oficina do trabalho social. Exercê-las o homem, a parte robusta e livre, parece além de efeminação, injustiça ao sexo frágil e delicado, cuja atividade não é só restringida pela natureza, mas acanhada pelos usos e costumes.

Sentiram os antigos legisladores a necessidade de garantir a mulher contra a indecorosa concorrência do homem na exploração dessas indústrias, femininas por sua natureza. A ordenação do livro 1.º tit. 101 proibia que houvesse alfeloeiros e obreiros; porém acrescentava “se algumas mulheres quiserem vender alféolas e obreias, assim nas ruas e praças, como em suas casas, podê-lo-ão fazer sem pena”.

Por que não será aproveitada na legislação moderna tão salutar disposição?

A liberdade do trabalho tem limites; e nenhum mais justo e sagrado do que a proteção devida pela sociedade às órfãs do século e pupilas da lei. Se a especulação do homem não disputasse à mulher o seu direito ao trabalho, quem sabe quantas misérias não seriam remidas do vício? O pão amassado com o suor é acerbo alguma vez; o pão amassado com lágrimas amarga sempre.

Voltemos a Joanhinha.

Corriam sobre seu nascimento dizeres cuja origem aliás ninguém conhecia.

Contavam que em certa noite aparecera na rua uma criança envolta nas faixas; ali fora achada por uma parteira já idosa, a comadre Brites, que voltava de assistir certa dama. A boa mulher recolhera a criança e a educara.

Diziam mais que na toalha da menina vinha cosida uma carta na qual se pedia à pessoa que a encontrasse, tivesse dela cuidado até a idade de vinte anos, em que seus pais a reconheceriam, recompensando largamente a alma caridosa que a houvesse recolhido. Daqui tiravam mil comentários; e não faltava quem dissesse que este mistério ocultava um alto nascimento.

É a sorte dos enjeitados darem tema às fábulas fantasiadas pela imaginação popular, sempre disposta a acreditar no maravilhoso. O que havia de certo a respeito de Joanhinha era ter sido ela criada pela velha parteira a quem pagava a educação que lhe dera com muito amor e o melhor dos ganhos de sua indústria. A princípio a tia Brites ajudara com seu escasso mealheiro o pequeno negócio; mas em pouco a freguesia tornou-se tão numerosa, as alféolas de Joanhinha começaram a ser tão cobiçadas pelas bocas mimosas das meninas baianas, os seus abanos tão desejados pelas fidalgas, o seu gentil sorriso tão admirado pelos cavalheiros, que logo colheu os frutos do seu trabalho. À uma confessavam todos que na cidade do Salvador não havia nem mais feliz, nem mais formosa alfeloeira.

O desamparo de sua vida livre, bem como a ausência de família, junto à pobreza e ignorância do estado, fez supor aos rapazes namorados que seria uma conquista fácil;

mas Joanhina, que já tinha ganho pela formosura e jovialidade a admiração geral, ganhou com uma virtude austera e uma esquivança constante, a estima e respeito da boa gente. Acabaram por confessar que ela não era só a mais gentil, senão a mais honesta de todas as alfeloeiras dos dois reinos de Portugal e Algarves.

Em verdade, nessa existência vagabunda não havia fato por pequeno que fosse, do qual pudesse nascer a mínima suspeita contra a honestidade de Joanhina; não se sabia, nem sequer desconfiava, de um rapaz ou mesmo senhor a quem ela tivesse dado mostra de bem-querer. Entretanto essa pessoa existia, pois a rapariga o confessara na conversa com Tiburcino; mas o nome estava guardado tão dentro do coração, que nem olhos de rivais, sempre alerta, tinham podido ver na sombra desse mistério. Seria seu amor mal pago? Assim parecia à primeira vista; pois a alma feliz é flor a desabrochar: tem um perfume que recende.

Mas custaria a admitir semelhante conjectura quem vira a expressão travessa e viva de seu olhar, o sorriso malicioso, e a faceirice do gesto galante. Amores tristes e mal afortunados não vivem em crisálida assim dourada e brilhante. Que houvesse completa felicidade, também não era provável. Em certas horas, mais frequentes quando estava só e ninguém a via, a expansão de contentamento desvanecia: anuviava-lhe o rosto sombra fugace de melancolia, recorde ou pressentimento de mágoas.

E porque, em assunto de amores, “essa dor é tão palreira, diz o nosso João de Barros, que logo descobre o que sente o coração”, a crença geral decidia-se pela absoluta isenção da feiticeira mulatinha.

Entretanto a alfeloeira continuava a correr em todas as direções sem achar o que procurava. Não se podendo ter já de fatigada, sentara-se na soleira de uma porta; e começou de cantarolar um vilancete, olhando de longe para as janelas iluminadas do palácio.

O que Joanhina cantava a meia voz, era, se a crônica não mente, uma trova de Gil Vicente, em compasso de lundu:

*Quem quereis que veja olhinhos,*

*Que se não perca por eles*

*Lá por uns jeitinhos lindos*

*Que vos metem em caminhos;*

*E não há caminhos neles,*

*Senão espinhos infindos.*

Houve momento em que a alfeloeira suspirou; sentiu cobrir-lhe o coração uma das nuvens de melancolia que às vezes passavam no céu dos seus pensamentos. Breve rarefez-se a névoa, pois ainda no fundo de sua alma ingênua e pura não estancara a fonte das alegrias inefáveis da juventude, que o mundo, vasto areal, a pouco e pouco vai sorvendo, até que a exaure.

Quem a visse então, acompanhando a música do sarau com a voz e as inflexões da cabeça, traçando com a ponta do pé figuras e passos de dança, e dando estalinhos de castanhola nos dedos, não julgara possível esconder aquele sereno júbilo da mocidade um pesar oculto.

Passavam Bartolomeu Pires e Vaz Caminha. O licenciado oferecera ao mestre de capela uma vez de vinho; nessa intenção dirigiram-se à bodega do Brás.

Gil, cumprindo à risca a ordem de Estácio, acompanhava o licenciado; caminhava arremedando com a sua figurinha de pajem o andar solene e magistral do ex-arauto.

Mal descobriu o menino que seguia sem vê-la, Joaquina ergueu-se de um salto, e cobriu os olhos do pajem com as palmas das mãos.

Ele não se mostrou surpreso da travessura.

— Cuidas que não te conheço as mãos? Tanta alféloa tenho manjado amassada por elas!...

— Também! Não se doam mais elas das que amassarem para ti! respondeu Joaquina despeitada.

— Por que então? Algum mal te fiz eu!

— Inda agorinha? Quase nem me falaste.

— Não viste o cavalheiro mandar que seguisse o senhor licenciado?... Lá dobram o canto! Vou-me após eles.

— Espera!

— Que me queres?

A alfeloeira hesitou corando.

— O Senhor Estácio está no sarau? perguntou depois de uma pausa.

— Pois que para lá foi; lá deve estar.

— Que lindas que são aquelas danças! disse ela suspirando, com os olhos voltados para o palácio. Não te fazem inveja? Não estimarias também ter a tua dama, Gil?

— Ixe! Eu cá penso nisto! disse o travesso pajem afastando-se.

— Até amanhã!... gritou a alfeloeira.

— Guardas-me alguma coisa?

— Vê-lo-ás.

— Pois sim.

Gil correu a alcançar o licenciado que de fato quebrara a esquina; Joanhina voltando-se deu com Tiburcino.

O magarefe estava sombrio e torvo como uma borrasca prestes a desabar; a testa breve e estreita desaparecia franzindo e caía-lhe sobre os olhos pequenos mas vivos; os beiços grossos, fendia-os uma coisa entre carranca e riso, arreganho de dentes, que gelava a medula dos ossos.

Fitando na moça a vista ameaçadora, arrancou a custo da garganta voz surda e cava, antes rugido de fera:

— Sabe-se já por quem vos morreis de amores!

— Quem? perguntou a alfeloeira pálida e trêmula.

— O Senhor Estácio! disse Tiburcino, como se aquele nome lhe queimasse os beiços.

Joanhina soltou uma gargalhada e desapareceu.

## **XV - Da malga que se bebia na taberna do judengo.**

O ramo de louro, antes graveto de tão seco e preto que era já, suspenso à porta, indicava a taberna do Brás.

As vendas, que ainda hoje se encontram, viajando-se as províncias do sul, dão boa amostra do que era ela. O principal repartimento consistia numa espécie de varanda em quadra, primitivamente aberta e agora fechada com tabiques. Fazia as vezes de balcão uma janela bastante larga e rasgada na parede do fundo; ali repimpava-se o judengo no

seu trono báquico, feito de um tonel, através de uma cortina de botelhas, almotolias e canjirões.

Sobre a tez vetusta e denegrada que geralmente apresentavam todos esses objetos desde o edifício até a frasca, espontava aqui e ali um ou outro ponto que tinha ar de frescura e novidade. Eram melhorias introduzidas por mestre Brás depois de sua viagem ao reino.

De ordinário só havia na varanda uma grande mesa esquinada, posta no centro e ao comprido; naquela noite porém, como essa não bastasse para a gente da festa, mestre Brás, sempre fértil em recursos, engendrara modos de satisfazer a sua numerosa freguesia. Uma tábua passada da janela a um cavalete, e barris ou quartolas voltados de borco, faziam bom suplemento de mesas, estreitas sim, mas suficientes para o pratel e a malga.

O popular enchia a taberna, e o fluxo e refluxo dos que entravam e saíam agitava a multidão. Um caboclinho de doze anos de idade acudia aos fregueses e ia de um a outro canto, já saltando por cima das mesas com uma agilidade de saltimbanco, já mergulhando como um peixe por entre as gâmbias dos bebedores. Havia na fisionomia desse menino, como em toda a sua compleição, ares de tristeza e abatimento. Na ligeireza de seus movimentos não aparecia a vivacidade alegre própria da infância, mas um certo movimento ríspido e frio como o de um autômato.

Era Martim, o bicho da taberna, e já nosso conhecido.

Mestre Brás, de costume sempre alerta aos menores gestos dos fregueses, estava nessa noite preso de uma preocupação qualquer. Bem profunda e grave devia de ser ela; o giz esquecido na mão inerte já não marcava na folha carunchosa da janela o rol da despesa feita por cada freguês; e coisa ainda mais estupenda, a paga escorregava pelos dedos frouxos, sem o infalível contado e recontado. Se a gente que ali estava a beber e vozear tivesse tempo de reparar nestes sintomas assustadores, acreditara por seguro que o demo dera volta ao miolo do taberneiro.

Afinal, depois de bom esperar, os olhinhos pardos que o judengo tinha pregados na porta, fisgaram-se como dois croques em um sujeito que entrava. O recém-chegado trazia com efeito uma cara de caso. Era homem da plebe, de má catadura e piores obras; parara na penumbra da parte de fora, e apenas viu enfiar-se pelo seu o olhar interrogador e assustado de mestre Brás, levantou a mão direita à altura da face, cerrando-a logo após com o gesto de quem fecha alguma coisa na palma.

O taberneiro pulou no fundo da quartola que lhe servia de tamborete, como se fosse de

borracha. Alongou o pescoço por entre os garrafões, e os beijos moveram-se mudamente como soletrando, sem pronunciá-la, uma palavra:

— Filado?...

O sujeito parece que traduziu a palavra pelo simples movimento labial, pois a confirmou com uma flexão de cabeça; e ao mesmo tempo designou com um olhar a Praça do Palácio. Mestre Brás bufou de raiva, armando um murro ao demo; o caboclinho que se achegava na ocasião o recebeu em cheio no estômago e revirou de cambalhota, sem força de soltar um gemido.

— Toma, enguiço de Belzebu, é para o teu tabaco!... Já!... Salta daí! berrou o judengo atirando à criança um pontapé; vai dizer àquele tiro de azêmolas... àquele que ali está restolhando dêz trindades, que se ponha ao vento!... Basta de beberrico! A freguesia está farta e refarta de esperar! Deixem a malga aos outros, que também a querem!

— Bem falado, mestre Brás! exclamaram alguns fregueses que estavam de pé.

— É mesmo! acudiram outros. A cada qual sua vez.

Os quatro latagões da camarada, que o taberneiro em sua linguagem pitoresca chamara de tiro de azêmolas, levantaram a orelha; mas ao avesso do que se devera esperar de gente de tal laia, foram de manso desocupando a mesa a que estavam agarrados desde o começo da noite, e esgueirando-se pela porta. No momento em que se aproximaram do balcão, fingindo pagar o escote ao taberneiro, este disse-lhes rápido e em voz quase imperceptível:

— Fila d'Anselmo!... Ide sem detença!

O sujeito do sinal parece que só esperava pela camarada, pois foi-se com ela. Ao sair cochicharam os cinco entre si, e logo separaram-se em direções opostas por entre os grupos de festeiros e populares. Com pouco o murmúrio, que plaina sempre sobre a multidão como o zumbir das colmeias, se fora elevando; vozes soltas soaram mais alto; o popular fervilhou; um primeiro indivíduo correu para a extremidade da rua; depois segundo, logo terceiro; e afinal a turbamulta precipitou-se em cheio.

De envolta com o estrupido dos pés ouvia-se um vozear múltiplo e confuso que parecia dizer:

— Briga na Praça outra vez!...

A onda de povo, que alastrara pelas ruas adjacentes logo depois da briga de Tiburcino com Anselmo, condensando-se agora, de novo refluía compelida pela curiosidade de

assistir a outro espetáculo. Quando ela desembocava na praça, ainda se notava um cordão de gente desdobrando-se para o lado oriental, onde se erguia o edifício do Senado da Câmara com a cadeia do conselho. Eram os quadrilheiros que conduziam o Anselmo quase de rastos, e esforçavam havia bom quarto de hora para atravessar o pequeno espaço que medeava entre o lugar da briga e a porta da cadeia. Mas os dignos alguazis da Câmara, além de bisonhos no ofício, tinham de lutar com os repelões do robusto rapaz e com a resistência da turba de curiosos aglomerada na passagem.

Os que formavam a cabeça da serpente popular, e não eram outros senão os cinco homens do Brás, em vez de correr direito ao ajuntamento, resvalaram rente com as casas, de modo a passarem entre a cadeia e os quadrilheiros. A turba coleou e, como eles tinham previsto, veio bater de frente contra o outro grupo, enovelando-se com ele. Houve grande confusão; ouviram-se alguns clamores; e quando a multidão rareou e a ordem se restabeleceu, o Anselmo havia desaparecido.

Mestre Brás ignorava ainda o sucedido, no momento em que o Doutor Vaz Caminha e seu companheiro entravam na taverna; por isso não se há de estranhar que deixasse de festejar, como costumava, a boa-vinda à sua casa de pessoas tão conspícuas. Com efeito o taberneiro cada vez mais preocupado saíra do balcão para vir recostar-se à janela; e aí, todo ouvido e todo olhar para a rua, nem sequer vira entrar o advogado.

Bartolomeu porém, que não desempenhava de balde, e com tanta bizzarria, o ofício de mestre de cerimônias, chamou o judengo aos seus deveres de cortesia e hospedagem, do modo o mais expedito. Lobrigando no vão da janela a figura meã do taberneiro que lhe voltava as costas, o cantor estendeu o braço, espalmando a larga manopla sobre a cabeça do mísero, que pensou lhe desabara o teto da casa. Então apertando-lhe o crânio entre o polegar e o índice, e torcendo-o pouco mais ou menos como uma cravelha de rabecão, trouxe-o assim à presença do paciente advogado, que modestamente esperava à porta.

— Não vedes o senhor licenciado que vos faz a honra de entrar em vossa pocilga, mestre cão?

— Deixai! Deixai, amigo Bartolomeu!

— O senhor licenciado!... Mas por Deus que o não tinha visto!... Meu melhor freguês! Bem fizestes de mo advertir, mestre Bartolomeu... Senhor Bartolomeu Pires... Esta minha cabeça... Também é uma algazarra...

Isto dizia o taberneiro desfazendo-se em zumbaias à direita e à esquerda, e encolhendo-

se o mais que podia, a ver se fazia-se tão baixo que o não alcançasse segunda vez a formidável manopla do mestre de capela.

— Bom! bom!... Não nos azoineis com o vosso falsete! Segui adiante, e trouxe-nos do melhor, que é o senhor licenciado quem bebe, e eu quem paga. Ouvides!

O advogado quis contestar.

— Então, homem! gritou o cantor com a sua mais cheia voz de baixo profundo. Ainda me estais aí feito um estafermo?... Presto!... Em três tempos!

Bartolomeu levantou dois dedos sós para bater o compasso ternário. O Brás eclipsou-se como um relâmpago, e voltou logo com uma candeia na mão direita, pichéis na esquerda e duas botelhas sobraçadas. Abrindo a porta do corredor guiou os dois fregueses a um camarim reservado para as pessoas de condição que não gostassem de se misturar com a gentilha. O taberneiro deitou sobre a mesa as garrafas e os pichéis, feito o que desapareceu pela porta em três profundas reverências.

A espessa crosta de pó e as grossas teias de aranhas de que estavam cobertas as duas garrafas, atestavam sua respeitável idade. Quando mestre Bartolomeu Pires, com a delicadeza e antegosto de exímio bebedor que era, limpava docemente o gargalo para sacar a rolha, o advogado suspirou e esteve algum tempo embevecido a olhar a poeira que se dissipava no ar; alguma porção lhe caiu na manga da garnacha, que o estremeceu com íntimo e recôndito sentimento.

A botelha viera de seu velho Portugal; quem sabia se aquele pó não era ainda da terra natal!

— É do superior! dizia entretanto o mestre de capela dando na língua o estalo clássico. Tão boa tivesse o excomungado do taberneiro a alma, como tem a adega!

O advogado tomou uma prova no pichel:

— Ótimo! disse ele, e melhor ainda mestre Bartolomeu, porque vem do nosso Minho!

— É verdade, senhor licenciado! Se tornaremos lá ainda?

— A mim espero que praza a Deus deixar que me vá restituir o pó destes ossos à terra de que foram amassados; mas a vós bem difícil me parece que lá torneis já agora.

— Por que então, Senhor Vaz Caminha! Cuidais que me não apertem a mim também as lembranças?...

— Oh! que não!... Alma sã e reta vos sei eu, amigo; e nas almas assim a pátria vive

sempre presente, ainda que apartado o corpo. Porém esta também é já pátria vossa, por sê-lo de vossa mulher e filhos. Pensais que sejam laços esses para romperem-se?

— Se todos iremos!...

— Eles... E os parentes e a gente deles, e a terra em que nasceram, também irão convosco?... Levareis uns pedaços do coração, mestre Bartolomeu; outros cá ficarão, como nos ficaram a nós lá dalém mar.

— Mas quando falo de ir, não crede que seja por uma feita, não. É negócio de matar saudade e tornar.

O doutor um instante absorvido em suas recordações, reatou logo a conversa, já menos enternecido.

— E vosso ofício? E vosso estabelecimento da ilha? Haveis de sacrificar a um sentimento outro não menos sagrado? Porque desejais como bom filho rever o nosso Portugal, esqueceréis como pai a herança de vossa família?

Mestre Bartolomeu era dono da Ilha da Maré; e Gabriel Soares que o conhecera vinte e dois anos antes, deixou notícia dele e de seu engenho.

— Tendes sobras de razão. Mas supondo que já por esse tempo tenha a gente posto de parte algum cabedal, que direis então?

— Se contaís com isso, é outro o caso. Ao que parece as pescarias vos têm ido de feição?

— Assim, assim! Sempre deixam alguns reais!

— E quem dirá, que vivendo nesta terra há cerca de vinte anos, ainda não vi a vossa ilha, mestre Bartolomeu!

— Porque não haveis querido. Tantas vezes pedi já de balde, que afinal desenganei. Ainda por São João, que passou.

— É certo; vezes que não têm conta; bem sabeis porém quanto custa na minha idade estar um dia fora de casa. Demais, nunca fui amigo de andar sobre a água.

— Falta-vos o costume. Se uma vez vos dispusésseis, veríeis que é mais cômodo do que andar na terra firme. E tão perto que é! Da ribeira lá com bom vento não gasto eu tanto como numa caminhada a Vitória.

— E tendes vós embarcações seguras em que a gente se possa fiar?

— Que dúvida! Os meus barcos de pescaria. Ninguém os tem melhores.

— Contudo, se o mar estiver agitado?

— Que tem?

— Não haverá perigo?

— Nenhum, vos afianço eu! Ainda que o tempo seja de borrasca, podeis aí estar tão sossegado como em vossa casa.

— Verdade é, dizia Vaz Caminha, que tenho ouvido andarem batelões muitas léguas pelo mar alto, e mesmo virem a este porto alguns de Pernambuco. Mas não anda aí exageração?

— Pois se estão chegando todos os dias de Porto Seguro e Alagoas! E como são esses? Podres e abertos que é um milagre não irem ao fundo.

— Os vossos são fortes?

— Os meus?... São de tapinhoã; e concerto-os cada ano que Deus dá!

— Visto que me segurais a viagem, quero desobrigar-me para convosco de tão repetidas instâncias, aceitando um dia a vossa hospedagem.

O mestre de capela cheio dos vapores do vinho e do júbilo que acendera a promessa do advogado, desandou na porta que lhe ficava ao alcance do longo braço, uma tremenda palmada, que serviu de acompanhamento ao nome do taberneiro solfejado nas sete notas da clave.

— Mais duas!... gritou o cantor apenas sentiu no corredor os passos do taberneiro.

Brás apareceu instantes depois com duas botelhas, como as primeiras, encanecidas pelo pó. Enchendo os dois pichéis do generoso vinho, mestre Bartolomeu alçou a mão com a solenidade das grandes festas da Sé, e saudou o advogado:

— À satisfação da vossa tão esperada e mais desejada visita, Doutor Vaz Caminha!

— Ao hospedeiro amigo! tornou o bom velhinho com sincera expansão.

— Só peço a Deus que cedo nos mande o dia abençoado! acrescentou Pires deitando sobre a mesa o pichel completamente enxuto.

— Breve será. E mais, disse: quando pretendeis lá ir?

— Domingo, depois da missa.

— Bem pode ser que me tenhais de companhia. Não é certo ainda... Havemos de concertar até lá.

O advogado, começando a prática sob a impressão do momento, a dirigira com a agudeza dos engenhos superiores ao fim que tinha em mira quando convidara o mestre de capela para, de companhia, esvaziarem uma botelha de vinho. De onde provinha o súbito interesse do doutor pela Ilha da Maré, e pelos batelões e pescarias de Bartolomeu Pires, não sei eu. É de crer que ele tivesse suas razões e das melhores, pois era homem que sabia pesar as coisas; mas tão matreiro, que fora difícil ao mais esperto penetrar-lhe as intenções.

Os velhos amigos continuaram a prática, que se prolongou pela noite adiante. Enquanto eles assim discursavam de vários assuntos, outros incidentes ocorreram na taberna.

Voltando de servir o advogado e o mestre de capela, viu Brás postado na porta o mesmo sujeito que pouco antes lhe trouxera a notícia da prisão de Anselmo; mais longe, na rua, apareciam os vultos dos quatro da camarada, tão bruscamente enxotada da taberna. O judengo, do primeiro lanço d'olhos leu boa nova naquela cara espalmada de riso e satisfação. À interrogação muda da fisionomia do taberneiro respondeu o sujeito olhando para o teto.

A casa do judengo tinha uma trapeira, e ele sabia que bons serviços pode prestar essa espécie de porta escusa, aberta sobre os telhados vizinhos. Escapando-se pelo interior, foi abrir a janelinha ao Anselmo, que usurpava essa noite o domínio dos gatos.

— Sempre vos meteis em boas!... disse o taberneiro, a modo de consolação. Até que um dia vos leve o demo à breca.

— Deixai-me cá!... tornou o outro carrancudo. Cada qual tem seu embeleco; e o meu é aquela maldita rapariga!...

— Ah! o caso é esse?... Cuidei mais sério! E perder-se uma noite como esta que veio mesmo ao pintar!... Podia já estar o negócio adiantado...

— Não digo que não; mas ainda se pode remediar.

— Pode, pode, se não houver detença. Aí tendes com que matar a sede e forrar o estômago. Aviai e a caminho! O negro deve estar mais que farto de esperar.

Anselmo estava soturno, lembrando o que lhe acontecera; tinha poucas palavras e nenhuma fome. Virou a malga de vinho, e tomando a um canto o arcabuz de mestre Brás e um punhal, disse:

— Dai aviso aos outros; por mim estou aviado.

— Onde achais que vos esperem?

— No adro de Santa Luzia.

O mariola sumiu-se de novo pela trapeira, e ganhando os telhados até o fim do quarteirão, saltou na rua, escura e deserta nessa passagem; depois dando uma grande volta por detrás da Câmara, foi sair em Santa Luzia.

O judengo desceu à varanda.

Na sua ausência o caboclinho, acudindo afinal aos repetidos sinais que lhe fazia Gil desde a chegada, correu à janela. Ligava essas duas crianças um sentimento, que era gratidão da parte do índio e dó da parte do pajem.

— Que tens tu hoje, Martim, que me torces as ventas quando te chamo? E com que má cara estás! Foi mau-olhado que te deitou a bruxa da velha Eufrásia, aquela arrenegada?...

— Mau-olhado!... mau-olhado!... murmurou o índio. Se o fora!... Bom esmurrar!

— Esmurrou-te?... Ele, o cão do judengo, o focinho de caititu?

— Agora mesmo... Quase me desancou... Tenho todo o corpo moído de pancada... E queres que traga cara de riso, Gil?...

Os meninos ficaram a olhar em silêncio um para o outro. Nisso o taberneiro chegando à porta bispou Martim, e caindo sobre ele como ave de rapina, físgou-lhe a orelha. Lá foi o pobrezinho de rastros, batendo por bancos e mesas, até o balcão onde o judengo o arremessou como um fardo.

Gil sacara do punhal; saltou na ombreira da janela para correr sus ao taberneiro; o menino ia cego de ira; ninguém sabe o que seria do Brás, se um dos companheiros do Anselmo que viu o movimento do pajem, não lhe obstasse o intento.

— Que é isso agora?... Franguinho já de esporão!... Salta, pirralho!

O sujeito que proferira estas palavras tentou agarrar o braço de Gil, mas este correu-lhe a punhalada tão rápido que ainda arranhou-lhe a mão apesar da ligeireza com que fugira.

— Encolha a munheca, sô barbaças! disse o petulante menino, engrilando o franzino talhe.

Naturalmente o barbaças ia retorquir-lhe a fineza com alguma punhada ou tapa, quando chamado pelos companheiros reuniu-se a eles e seguiram os cinco rua abaixo. Durante a briga de Gil, o taberneiro havia segredado ao ouvido do espia o que fora combinado com o Anselmo na trapeira. Os cinco da camarada iam pois encontrar-se com o carpinteiro no adro de Santa Luzia.

Depois que partiram, mestre Brás mais sossegado e já prazenteiro, voltou ao estado normal, à sua consciência de taberneiro. Cada grupo de fregueses mereceu um sorriso e uma reverência aferida pela soma provável de escote. O giz começou de trabalhar com a costumada presteza e segurança; e os olhinhos vivos e pequeninos, saltando de mesa em mesa, não viram mais senão as escudelas e pichéis que se esvaziavam, e as bocas que se enchiam.

Estava escrito porém que essa noite seria de tributações também para mestre Brás. Outro susto ainda rapou ele, embora passageiro. Foi o caso que mal começou de ser tangido o sino de recolher, assomou na entrada da taberna o negro Lucas. Brás supunha-o àquela hora bem longe daí com o Anselmo e os outros; a inesperada aparição o fez estremecer, pensando que estivesse o caldo entornado. Entretanto o africano, com a calma bruta que lhe era habitual, passeou o olhar pela varanda, e não vendo o que buscava, endireitou para o balcão.

— Que houve? perguntou rápido o taberneiro.

— Nada!

— A que vieste então?

— À festa!... respondeu o negro, cuja face achatou-se com um riso largo.

O judengo teve ímpetos de quebrar uma garrafa na cabeça do negro; mas era homem de suma prudência; reprimiu esse inconsiderado movimento, e consolou-se em coçar a orelha, à maneira de gato; com a diferença de que o gato coça a orelha de satisfeito, mestre Brás coçava de arrenegado. Lucas deu-lhe as costas e foi sentar-se no poial da janela onde chupitou a golo e golo um martelinho de aguardente.

Por esse tempo ressonava de bruços sobre a mesa mestre Bartolomeu Pires, com um ronco de prima de rabeção. Vítimas desse beático sono, jaziam atiradas ao canto as quatro garrafas cujo líquido, com exceção de um pichel que bebera o advogado, passara todo pela musical laringe do mestre de capela ao seu vasto estômago.

Vaz Caminha, do outro lado da mesa, com o cotovelo fincado na perna e o queixo apoiado no polegar da mão esquerda, resumia mentalmente os acontecimentos daquele dia e as longas e laboriosas meditações que eles haviam sugerido ao seu espírito.

Havia muito já que o sino emudecera, deixando nos ares a longa e triste vibração do bronze, que trespassou como um gemido plangente o festivo burburinho da praça. Lembrando-se do emprazamento que tomara pela manhã e que tivera todo o dia presente

à memória, o advogado ergueu-se afinal e seguiu ao longo do corredor. Saído à varanda lobrigou o negro que tinha nele cravado o olhar acerado. Vaz Caminha depois de pagar a escote e encomendar o digno mestre de capela aos cuidados do taberneiro, ganhou a rua. Lucas desaparecera; mas o doutor viu-o a alguns passos de distância, que o esperava para servir-lhe de guia.

la tomar naquela direção quando Gil, que os espreitava do vão de uma porta fronteira, saiu-lhe ao encontro. O doutor o havia esquecido; habituado a andar sem acostado ou servo, não sentira a falta do menino, e nem lhe ocorrera durante a noite a ordem que Estácio dera a seu pajem.

O primeiro pensamento do doutor, vendo-o, foi que estava sem cear a hora tão adiantada, e culpou-se a si daquela crueldade.

— Ainda estais aqui, Gil?

— Se foi a ordem do Senhor Estácio!

— Tendes razão, rapaz; cumpristes com o que vos mandaram, não eu com o que devia. Vinde cá, mestre Brás vos dará a ceia; depois ide à casa recolher. Não hei precisão de vós.

— Com perdão de V.M.<sup>cê</sup>, senhor licenciado, livre-me Deus de tocar coisa de comer e beber em que este excomungado taberneiro pôs o gadanho. Quanto ele vende é mal agourado, e não me mataria a fome a mim.

— É que a fome não é grande, filho; senão faríeis como os outros. Visto isto, já ceastes?

— Se vos digo que não! Mas não vos dê cuidado, que eu tenho aqui quanto basta para não dormir pagão.

E o menino mostrou uma naca de pão que trazia no bolso, e na qual havia dado uma ou duas dentadas. O licenciado tranquilo por este lado, bem que admirado da sobriedade do menino, que preferia aos guisados e covilhetes de mestre Brás a pada seca e dura, continuou seu caminho. Lucas, seguia adiante guardando a mesma distância.

Dirigiram-se até a extrema sul da cidade, então conhecida por porta de São Bento, em memória das antigas muralhas erguidas por Tomé de Sousa.

## **XVI – Do que são rosas e mais amores.**

Estácio e Cristóvão deixando a bruxa tinham entrado em palácio.

O sarau começara.

As danças figuradas e graciosas do tempo faziam voltear pelo salão as damas, e também os cavalheiros que tinham tanto garbo em executar um passo airoso de pantomima ou fazer um batão e uma floreta, como no exceder-se pelas armas e feitos guerreiros.

A dança não era então como atualmente desfastio ou pretexto de conversa, mas uma arte que se cultivava com esmero, e dava ao corpo a flexibilidade das formas e o donaire dos gestos e maneiras; qualidades estas indispensáveis em uma época em que o vestuário elegante e garrido obrigava o homem, sob pena de ridículo, a ter a perna bem torneada, o talhe esbelto, e a rasgar uma cortesia exatamente copiada dos mais belos modelos da corte de D. João II.

No momento em que os dois amigos entravam, dançava-se um bailo de machatins.

Essa linda composição coreográfica, inspiração de um artista de talento, cujo nome a história ingrata deixou no silêncio, fora inventada em 1603 na Vila Viçosa por ocasião das grandes festas que se fizeram com o casamento de D. Teodósio II, Duque de Bragança. Apesar de seis anos de existência era ainda nos saraus a novidade ou, como hoje diríamos, a última moda dos casquilhos da Bahia e Pernambuco.

Inesita fazia uma das figuras do bailado, e esquecia-se no abandono d'alma, entregue toda ao inocente prazer.

Quando a flor desfolha vai-se o aroma, vem o fruto. Há na mulher enquanto a maternidade a não santifica, um quer que seja de frívolo e infantil, perfume de puerice, que exala de toda a sua pessoa. Ainda o estame não abriu.

Assim, naquele instante era Inesita uma criança: de moça se tornara menina; brincava entre os braços de seu cavalheiro, como outrora folgara no regaço materno. Nem já lembravam-lhe as justas, os enlevos e sustos que sentira. Seu mundo ali estava no bailo: dançava.

Sua beleza em repouso era para a deslumbrante formosura que lhe dava a agitação e movimento do bailo, como a sombra para a luz: cintilava. Na ondulação das formas, na flexibilidade do talhe e no gesto que desatava em meneios graciosos, havia irradiações esplêndidas.

Estácio aproximou-se, e ela não o viu.

O moço tinha espinhos a pungir-lhe dentro d'alma.

O cavalheiro de Inesita era Fernando de Ataíde. Cada vez que o dançarino, executando a figura do bailo, travava da mão da menina ou enlaçava-lhe a cintura, Estácio sentia dor violenta a morder-lhe o coração.

Junto praticavam alegremente das festas e do bailo vários convidados; mas ele nada ouvia: os ritornelos da música de envolta com o burburinho da sala ressoavam a seu ouvido como golpes de um malho, que lhe trabalhasse no cérebro. De repente o nome de Inesita, proferido perto, foi um raio que atravessou a tormenta.

— Então casa D. Inês de Aguiar? dizia um convidado.

— Com D. Fernando de Ataíde? perguntou outro.

— São novas para mim! acudiu terceiro.

— Como para os mais. Se D. Francisco mal acaba de anunciá-lo ao senhor governador!

Fez-se n'alma de Estácio uma grande treva e maior silêncio. Quanto tempo durou esta noite do espírito, nunca ele o soube; houvera uma solução de continuidade em sua vida: ficou-lhe um vácuo no passado.

Quando voltou a si, estava ao relento, num campo escuro. Quem o trouxera ali? Como viera? Sente-se muitas vezes nas grandes aflições uma necessidade invencível de agitação; o homem parece que forceja por escapar a si mesmo e à dor que o possui; move-se e caminha, vai sem destino, fugindo ao que vê.

Assim chegara o moço àquele sítio.

Viu que tinha nas mãos um objeto; sentiu que esse objeto estava úmido. Era o lenço de Inesita que tinham molhado suas lágrimas. Não se lembrava de haver chorado; nem sabia como a prenda da menina saíra do seio onde a tinha guardada.

— Valia a pena defender contra o ódio de seu irmão esta vida que era dela? murmurava-lhe uma voz dentro d'alma.

Por misteriosa associação de ideias desembainhou a espada: dobrou-a no joelho; a lâmina partiu-se.

Olhou ele um instante os pedaços, como olharia na outra vida, precito já, seu espojo mortal. Rojou-os de si e serenou logo. A dor não se extinguiu, não; mas agora a sentia como em distância, longe, bem longe do coração; cercava-o uma névoa espessa; estava em um mundo estranho e novo.

Para este da terra, acabava ele de finar-se. Quebrando a espada, sua defesa, morrera;

sepultara-se atirando os pedaços ao chão. Sombra apenas, não já vivente, errava ainda, penando como os duendes dos contos populares.

Após esta, veio outra alucinação. Pareceu-lhe que mão de ferro, gelada e fria, pousava no peito de seu cadáver, e arrancava fora o coração, e fugia pela treva. E ele pôs-se a seguir essa mão, caminhando sem sentir.

Tirou-o desse pesadelo uma voz infantil, que lhe falava. Era a voz de Gil, parado em face dele, com um cavalo à destra.

— O senhor licenciado mandou-me esperar o cavalheiro, pois já não havia precisão de mim. Como estivesse aqui à mão o cavalo fui buscá-lo, e bem fiz, que já é tarde muito! Cuidei que não acabava mais hoje de esperar!...

Estácio não ouvia o pajem. Escutava o rumor das palavras; reconhecera o menino, mas só a pouco e pouco foi voltando à realidade, de que escapara por tantas horas. Volveu o olhar pelo sítio onde se achava; era a calçada do palácio, à qual viera como dela se fora, sem consciência.

Então lembrou-se do que sucedera. Via diante um abismo negro e imenso, no qual ele se afogara e surgira enfim. Na margem de além a sua felicidade perdida; aquém, na outra margem, ele transido e extinto.

Que tempo levara a debater-se no abismo antes de transpô-lo? Quantas horas ou quantos anos aturara essa agonia? Que passara durante no mundo a que pertencera, e na cidade onde habitara?

Fitou Gil; observou a fachada dos edifícios. Procurava ele com este exame ver se o menino tinha envelhecido ou as construções desmoronado em ruína?

— O sarau?... exclamou afinal.

Nesta interrogação havia um poema inteiro, uma elegia. Era a história de seu amor, cujo triste epílogo fora aquele sarau; era o casamento de Inesita aí anunciado; era a ventura de seu rival escarnecendo do infortúnio dele, Estácio; era o passado e o futuro.

— O sarau?... respondeu Gil. Quanto há que de lá partimos! Ainda era em ontem!

— Serão que horas?

— É noite alta. Se os galos já cantaram a primeira vez!...

O moço deu alguns passos maquinalmente; o pajem ouviu-lhe palavras soltas, murmuradas consigo.

— Ao romper d'alva... Lá serei.

Voltou para o menino.

— Viste quando se partiram do sarau os convidados?

— Eu que chegava e eles que começavam de ir-se.

— Reparaste...

Estácio hesitou.

— Dos primeiros, acudiu o pajem disfarçando, foi o fidalgo que fez de juiz, sem ser o desembargador.

— D. Francisco?

— Isso mesmo. Foi-se com a doninha e o outro... o alferes.

— E ninguém mais? perguntou Estácio engolindo as palavras.

— Mais não vi eu, tornou o menino sem titubear.

E acrescentou consigo:

“Deus me perdoe.”

— Não ia também D. Fernando de Ataíde?

— Bem pode ser que me escapasse.

— Qual caminho tomaram? Lembras-te? Foram logo direito ao engenho?

— Quer me parecer que não. Vi tomarem para as bandas de Nazaré. Não têm casa aí? Têm-na, que lá vai a Joanhinha, a alfeloeira. O Senhor Estácio não sabe? Aquela da briga do Tiburcino?... A Joanhinha é uma boa rapariga! Ela conhece esta gente toda: não há casa em que não entre a mulatinha. É um furão!

Já Estácio não o ouvia: revolvia na mente outros pensamentos.

— Gil, nós vamos a Nazaré.

— Vamos, Senhor Estácio.

— Sabes a que vamos?

— É o mesmo. Lá chegaremos com o favor de Deus.

E o pajem, puxando o cavalo, segurou o estribo.

Estácio pousou a mão sobre a sela, mas em vez de montar reclinou sobre o pescoço do

animal para falar ao ouvido do menino.

— Tenho um desafio com o alferes, Gil.

— Um desafio?

— Se ele trespassar-me, meterás a mão no peito de meu gibão, aqui, acrescentou o moço tomando a mão do pajem. Não sentes? É um lenço. Há de estar cortado pelo ferro e tinto do meu sangue. Jura que o entregarás... a D. Inês, de minha parte.

— Mas... ia dizendo o pajem.

— Ouve! Dir-lhe-ás somente este recado, guarda-o bem guardado: “Que lhe restituo quanto era dela; o mais tem-no a terra”. Juras-me, Gil?

— Mas ele não há de ferir-vos, Senhor Estácio! Por essa fico eu. Quem joga as armas como o cavaleiro, teme-se lá de qualquer alferes? Em já hoje ele não viu a amostra do pano?

— Ninguém sabe o que pode suceder. Jura sempre!

— Pois o quereis, juro por alma de minha santa mãe e por Deus que a tem! Mas são juras em vão; heis de ensinar o alferes para vosso e meu contentamento. Já eu estou saltando!...

— Digo-te eu, Gil, que sua espada me há de transpassar.

— Não repita estas palavras, Senhor Estácio. Dá-me gana de chorar.

— Tens pena de mim, Gil?

— Pena? respondeu o pajem. Também a tenho; porém mais é a raiva só de pensar que vos possam fazer mal!

O moço cingiu a cabeça do menino e a teve algum tempo sobre o coração; depois montou rápido a cavalo; tomou o pajem de garupa, e lançou-se a galope.

Entretanto Gil, impressionado pelo que acabava de comunicar-lhe o cavaleiro, inquieto com a ideia do próximo combate, sentia-se mais tranquilo, lembrando as provas de esforço e valor, que dera o moço estudante, na tarde daquele mesmo dia.

Retratava na memória infantil os feitos recentes do torneio, as brilhaturas de Estácio e sua galhardia no manejo das armas. Insensivelmente o menino procurou no flanco do cavaleiro os punhos da espada leal, sua guarda e defesa: tinha necessidade de acariciá-la. A carícia é uma maneira de sentir das crianças e das mulheres; é também um estilo para a língua que fala o coração.

Afagar os punhos da espada, era para Gil um meio de dizer que punha nela toda a confiança, e um modo de pedir-lhe que transmitisse à sua alma a coragem e a esperança. Valia tanto como beijar a mão do cavaleiro, tocar dos lábios o ferro que essa mão valente enobrecera.

Nos copos da espada havia uma cruz; diante dessa cruz a alma do menino, bafejada pela fé sublime do cristianismo, ajoelhava aos pés do Senhor, e votava sua eterna salvação pela existência do único protetor e amigo que tinha na terra.

O pajem estremeceu encontrando unicamente a bainha da espada, viúva do ferro, que a acompanhava:

— Vossa espada, Senhor Estácio?... balbuciou Gil assustado.

— Perdi-a!... respondeu o moço breve e ríspido.

— E sem ela como há de ser, pois que vos ides a um desafio?

A voz de Estácio era grave proferindo estas palavras:

— Para morrer já não careço dela!

— Então, acudiu o pajem com um soluço, quereis mesmo que ele vos mate!

— Não é ele que me há de matar, Gil. Morto já fui eu, não de ferro; mas de pena, como nunca a sintas!

Nesse momento iam os dois cavalgando perto do lugar, onde o caminho estreito cortava a Rua de Santa Luzia. Viram em distância dois vultos que atravessavam, um após outro, como amo e criado.

Estácio reconheceu no primeiro seu mestre e padrinho, Vaz Caminha; logo parou o cavalo e apeando rijo, voltou para o pajem:

— Guarda-te daí, enquanto torno!

O menino deixou-se ficar esmagando nos olhos as lágrimas que lhe saltavam aos punhos. O cavaleiro apressou a marcha para alcançar o advogado:

— Agora vos recolheis, mestre?

— Agora filho; e vós, que vos traz a horas mortas por estes sítios? Fazia-vos no sarau.

— No sarau?... Má hora, má e aziaga, mestre, em que a ele fui!

Estácio apertando a mão do velho, vergara a cabeça abatida pela dor; as palavras que proferira vieram travando a fel; afogaram-se em lágrimas.

O licenciado esteve a observá-lo bastante tempo; depois, erguendo-lhe a fronte com ternura, impondo a mão sobre o coração oprimido do moço, murmurou-lhe ao ouvido:

— Cedo fostes homem, filho, para sofrer. Amores são rosas de todo o ano; breves folhas, muitos espinhos. Pior é regá-las de lágrimas que mais nunca secarão.

— Secarão, secarão, mestre! Bem secas já estão nesta alma, onde nem goivos quero eu que vinguem já!

O estudante tornou mais calmo:

— Abraçai-me, mestre! É tarde; careceis de recolher-vos.

— Até amanhã. Ireis ter comigo logo cedo?... É preciso para o muito que tenho de comunicar-vos.

Vaz Caminha abraçou o afilhado; este estreitou-o nos braços com visível emoção.

— Ides de ânimo mais sereno? perguntou o velho com terna solicitude.

— Para onde vou, mestre, respondeu o moço docemente, a serenidade me espera.

O advogado seguiu seu caminho para a casa da dama desconhecida. O outro vulto que o acompanhava era o negro Lucas.

Se Vaz Caminha não viesse tão preocupado dos sucessos dessa noite e de coisas futuras relativas ao próprio Estácio, não deixaria por certo de notar que a torva serenidade do moço, ao despedir-se, ocultava como a onda do rio, uma profundidade sinistra.

Reunindo-se ao pajem, Estácio antes de montar disse para o menino:

— Gil, junto do lenço encontrarás também um papel. Este, hás de levá-lo ao doutor com estas palavras minhas: “que lembre-se de meu pai e de ti”.

O cavalo, arrancando a galope, desapareceu nas trevas.

## **XVII - Que fazia Elvira enquanto Inesita bailava os machatins.**

Cristóvão apenas quis mostrar-se no sarau, para que sua ausência não desse motivo a reparo: logo se retirou.

Embuçado no manto ganhou a Rua de Santa Luzia, estugando o passo do cavalo, como quem tinha pressa de chegar.

Essa parte da cidade, embora fossem oito horas apenas, estava completamente escura e

deserta; não se via porta aberta, nem janela alumiada. Toda a população tinha-se aglomerado na Praça do Governador e Rua do Colégio, onde gozava dos prazeres e folias da noite, até que fosse tangido o sino de recolher.

O moço não deu atenção a esta circunstância, como quem tinha outros pensamentos que o ocupavam todo; continuou seu caminho; nem a escuridão da noite o fazia hesitar; adiante quebrou numa esquina, passou junto da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, e atravessando uma pequena ribeira, tomou a rua que seguia aclive.

Ao longe o Mosteiro de São Bento estampava no céu de azul-ferrete a larga claustro e os vastos dormitórios; à direita corriam as cercas das roças plantadas de mangueiras, coqueiros e outro arvoredos frutíferos.

Estava tudo em sossego; apenas se ouvia o ramalhar da aragem nas folhas e o borbulhar da ribeira fugindo pela charneca; de quando em quando uns longes rumores da festa passavam como rajadas e entravam no silêncio do ermo.

Cristóvão parou à beira de um fundo e largo valado, cheio pela recente enxurrada; resfolgando da batida em que viera, enfiou os olhos pela ramagem.

Havia defronte uma cancela; e mais longe erguia-se a casa, destacando confusamente na sombra do arvoredos. Alva cinta de luz coava entre os bambolins de uma janela e resvalava trêmula pela folhagem, que agitava a viração da noite. O resto da habitação envolto nas trevas repousava da lida diurna.

Uma prancha, que servia de ponte sobre o valo, fora retirada da parte de dentro; de modo que a entrada do terreiro da casa tornava-se difícil e perigosa.

O cavalheiro volveu em torno olhar rápido e escrutador para certificar-se de que ninguém ali se achava oculto pelas árvores que pudesse espreitá-lo; feito o que apeou-se, ajustou as armas ao corpo, atirou a capa sobre o ombro esquerdo, e procurando um lugar favorável ao seu intento, conseguiu transpor o valo, graças a alguns ramos inclinados que lhe serviram de apoio. Meteu-se então por entre as árvores, onde a ramagem era mais basta, evitando que os raios da luz que filtravam da janela caíssem-lhe sobre.

Tanta precaução indicava grande receio de ser descoberto; de feito, às vezes o moço parava irresoluto se devia prosseguir no seu primeiro intento, ou retroceder enquanto era tempo; mas depois de curta hesitação, sondando de novo as trevas e certo de que tudo estava tranquilo e sossegado, cobrava afoiteza e ia por diante.

Cristóvão era um destemido cavalheiro, valente como as armas, bravo como os filhos da

raça ibérica, em cujas veias girava ainda a pura mescla do sangue godo e árabe; não fora pois o receio de um perigo, por maior que se lhe afigurasse, motivo para influir no seu ânimo tal indecisão.

Era sim receio de escândalo.

Seu amor e caráter ousado o tinham lançado naquela aventura noturna; durante a festa a ausência de Elvira o contristara a tal ponto, que decidira ver a moça naquela mesma noite, para oferecer-lhe com a sua alma e vida as joias que tinham premiado sua destreza e galhardia.

Sem refletir na possibilidade de realizar esse propósito, saíra do sarau, e achava-se em face da janela de Elvira; mas aí foi que a razão lhe começou de apresentar à mente quanto havia de extravagante e desusado no passo que pretendia dar sem consentimento da moça, nem certeza de que ela levasse em bem semelhante temeridade.

Estando assim com o espírito tomado por mil pensamentos contrários, e com os olhos na janela, a luz vacilou; uma sombra ligeira debuxou-se docemente na atmosfera esclarecida, esfumando os contornos suaves e puros de um busto encantador.

Cristóvão estremeceu; porém já de prazer, não de susto.

Deu por bem paga a imprudência, pois ao menos gozava a ventura de ver a imagem da imagem que trazia n'alma. Para ele a sombra vivia e animava-se; houve momento em que lhe pareceu que ela o olhava e sorria; até chegou a acreditar, com a superstição natural do coração amante, que à força de contemplá-la, talvez Elvira recebesse a refração dos raios de tão ardente afeto.

Mas o coração é insaciável; o que a princípio lhe basta para a completa felicidade, logo serve apenas de aguçar o desejo. Sucedeu assim com o moço; a sombra de sua amante em vez de lhe dar prazer, já o torturava com a ideia de não vê-la, a ela própria, estando tão perto, que podia ouvir-lhe a voz terna e amorosa.

Mas essa voz emudeceu em seus lábios trêmulos; pois o esmorecia a só lembrança de ofender a moça e perturbá-la em seu casto repouso. Tanto bastava para quedá-lo mudo e estático em frente do balcão da janela, elevado do chão na altura de uma lança.

Se ao menos pudesse devassar com a vista o interior!...

O aposento esclarecido formava uma pequena recâmara forrada com rás simples e ornada no gosto o mais apurado da época. A um lado estava o leito de madeira embutida com relevos de metal; em volta esfaldavam-se as cortinas de seda azul suspensas do

esparavel dourado; aos pés um tapete da Índia; junto da cabeceira, contra a parede, o escabelo, traste característico dos tempos de fé sã e robusta.

Do lado oposto, no estrado baixo que então fazia as vezes dos sofás e conversadeiras de moderna invenção, estava Elvira sentada; tinha o corpo escaído em frouxa atitude, os braços distendidos, as mãos cruzadas sobre os joelhos, a cabeça reclinada um tanto, os olhos fitos no relógio d'água colocado em cima do trumó, sobre o qual ardia uma vela de cera, eschamejando-se na face lisa e polida do espelho.

Os cabelos desatados pelas espáduas nuas ensombravam o perfil, amortecendo-lhe a cor; mas deixavam imergidas na claridade as evolutas suaves do colo soberbo, e dos seios que moldava o linho transparente. Traçando a curva graciosa de uma perna admirável, a roupa roçagante de fina beatilha frangia na orla, por onde escapava o pezinho nu, aninhado em um pantufo de veludo roxo.

Doce enlevo, ideal sublime de suave melancolia ou de vago cismar, quando a alma engolfada no silêncio e na soidão, partida entre as recordações que voltam e as esperanças que fogem, dói-se com a ausência do bem que fruiu, e enleva-se revivendo no gozo passado! Voluptuosidade inexprimível de mágoas doces e agros prazeres para o coração que sofre com o isolamento e praz-se nele! Hino sublime que o lábio português canta em uma só palavra — *saudade!*

Corriam os minutos; e ela não mudava de posição.

Os raios de luz brincavam com as gotas do róseo licor que estilavam a uma e uma do globo superior da ampulheta; a claridade decompondo-se nos rubis líquidos, formava um prisma brilhante em cujas irradiações se estereotipava a miríade de pensamentos que esvoaçavam na mente de Elvira. Cada gota era um instante que fugia, e com ele um feixe de esperanças.

Em que podia ela pensar a não ser nas festas a que não assistira, e em Cristóvão por quem mais sentia, que por ela, a privação daquele prazer?

Toda a tarde estivera triste e aborrida; chorava pensando que o lindo cavalheiro que a estremecia, pudesse no meio dos folgares ter um pensamento, um olhar, uma lembrança que não fosse dela. Cada vez que as aclamações entusiastas do povo, saudando o vencedor, mandavam-lhe um eco dos alegres arruídos, afogava-se-lhe o coração em lágrimas, que a seu pesar vinham rorejar as faces.

Mas um olhar severo de sua mãe recalrava-lhe a dor no fundo d'alma, até que depois da prece da noite, recolhendo à sua alcova, pôde desabafar a mágoa comprimida; ou antes

pôde entregar-se livremente a novos pesares que lhe assaltaram o espírito. A princípio esteve numa impaciência mortal; volvia de um para outro lado, chegava à janela sôfrega e inquieta, inclinava o ouvido, e reprimia as palpitações do coração; por fim, como isto em vez de acalmá-la, a exasperava ainda mais, sentara-se no estrado e contava com ansiedade os minutos da hora que faltava para acabar o seu suplício.

A última gota vazou da ampulheta; Elvira ergueu-se de salto e correu à janela.

No horizonte, entre a escuridão profunda que plainava sobre a cidade, brilhava um frouxo clarão que ia a pouco e pouco desmaiando; sinal de que as luminárias começavam a extinguir-se. Não se ouvia mais o barbarizo que exala das grandes massas da plebe. O primeiro dobre do toque de recolher acabava de soar.

A festa popular estava terminada; mas uma branda lufada de vento trouxe uns alegres tangeres de música, como para dizer a Elvira que o sarau ainda durava e com ele seu tormento e aflição.

A pobre donzela suspirou.

— Nem mais se lembra de mim! balbuciou com a voz repassada de lágrimas.

De repente a moça, que se recostara ao balcão estremeceu.

Julgou ouvir a brisa murmurar seu nome; o primeiro movimento, depois do susto, foi recolher-se e fechar a janela; mas uma atração invencível a fez voltar; ainda trêmula e fria, teve coragem de se debruçar ao balcão para ver entre as árvores.

Quando já mais animosa inclinava a crer que tudo fora uma ilusão dos sentidos e um receio infundado, os olhos caíram sobre um vulto, que saindo dentre as sombras, foi súbito ferido pela luz da vela.

Ela quis sufocar, mas tarde, o grito de júbilo e surpresa que lhe escapou dos lábios; porque tinha reconhecido Cristóvão.

O moço adiantou-se, murmurando o doce nome de Elvira; mas ela em quem o receio tinha vindo de pronto perturbar a alegria inefável da presença do cavalheiro, suplicou-lhe com o gesto que se calasse, e foi ao corredor que passava pelo fundo da câmara, para assegurar-se de que ninguém velava na casa. Mais sossegada com a tranquilidade que reinava no interior, fechou devagarinho a porta, e voltou-se no momento em que já Cristóvão saltava pelo balcão da janela.

A moça recuou cruzando os braços sobre o seio, com sublime gesto de pudor.

— Oh! não! disse ela suplicante.

Cristóvão arrependeu-se do que tinha feito.

— Perdoai-me, Elvira! respondeu ele com respeito. O muito que vos amo fez-me esquecer o muito que vos devo. Com a mente de falar-vos, e dizer-vos quanto sofri pela vossa ausência, não me lembrei que este asilo me era vedado; mas crede-me, que não entraria em templo, com recato maior do que entrei aqui.

A moça, presa dos lábios de seu amante, comovida de tanto amar, mal sabia o que fizesse; já não era o receio que a retinha, sim o pejo.

— Bem penso, continuou o moço, que errei; sede porém benigna para esse erro de que só fostes a causa. Trouxe o que por vós e para vós ganhei; e vou-me por onde vim, para que não vos deixe maior aflição da que levo em deixar-vos.

Dizendo isto, o moço deitou sobre o toucador uma bolsa que tirou do peito do gibão, e na qual brilhavam entre as malhas de seda as joias que tivera em preço dos jogos; após fitando um longo e ardente olhar na sua amada, foi para sair.

Elvira não se conteve mais; lançou pelo colo uma manta de seda e correu à janela, ao tempo em que o moço ia saltar o balcão.

— Não ides magoado comigo, não? disse ela pousando-lhe as mãos sobre os ombros e sorrindo.

— Bem sabeis que não, Elvira minha, alma de minha alma! exclamou o cavalheiro ajoelhando a seus pés e beijando-lhe a fímbria do vestido.

— Pois então antes de partir contai-me como vos foram as festas sem mim; e se vos deslembrares de quem não passou um instante, que não estivesse convosco em pensamento.

Cristóvão apontou para a tarja do escudo que trazia bordada no peito do saio:

— Perguntai-o à minha estrela que nunca me desacompanhou ou a estas joias que o são menos do que sois de minha vida. Elas ficam; e eu me parto.

— Não; que me haveis de dizer como as ganhastes; pague-me esse prazer tão grandes penas quais passei.

— Ah? e não me contareis que penas foram essas?

— Quando souber tudo que fizestes. Vinde; mas falai baixinho que não vos ouça minha mãe.

Elvira fez Cristóvão sentar-se no estrado, e escutando, se tudo estava em silêncio, foi

sentar-se junto dele.

— Oh! que lindas galanterias! exclamou ela soltando no regaço as joias da bolsa. Que tão cobiçadas não haviam de ser pelas damas que lá estavam!... Mas quisestes guardá-las para quem menos as merecia!

— Para quem elas menos merecem, senhora minha.

— Mas falai; que não me posso já com o desejo de saber quanto fizestes!

— Não quereis que cerre aquela janela? Podem ver a luz a estas horas mortas, disse o moço erguendo-se.

Elvira corou.

Lembrou-se que estava só com seu amante, à noite calada, e na sua câmara de donzela recatada; pareceu-lhe que fechando a janela, o isolamento ainda se tornava maior; porém sua alma era tão cândida e o amor de Cristóvão tão respeitoso, que se acusou a si mesma daquele seu receio.

— Cerrai! tornou com um sorriso encantador. Não ficamos sós.

— Quem mais está aqui? perguntou Cristóvão admirado.

— Deus! disse ela apontando para o crucifixo que pendia da parede.

— Deus, vossa virtude e minha honra, Elvira! replicou o moço em tom solene, e estendendo a mão, como se fizera um juramento.

A janela cerrou-se ocultando a luz que derramava sobre a folhagem das árvores.

A fachada do edifício ficou em completa escuridão; porém minutos não eram passados que uma luz interior bruxuleou; aparecendo e desaparecendo, percorreu quase toda a casa até parar em uma sala que deitava para o nascente.

Algum tempo depois ouviu-se o ranger de uma porta baixa que abriam; um vulto embuçado apareceu no terreiro, e avançou a passo e passo como quem procurava alguma coisa.

A última badalada do sino de recolher ressoava ainda pelo espaço.

## **XVIII - Em que os argueiros parecem cavaleiros.**

Já tinham rezado *completas* no Colégio dos Jesuítas.

Os frades se retiraram aos seus cubículos; os vastos salões ficaram completamente desertos e às escuras; reinava em toda a casa profundo silêncio.

Os rumores da festa que ainda enchiam a cidade batiam contra os altos muros externos do claustro; mas nenhum eco do mundo penetrava já no templo do Senhor.

Decorreu uma boa meia-hora.

Cinco vultos negros, esgueirando-se pelo comprido corredor que separava os vastos dormitórios, entraram a um e um na sala da biblioteca, e depois de trocarem mesmo no escuro um toque simbólico, agruparam-se defronte da pesada porta de vinhático que dava entrada para o *cartório*. Era este o lugar reservado onde se guardavam os papéis de importância, a escrituração mercantil e o cofre da comunidade, cujos rendimentos cresciam anualmente, aumentados pelas doações régias e deixas particulares.

Os religiosos que esperavam à porta do cartório eram o P. Nunes, reitor; o P. Inácio do Lourical, que vimos conversar à janela do convento, enquanto duraram as festas, com o jesuíta chegado naquela manhã; o P. Luís Figueira, autor da gramática da língua tupi, o qual em 1607 tinha escapado ao martírio entre os selvagens da Serra da Ibiapaba, na Capitania do Ceará; o P. Domingos Rodrigues, ardente missionário, que havia seis anos reduzira os ferozes Aimorés da capitania e o P. Manuel Soares, cronista e autor de importantes manuscritos, que infelizmente não chegaram aos pósteros para bem de sua fama.

Havia alguns instantes que os jesuítas esperavam sem trocar uma palavra, quando ouviu-se o roçar de sandálias, e ao frouxo clarão de uma lanterna surda apareceu o provincial Fernão Cardim acompanhado pelo P. Gusmão de Molina.

Os jesuítas não se admiraram de ver entre eles o novo irmão que sabiam ser professo; mas conhecendo a política da ordem, pressentiram que sua vinda ocultava algum negócio grave; o provincial, tirando a chave que trazia à cinta, abriu a porta, que fechou interiormente, enquanto um dos outros irmãos acendia a grande alâmpada de prata suspensa ao teto do aposento.

Figure-se um gabinete pouco espaçoso, entre quatro paredes guarnecidas por largos armários que subiam até a abóbada, alcatifado de alto a baixo com uma fazenda espessa que forrava também o soalho, tendo uma só porta, e fronteira a esta uma janela revestida de gradil de ferro; e se fará ideia exata desse aposento, no qual o som da voz ou dos passos por mais forte que fosse morria abafado e não transpirava.

Na larga banca de jacarandá de forma oval via-se o tinteiro, a poeira e a campainha, tudo

de prata de lei e de proporções desmesuradas. À cabeceira, que ficava do lado da janela, estava a seda ou cadeira presidencial que ocupava de ordinário o superior da comunidade, quando não se achava presente o provincial; aos lados haviam assentos rasos destinados aos simples conselheiros.

Era nesse lugar que os principais da Companhia de Jesus, incumbidos do governo da Província do Brasil, faziam as suas conferências secretas, nas quais só eram admitidos os irmãos do quarto voto, geralmente chamados os *professos*; únicos de toda a numerosa associação, que tinham conhecimento das altas questões políticas que interessavam a Ordem.

Os outros membros, coadjutores, estudantes e noviços, condenados pelo instituto do fundador à *oboedientia coeca*, nem sequer penetravam naquele santuário, onde muitas vezes decidiam da sua sorte; máquinas animadas, autômatos vivos, moviam-se conforme a impulsão que lhes dava a inteligência superior que os dominava: *Perinde ac cadaver*.

Quando a mesa achou-se ocupada pelos jesuítas, o provincial voltou-se para o novo irmão:

— O capítulo está reunido: V. Paternidade pode falar.

Por toda resposta o P. Molina inclinou-se e apresentando a Fernão Cardim um pergaminho dobrado, que tirou da manga, disse-lhe com a habitual humildade:

— Faça a mercê de ler, padre provincial.

O superior ergueu-se com uma ligeira comoção, que logo dominou; beijou a mitra, e fez a leitura, que foi ouvida em respeitoso silêncio pelos jesuítas.

Era um breve do Geral assim concebido:

AD MAJOREM DEI GLORIAM

*Nós, Cláudio Aquaviva, pela autoridade da Santa Sé Apostólica e voto da Congregação, Superior Geral da Companhia de Jesus, nomeamos o Reverendo P. Gusmão de Molina Visitador e Assistente na Província do Brasil, e mandamos a todos os nossos irmãos, assim religiosos como seculares, por tal o reconheçam e lhe prestem obediência plena.*

*Em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo, amém.*

*Dado em Roma na Casa da Companhia, aos 5 de agosto de 1608.*

Cláudio Aquaviva

Ao lado esquerdo do pergaminho via-se o selo chão em lacre preto com a mutra do anel que usava o Geral; logo abaixo a nota do registro feito na secretaria da Ordem.

Quando o provincial, terminada a leitura, pronunciou pela segunda vez o nome do homem que a mil léguas de distância fazia estremecer todos esses velhos encanecidos e provados nas vicissitudes da vida, os olhares dos jesuítas cruzando-se caíram sobre o rosto do P. Gusmão de Molina, como para lhe arrancarem da fisionomia o motivo da nomeação secreta e do poder imenso de que se achava revestido.

O assistente ou visitador era um dos mais altos cargos da Companhia; só tinha superior em hierarquia o Geral, de quem era delegado e representante. Dentro da nação ou da província a que era enviado, governava como soberano até o momento em que o poder supremo, que o tinha elevado, o quebrasse de repente como um torrão de argila.

Depois do P. Inácio de Azevedo, morto em 1569 às mãos dos corsários huguenotes, que capturaram a frota, em que vinha ele com sessenta religiosos e o Governador D. Luís de Vasconcelos, nomeado para suceder a Mem de Sá, nenhum outro assistente fora mandado ao Brasil. Quarenta anos durante o Geral deixara a direção dessa província entregue ao prelado ordinário.

Era natural pois que os padres ficassem surpresos; essa nomeação secreta, que não lhes fora comunicada, nem de Portugal, nem da Espanha, indicava um acontecimento de grande alcance, ou uma reforma no governo da província; qualquer desses dois pontos interessava altamente os professos da Bahia, para que eles se apressassem em conhecer as intenções com que vinha o P. Molina.

Mas a fisionomia deste não respondeu aos olhares interrogadores.

Calmo e frio, o assistente acompanhara a leitura do breve; seu rosto não tinha expressão, ou se a tinha, era indefinível; não se podia distinguir, que sentimento dominava naquele semblante imóvel, se a indiferença e a bonomia, ou a severidade gélida e impassível. Os olhos em vez de projetar os raios visuais, pareciam voltá-los interiormente, deixando a pupila baça e pasma como um vidro a que o vapor houvesse empanado o cristal.

Sem dar mostras de aperceber-se da investigação profunda que as vistas perscrutadoras dos jesuítas faziam sobre sua fisionomia, o P. Molina dirigiu-se ao provincial, que

partilhava a desconfiança geral e conservava ainda nas mãos o pergaminho que acabara de ler.

— Queira V. Paternidade passar aos nossos irmãos.

Fernão Cardim entregou o breve ao reitor, o qual o deu ao P. Inácio; assim passou de mão em mão até o último. Este, depois de examinar minuciosamente a letra e o selo, como tinham feito os outros, apresentou-o ao assistente, que o recusou com um gesto.

— Julgam que esteja conforme? perguntou ele.

Os seis jesuítas inclinaram-se em sinal de assentimento.

— Registem-no então.

O P. Molina esperou que o reitor copiasse no livro próprio a carta de sua nomeação, terminado o que, dobrou-a de novo e guardou no peito da roupeta; arrastando a cadeira de espaldar colocada à cabeceira da mesa, sentou-se acenando aos outros que o imitassem.

Um instante volveu o olhar pasmo e sem brilho pelos seis frades recolhidos na aparência, mas interiormente suspensos de seus lábios e ansiosos pela palavra que devia esclarecer o enigma; por fim apoiou os braços à borda da mesa, e deixou cair as frases a uma e uma como se as tivera composto e decorado com antecedência.

— Não preciso dizer-vos eu, pois o adivinhais, que me trouxe ao Brasil missão importante. Trata-se de objeto que interessa mais que muito à Companhia. Sabeis que El-Rei de França permitiu tacitamente há cinco anos que de novo entrássemos em seus estados; tal concessão foi-nos de grande valia, porém muito nos resta ainda por alcançar. Enquanto o Edito de Nantes não for revogado, seremos tolerados, mas não admitidos; a Companhia não poderá criar naquele país uma influência bem sólida. Quanto é isso necessário, bem o conheceis: mas por que meio o obteremos?...

O jesuíta parou deixando a pergunta suspensa; e como não tivesse resposta continuou:

— Um meio há, e pronto, e infalível. O dinheiro, que tudo vence, fará em uma hora maior conversão, do que têm feito tantos anos de apostolado. As guerras atrasaram as finanças da França e o protestantismo de El-Rei Henrique IV não será tão intolerante, que repila algum forte subsídio, unicamente porque lhe é oferecido por mão católica. A Companhia precisa pois de soma avultada, que não lhe pode ser fornecida senão pelas nossas províncias de Ásia e América. Eis a que mandou-me a vontade soberana a quem devemos obediência: espero me ajudareis com o vosso avisado parecer.

Concluindo sua exposição oratória, o P. Molina bem percebeu que nenhum dos seus ouvintes tinha acreditado uma palavra só do que ele acabava de dizer.

Com efeito os padres, sabidos e ousados na arte da dissimulação em que primavam os jesuítas, conhecedores de todas as sutilezas e disfarces que tinham costume empregar nas altas negociações, compreenderam que o P. Molina havia realizado o preceito dos mestres da Ordem, os quais ensinavam que — “a palavra era o melhor meio de ocultar o pensamento”.

Essa fábula do Edito de Nantes, quando por muitos outros motivos não parecesse inverossímil aos membros do capítulo, tinha contra si uma razão de grande peso; era que, se fosse verdadeira, o assistente não a confiaria tão facilmente e sem necessidade a homens cuja discrição não conhecia, e que podiam contrariá-lo nesse plano de exaurir o tesouro da província em benefício de Roma e dos estrangeiros.

Todos eles ficaram portanto firmemente convencidos que o P. Molina tinha preparado aquela história para iludir a sua curiosidade, com o fim de poder depois livremente tratar do verdadeiro objeto da missão e obter deles os esclarecimentos e informações de que necessitava. Mas escarneceram interiormente daquele ardid tão comum e vulgar, que depunha contra a perspicácia do assistente; e redobraram de atenção para apanhar no meio da discussão a menor palavra, o mais simples gesto que denunciasse o segredo.

Ao P. Gusmão, porém, não escapara a suspeita dos seis conselheiros.

— Que pensa a respeito o P. Provincial? Será possível obtermos alguma parte da soma precisa?

— A falar verdade, devo confessar a V. Reverência que não julgo a coisa fácil. A terra é rica, porém os haveres vão-se mais em luxo e prazeres da carne, do que em esmolas e deixas pias. Quanto aos bens da Companhia, são poucos por ora, e seu rendimento apenas arrecadado é logo remetido a Portugal. Contudo não esmoreço; e como é em serviço da religião, dela tiraremos forças para levar a cabo tamanha empresa.

— E o P. Reitor, que aviso nos dá? perguntou o assistente, mostrando-se contrariado.

— Meu voto é de bem pouca monta; mas ajudando Deus, creio que poderei auxiliar V. Paternidade no cumprimento de sua tarefa.

— Vejamos o como.

— Vive nesta cidade uma dama espanhola ainda moça, a quem parece que um grande infortúnio desgostou do mundo.

— Diz que parece, P. Reitor? perguntou o assistente com um sorriso inexprimível.

— V. Reverência admira-se?... Também eu; porém por maiores esforços que tenha feito, ainda não consegui dela ouvi-la de confissão. Deve de ser um caso grave para que resista a todas as admoestações, e mesmo ao terror da condenação eterna!

— E em que nos pode servir essa mulher?

— É possuidora de imensa riqueza, que de seu pai herdou, e não está longe de, mesmo em vida, fazer doação dela à Companhia.

— Bem, veremos a sua penitente, padre reitor. Em quanto lhe avalia os teres?

— Ela própria não lhes sabe o valor. Deixou-os seu pai num cofre enterrado em certo lugar; a filha com o seu desapego às coisas mundanas nem sequer teve ainda a curiosidade de o ver.

— Pensa então que esse tesouro esteja no mesmo lugar? disse o P. Molina com seu fino sorriso.

— Não há razão para que duvide: ninguém mais afora ela sabe do segredo.

— Quem enterrou o ouro?

— O pai só e durante a noite, pouco tempo antes de finar-se.

— E essa dama chama-se?

— Tem nome pouco vulgar, que me parece suposto. Chama-se D. Marina de Peña.

Uma plica imperceptível traçou rapidamente a vasta fronte do assistente; mas desfez-se logo, e fora impossível distingui-la da sombra tênue e móbil que projetavam em seu rosto os trêmulos clarões da alâmpada, coando entre os cabelos revoltos.

— Ainda assim, não lhe tenho o segredo por muito seguro. Devem de haver serviçais na casa.

— Há uma aia que tomou logo que chegou da Espanha, e mais um escravo. Esses, se alguma coisa soubessem, já se teriam aproveitado, e não ficariam decerto ao seu serviço.

— Contudo! O ouro é como a luz de que tem a cor e o brilho; ainda no seio da terra surge.

— O que for se há de conhecer, disse o reitor um tanto despeitado.

— Certo! Nestes casos as suposições nada valem. Trabalhem na esperança do sucesso; e a seu tempo a verdade aparecerá. Entretanto já temos por onde começar, e o nosso irmão P. Inácio, naturalmente vai propor-nos algum outro alvitre.

— Se o tivesse, não esperaria que mo pedisse, padre assistente; porém curo mais dos bens d'alma, do que dos bens terrestres.

— V. Paternidade procede sabiamente, disse o P. Molina amaciando a voz; somente digo que se todos assim procedessem, a Companhia não teria forças para vencer tantos inimigos, que a perseguem, nem meios de empregar-se no serviço da religião. Uma coisa não exclui outra, P. Inácio; curemos d'alma, arrostemos o martírio se necessário for, para plantar a fé entre os selvagens; mas não esqueçamos que é preciso combater o mundo com suas próprias armas. Esta roupeta que nos veste, não é nem de melhor fazenda, nem de mais custo, do que o hábito de qualquer outra ordem; mas ela representa a milícia do Cristo e o poder imenso da Companhia; por isso abre todas as portas, e vê em todas as consciências. Dispa-a, e suas palavras, embora ungidas pelo Senhor, cairão em terra sáfara.

O P. Inácio abaixou a cabeça e não respondeu.

— Também pensa do mesmo modo o P. Figueira? perguntou o assistente a outro jesuíta.

— Penso que V. Reverendíssima tem razão; e pesa-me que, sobrando a vontade, faltem-me a força de servir à Companhia em objeto de tamanho alcance; mas se uma esperança pode ser de alguma utilidade...

— Uma esperança é já alguma coisa; quando a cultiva mão tão hábil, é flor que sempre vinga e dá seu fruto.

O padre corou modestamente com o elogio do superior: encolheu-se na capa, como um homem que não se pode eximir de certo acanhamento e timidez falando a pessoas autorizadas.

— Tomou-me há tempos por seu confessor, disse ele, a Senhora D. Luísa de Paiva, viúva já idosa e muito conhecida nesta cidade pelo seu avultado cabedal. Faleceu-lhe o marido há seis anos deixando uma filha única, que está hoje moça. É senhora de muita virtude; mas tem ainda restos de sangue impuro...

— Ah! é de raça judaica! exclamou o P. Molina.

— Infelizmente assim é, respondeu o P. Figueira.

— Devem ter passado ao Brasil muitos desses cristãos-novos, depois de levantada a proibição? replicou o assistente pregando os olhos no teto.

— De feito não é pequeno o número dos que têm vindo.

— Para isso compraram tão caro o direito a El-Rei, que não soube o que vendia.

Os jesuítas tinham levantado a orelha, apenas o P. Molina fizera o primeiro movimento de surpresa, e acompanharam o curto diálogo com atenção disfarçada. Pareceu-lhes ter entrevisto o fim secreto da missão do assistente.

Em 1601, os *pobres judeus*, a quem era proibido pela lei de 30 de junho de 1567 passar às colônias, ofereceram a soma de 200.000 cruzados pela revogação do interdito; semelhante transação que bem revelava os lucros avultados que essa raça industriosa e mercantil tirava do comércio da Índia e do Brasil, ofendia os interesses da Companhia. Desde então não cessara ela de insistir pela revogação da lei de 30 de julho de 1601.

Nada mais natural portanto do que tratar agora a poderosa associação de afastar os competidores que lhe disputavam boa parte das riquezas do Novo Mundo. Para tamanha empresa fora mister um homem hábil que excitasse nas populações o espírito de intolerância religiosa, bem intenso ainda no século XVII, coagindo assim El-Rei a voltar à antiga proibição de passarem judeus às colônias.

E esse homem não seria o visitador?

Simultaneamente luziu a centelha no espírito dos cinco jesuítas. O sorriso sutil que mal rugou os lábios mostrava a satisfação íntima da inteligência que alcançara resolver um problema difícil.

Entretanto o P. Molina, a quem não escapara o efeito produzido pela sua pergunta, reatava o fio à narração interrompida.

— Mas isso não nos interessa agora. Dizia V. Paternidade?...

— Que D. Luísa de Paiva é descendente de uma família de judeus; e pois, embora sua fé seja robustíssima, remorde-lhe aquela mácula. Estou que seu zelo bem aconselhado não duvidará remir a culpa, fazendo esmola de todos seus cabedais a uma casa de oração que possa bem empregá-los no esplendor do culto divino.

— Se não me engano, ouvi que tinha uma filha?

— Não se engana V. Reverência, não, respondeu o P. Figueira sorrindo; tem uma filha; porém essa menina, se já não sente, é natural que venha a sentir breve, irresistível vocação para o claustro; e então...

— Compreendo! A mãe poderá dispor livremente de seus haveres.

— E satisfazer as pias intenções da sua alma devota.

— Nenhum destes auxílios é para desprezar-se, replicou o P. Molina; mas não são de pronto resultado; e para o fim que é de pouco servem. Cumpre recorrer a meios mais

rápidos e...

— Se V. Reverência permite?... atalhou um frade gordo que ainda não tinha proferido palavra.

— Pode falar o P. Manuel Soares. Estamos aqui para ouvir, disse o assistente.

— Talvez pareça ousadia querer eu decidir ponto em que nossos irmãos se acharam embaraçados; mas cada um deve ocupar-se do que lhe é ordenado; e aquele não merece mais, que só cumpre o seu dever.

— Então, V. Paternidade julga ter descoberto o meio de dar à Companhia a soma de que ela precisa?

— Julgo que poderei dar à Companhia, não três milhões, porém cinquenta, respondeu o P. Soares.

— Como? perguntou o assistente com vivacidade.

— V. Reverência conhece a história das minas de prata de Robério Dias?

— Ah!...

Esta exclamação indefinível e o riso de ironia que esclareceu o rosto pálido e severo do assistente, não produziram a menor impressão no P. Soares; calmo e plácido, como quem sustenta convicção profunda e inabalável, o frade contentou-se com encolher os ombros.

— Quer V. Reverência prestar-me atenção?

— Sem dúvida; V. Paternidade diga, que o escutamos.

## **XIX - Quanto ingrato já era no século XVII o mister de escritor.**

O Padre Soares ergueu-se, foi ao canto, abriu uma arca de que tinha a chave, tirou um grosso in-fólio, que deitou sobre a mesa, a qual gemeu com o peso do respeitável bacamarte.

Os outros jesuítas, que partilhavam a incredulidade fingida ou sincera do assistente, estremeçeram vendo-se ameaçados com a leitura de algum capítulo da obra, e trocaram um olhar de espanto e medo. Só o P. Inácio conservara-se indiferente a tudo; apenas algumas vezes seus lábios finos comprimiam-se como para reter uma palavra que iam pronunciar.

Enquanto o padre-mestre espanava o pó da capa de pergaminho do velho alfarrábio, o assistente fazendo uma cara de aborrecimento, parecia revestir-se de boa dose de paciência: preparava-se para cumprir dignamente o seu penoso encargo de superior, obrigado a ouvir todos os pareceres, e a não desprezar nenhuma informação que pudesse favorecer os interesses da Companhia.

Sacudido o pó, o P. Soares alisou os raros fios de cabelos da imensa calva, encheu as bochechas, afinou a garganta, e retraindo o corpo, levou a mão à capa do livro com a emoção do autor que revê depois de muito tempo o fruto de seu trabalho e o filho de suas elucubrações.

O conclave estremeceu de novo; pressentiu que a borrasca ia desabar na forma de algum prólogo monstruoso, recheado de textos e citações; e os há tão longos que usurpam o espaço necessário ao desenvolvimento da obra, e tão insulsos que fazem perder o gosto do livro antes de o ler.

Enganaram-se porém.

O autor no abrir a capa do alfarrábio, voltou atrás e deixou-a cair.

— V. Reverência talvez não saiba a história deste livro?

— Não, padre-mestre, não sei. Pois tem uma história? perguntou o assistente com resignação evangélica.

— Tem-na, como tudo neste mundo.

— Bem pensado, P. Soares!

Os jesuítas olharam-se com desespero mudo e concentrado; em vez do prólogo escrito, que talvez só fora adiado, tinham um proêmio oral.

O P. Soares começou:

— Quando chegou a Madrid em 1593 a notícia de ter Robério Dias morrido sem indicar o lugar onde jazem as minas de prata, levantaram-se diversos boatos. No dizer de uns, Robério despeitado porque El-Rei não lhe dera o título de marquês, vingara-se levando desta vida o segredo. Acreditavam outros que ele estava de boa-fé, e nada revelara por se ter desencaminhado um roteiro que seu pai fizera no descobrimento. Queriam muitos finalmente que tais minas só tinham existido na voz pública, *in voce populi*.

— E há de concordar que era essa a opinião mais acertada, disse o P. Molina bocejando.

— Foi a que mais correu entre a gente douta, replicou o imperturbável cronista. O sumo

prelado da Companhia entendeu porém que não se devia desprezar, antes cumpria estudar o assunto com a necessária atenção. Procurou-se homem a quem encarregar de tão árdua tarefa; a escolha recaiu no menos digno. Fui mandado a esta província, e tirando forças dos bons desejos, cumpri a vontade soberana do Geral. Aqui tem V. Reverência a resulta de quatorze anos de pesquisas e trabalhos: creio eu que não foram perdidos.

— Descobriu V. Paternidade as minas pelo que vejo! acudiu o assistente com ar de mofa.

— Não, Reverendíssimo; mas achei o modo de descobri-las.

Voltando então a capa do alfarrábio, o P. Soares leu o gordo título da obra, escrito, com tinta vermelha, em bastardinho floreado.

O título rezava:

*Memória circunstanciada*

*Que*

*A respeito das famosas Minas de Prata*

*de Jacobina*

*escreveu o Padre Manuel Soares,*

*da Companhia de Jesus, Religioso Professo,*

*e Cronista da Província do*

*Brasil,*

*Seguida de notas críticas e explicativas para*

*melhor inteligência do texto.*

*Cidade do Salvador. — Ano MDCVI.*

Não se achava muito desenvolvido naquela época o espírito de associação literária, nem se tinham inventado ainda institutos e academias de toda a espécie; pois é natural que o Reverendo P. Manuel Soares não se esquecesse de comemorar no frontispício do livro, à guisa de alguns autores modernos, os seus diplomas científicos.

Os olhos já apertados dos jesuítas começaram a toscanejar de uma maneira significativa.

— Tem esta memória duas partes. Na primeira trata-se de saber que destino teve o roteiro de Robério Dias. Na segunda procura-se conhecer aproximativamente o lugar onde existam as minas. Vou ler.

— Tudo isso, P. Soares? exclamou o assistente em cujo rosto pintou-se o pavor que lhe inspirava semelhante leitura.

O cronista sorriu:

— O texto é pequeno e escrito em bastardinho; o que avultam são as notas, e estas V. Reverência consultará depois.

— Contudo, não será melhor amanhã?

— Amanhã?... Ninguém sabe o que pode acontecer.

— Está bem, leia, P. Soares, disse o assistente recostando-se no espaldar da poltrona.

A imparcialidade de historiador nos põe o dever de protestar contra a injusta prevenção do respeitável capítulo sobre a prosa do Reverendo Manuel Soares.

O ilustre cronista da Província do Brasil, como Cervantes, havia pressentido já no século XVII a invenção da escola romântica, à qual deve a literatura moderna tantos primores e maiores extravagâncias literárias. A sua narrativa tinha a forma dramática do poema antigo e a simplicidade do conto da Média Idade. O estilo chão e fluente desmerecia talvez pela falta do nervo e concisão da frase, mas compensava este senão com a naturalidade e singeleza da expressão.

É pena que esse livro precioso se tenha perdido, pois sem contar a descoberta importante de que tratava, daria à história que ora escrevemos um testemunho irrecusável de sua veracidade.

O jesuíta abriu o alfarrábio com muita solenidade, e dispôs-se a começar a leitura no meio do mais profundo silêncio, pois era o silêncio da modorra. De feito o capítulo, com exceção do P. Inácio absorvido em suas meditações, sofria naquele momento a ação soporífera que sobre ele exercia a crônica das minas de prata; mas o autor, com a consciência do merecimento de sua obra, não via senão o recolhimento de quem se preparava à audição.

Não há notícia do que leu nessa noite o Reverendo Manuel Soares, cronista da Província do Brasil; porque ainda é duvidoso que algum dos respeitáveis conselheiros que compunham seu auditório o ouvisse. Antes que o leitor chegasse ao fim da primeira parte, a grande lâmpada, falta de óleo, crepitou e a luz extinguiu-se.

Esse caso imprevisto dissolveu o capítulo com verdadeira satisfação dos reverendos professos, que foram acabar no leito o primeiro sono interrompido. O último a retirar-se foi o provincial, que depois de fechar as arcas e armários com a costumada prudência, entregou a correia de chaves ao assistente, como superior da casa.

Já o silêncio se restabelecera nas vastas salas e corredores do convento; todo o claustro parecia entregue ao repouso, quando de novo a luz mortiça de uma lanterna alvejou nas trevas, e veio caminhando na direção do cartório.

A chave rangeu na fechadura, e o P. Gusmão de Molina, pois era ele, penetrou no gabinete e fechou-se por dentro. Aí demorou-se o resto da noite, lendo o grosso in-fólio do P. Manuel Soares com ardente curiosidade. Alguma vez parava para refletir, mas prosseguia logo com maior afã a interrompida leitura.

Afinal encontrou ele o que procurava. Leu e releu uma e muitas vezes a página; acabou arrancando-a sutilmente do ventre do alfarrábio. Dobrou-a e escondeu no bolso interno do hábito; restituindo o manuscrito à arca onde jazia, tornou com o mesmo mistério à cela que lhe haviam destinado.

O dúbio palor que precede a alvorada descorava o oriente, quando o visitador entrou na cela. Ainda uma vez absorveu-se na leitura da folha arrancada ao manuscrito, como se a quisesse decorar; depois abrindo o missal, copiou em cifra, de que só ele tinha a chave, o contexto da página.

Então a chama da luz que o esclarecia devorou lentamente a folha do manuscrito, cuja cinza pulverizou a mão prudente do jesuíta.

O P. Gusmão abriu o postigo da janela; a fresca brisa que impelia o pirajá da Ponta do Padrão refrescou-lhe a fronte abrasada pela vigília e por fundas meditações.

Longe recortavam no escuro do horizonte as colinas de Itaparica; sobre a polida face do mar passavam, como frouxos reflexos das estrelas, as velas dos barcos pescadores, que já se aproximavam de terra.

Nem mais burburinho de festa, nem mais rumores do mundo.

A cidade repousava fatigada das emoções da véspera, enquanto a natureza plácida se preparava para a festa serena do nascer do dia.

Interrompeu a meditação do visitador uma forte pancada vibrada na porta larga do convento por mão robusta e insôfrega. O jesuíta debruçando-se à janela viu parado no póstico um vulto armado; poucos instantes passados ouviu o diálogo que trocava o irmão

porteiro com o desconhecido.

— Quem vai lá por tais desoras?

— Um servo de Deus, Irmão Bernardo.

— Um servo de Deus! resmoneou o porteiro. Todos o são quando lhes faz conta.

— Pois não me conheceis? Manuel Batista, escudeiro da Senhora D. Luísa de Paiva?

— Bem me queria parecer que já vos tinha ouvido a voz algures... Com que então sois Manuel Batista?

— Sim, Manuel Batista.

— O escudeiro da Senhora D. Luísa de Paiva?

— O próprio sem tirar nem pôr.

— Da Senhora D. Luísa, viúva do mercador...

— Isso mesmo, Irmão Bernardo. Mas com o favor de Deus abri, que já me tendes aqui há bom credo!

— Lá se vai, lá se vai, irmão. Com que então sois o escudeiro da Senhora D. Luísa, daquela que mora além dos Padres Bentos? Estais bem certo disso?

O escudeiro mordeu nos beiços uma jura bem pouco cortês e desabafou abalando a portada com um murro furioso.

— Quereis fazer a mercê de abrir?

— Esperai com Deus, Irmão Batista. A impaciência é um pecado; e já agora fareis penitência dele.

— Irmão Bernardo, Irmão Bernardo! retrucou Batista: tendes muitas palavras para leigo, e pouca diligência para um porteiro. Queira Deus que a Senhora D. Luísa não faça disto sabedor o Reverendo P. Figueira, que certo o levará ao P. Provincial.

O argumento calou no ânimo do leigo, que resolveu enfim alumiar a candeia.

— Hum! Hum! hum!... Mas, enfim, dizei duma feita a que vindes.

— Venho procurar o Reverendo P. Figueira da parte da dona.

— E que tamanha estreita é esta? Já se acha ela *in extremis*?

A portada abriu-se; o escudeiro como quem era conhecedor da casa barafustou pela escadaria em direção aos dormitórios.

O P. Molina chegava à porta da cela para inquirir de Batista o motivo de tão pressuroso chamado que enviava D. Luísa ao seu confessor, quando encontrou-se face a face com o P. Inácio do Lourçal. Trocadas as saudações com a costumada humildade evangélica, o visitador esperou que o religioso lhe comunicasse o assunto de visita tão matutina.

— Venho pedir a V. Reverência uma graça.

— Diga, P. Inácio; e seja ela tal que eu possa satisfazer a V. Paternidade sem prejuízo do serviço de Deus.

— Não pode ser em prejuízo do serviço de Deus, pois é para seu maior serviço. Venho pedir a V. Reverência que me deixe ir apostolar no sertão, entre os selvagens que tanto carecem da palavra divina, da qual nunca seremos pródigos em demasia, nós, os ministros do Senhor.

— De quando é essa meritória inspiração?... Seria a nossa chegada a esta casa que tanto afervorou o zelo de V. Paternidade?

E como o jesuíta não respondesse, o visitador continuou em tom de severidade.

— P. Inácio, P. Inácio, o orgulho é mau conselheiro. *Initium omnis peccati est superbia*, disse o Eclesiástico. Ontem fui de contrário aviso ao seu, na maneira de entender o nosso santo ministério; e o fui por dever, que não por mundana vaidade de primar sobre o próximo. Doe-lhe a contrariedade; por isso quer já evitar a nossa presença. Não pode ser bem aceita a Deus a oblação que vem do mau pensamento.

— Humilho-me diante de V. Reverência como um grande pecador que sou, mas de orgulho não me acusa a consciência, padre visitador. O apostolado foi sempre o meu constante desejo; agora mais do que nunca. Entre o gentio, um sacerdote ignorante e simples será sempre agradável ao Senhor ensinando o Evangelho; enquanto que nas cidades, as obras são de vulto e os casos difíceis. As forças me falecem para tamanha empresa.

— Recaiu em culpa e pena, P. Inácio; essa fingida humildade é soberba ainda. Amesquinha o apostolado; mas está se vendo que sua intenção foi exaltá-lo, desdenhando daqueles que se ocupam com outros deveres, também árduos, do nosso Santo Instituto. Parece que a obediência de V. Paternidade repugna com eles.

— A minha obediência é sem limites, padre visitador, mas a minha inteligência é acanhada. V. Reverência me ensinou ontem que há deveres que não sei compreender; confesso a minha fraqueza; temo que a minha rudez não me torne tíbio e irresoluto. É

receio de pecar por ignorância, padre visitador; não falta de zelo, menos soberba.

— Bem; não comece pelo rigor o uso do pleno poder que o sumo prelado da Companhia nos confiou para governo desta Província: vá apostolar o P. Inácio. Quando V. Paternidade se achar só com a sua consciência, conhecerá que tínhamos razão; estou que nos virá então de ânimo contrito. Saiba porém que o maior martírio que levamos em oferenda ao Senhor não é o martírio da carne, que nos tinge de vermelho a túnica e macera este pó de que fomos amassados. Oh! que não! Há mais cru e de maior angústia. É o martírio d'alma, cheia de caridade e crivada das dores que afligem a pobre humanidade; é a coroa de espinhos do apóstolo mandado para resgatar o homem do pecado com as lágrimas e sofrimentos do próximo. Esse sim é martírio; não de sangue, mas do espírito.

Nesse momento o P. Figueira acompanhado do escudeiro de D. Luísa aparecia na extrema do corredor.

O escudeiro penetrando no convento, correrá direito à cela do confessor de sua ama, e sem dar-lhe tempo de vestir a capa, anunciara a que vinha:

— Padre-mestre! Padre-mestre! Trago recado da dona para que sem perda de tempo a vá socorrer com seu adjutório.

— O que houve por lá?

— Saberá o Reverendíssimo que ignoro. A dona só me disse para trazer, que o caso era intrincado e ninguém mais lhe podia valer, senão o padre-mestre.

— Isto foi o que mandaram dizer; diga agora o que sabe, respondeu o jesuíta envergando o hábito.

— O que sei? Mas eu não sei nada, Reverendíssimo!

— Manuel Batista, você não está em estado de graça. Hoje é sexta-feira: vou ouvi-lo de confissão, antes de partirmos.

— Não é preciso, padre-mestre.

O escudeiro pôs-se na ponta dos pés e segredou no ouvido do religioso, em cujo rosto pintou-se o assombro do que ouvia.

— A filha!... A menina Elvira?... exclamou o frade.

— A menos que não sejam coisas do Tinhoso!... *Vade Retro!*

— Bom, bom! Vamo-nos sem detença. Remiu sua culpa, Manuel Batista. De caminho

rezará em voz alta três credos; é a penitência que lhe dou. Para outra vez a terá anoveada.

Encontrando o visitador, o P. Figueira tomou-o de parte para comunicar-lhe o motivo de sua diligência. Pouco se demorou; logo descendo a larga escadaria de pedra, transpôs o limiar e cortou a passo miúdo, mas rápido, na direção dos beneditinos.

Seguia-o de perto o Manuel Batista, o qual em cumprimento da penitência, declamava no tom da verdadeira compunção o Creio em Deus Padre.

O sol já vinha despontando; seus primeiros raios douravam os cimos das verdes colinas grupadas em pedestal à cidade, e iam carminar as orlas das brancas nuvens esgarçadas pelo azul do céu.

O pirajá que durante a noite se desfizera sobre a cidade, umedecera o arvoredado, que ainda nesse tempo entrava pelo recente povoado, recortando as ruas e praças e dando à cidade uma feição campestre de amena singeleza. As aves silvestres atitavam na ponta dos telhados cobertos de parasitas; o gado mugindo alegremente retouçava à beira do caminho.

Era uma fresca manhã das que vigoram o corpo nos países tropicais, e lavam o peito com os acres perfumes das plantas; manhã que já não se pode hoje gozar senão longe das cidades, *procul negotiis*.

## **XX - Por que o irmão Bernardo não acabou o sono da madrugada.**

Enquanto o P. Figueira, seguido pelo seu penitente acólito, vai lesto galgando a estreita vereda que serpeja pelo vale na direção dos beneditinos, o compilador destas velhas memórias irá em busca de Cristóvão, que ficou em ação de contar a Elvira as festas do Terreiro do Colégio.

O vulto que a desoras aparecera no pátio da casa de D. Luísa de Paiva e se adiantara manso e manso, era o caseiro e homem de confiança da rica viúva; melhor diríamos mordomo, se este cargo não fora privativo das casas de primeira nobreza.

Quando Elvira, reconhecendo Cristóvão embaixo de sua janela, soltou a imprudente exclamação do júbilo que lhe causava a presença de seu amante, o caseiro não dormia. Privado da festa pelas práticas severas da viúva, que impunha o seu beatismo aos próprios fâmulos, Manuel Batista consolava-se com alguns restos da adega do falecido

mercador, e preparava-se por meio de uma ceia fria e succulenta para o jejum da sexta-feira.

Ouvindo o estranho grito, o caseiro passou a cabeça pelo postigo; viu um vulto galgar a janela de Elvira, e desaparecer no interior. O doce murmúrio de vozes abafadas, que lhe trouxe a brisa daquele lado, fez-lhe compreender o que passava, e colocou-o em sério embaraço.

Se o desconhecido fosse um malfeitor, o negócio era simples. Batista tinha no canto armas de boa têmpera, e sempre pronto um braço robusto e ágil. Mas era outro o caso; a menina levaria decerto a mal qualquer ato de violência contra seu namorado; e o prudente caseiro não se julgava habilitado a obrar, sem ordem expressa da dona.

Firme nessa resolução, fechou o postigo, fez desaparecer os vestígios da ceia, foi direito à câmara da aia, a quem mandou acordar a viúva. Esta pressentindo um acontecimento extraordinário, se ergueu e compôs logo.

— Que há, Batista?

O caseiro contou quanto sabia.

— Julgais que ele ainda ali esteja? perguntou a dama depois de ouvi-lo friamente.

— A não ter saído enquanto vim prevenir-vos.

— Pois ide e guardai a janela. Dizeis que não é um ladrão; é um ladrão, vos afirmo eu, ladrão de minha honra e sossego! Tratai-o como tal!

Batista voltou; D. Luísa tomando uma adaga na antiga armadura de seu marido, erguida ao lado da sala, dirigiu-se, ela só, para o quarto de sua filha.

Elvira e Cristóvão sentados no estrado repetiam ainda uma vez as juras e doces protestos de eterno amor, quando a menina viu pelo espelho do trumó o lado oposto da tapeçaria que afastavam, e o vulto de sua mãe que surgia lívido e ameaçador, brandindo na mão convulsa o punhal meio oculto pelas dobras da roupagem.

Ela via, pasma de grande terror, o vulto crescer e caminhar com passo hirto, abafado pelo tapete; Cristóvão sem aperceber-se da mudança de seu semblante murmurava as ternas falas que ela já não escutava. Mas quando o punhal, vibrado pela mão nervosa, cintilou aos reflexos da luz, rápida como o pensamento, Elvira soltou um grito convulso, e envolvendo o corpo de seu amante, furtou-o ao golpe mortal. A ponta do ferro ainda rasgou a cambraia da anágua, esfrolando a cútis cetim da mimosa espádua.

Houve grande silêncio; as três personagens desta cena formavam um belo grupo.

Cristóvão, que se erguera surpreso, estava imóvel, de cabeça baixa; em face D. Luísa, muda e sombria, com o colo distendido, parecia espreitar a presa; Elvira, de cabelos desgrenhados, lábio trêmulo, roupas espedaçadas e rubras de sangue, era sublime na ferocidade do seu amor. Debruçada toda sobre o cavalheiro, que ela defendia com o corpo, voltando o rosto sobre a espádua para fitar sua mãe, com uma das mãos estreitava o amante ao seio, e com a outra tocava o cabo do punhal na cinta de Cristóvão.

E assim, mãe e filha afrontavam-se, uma nos seus instintos de cruel vingança, a outra no heroísmo de sua veemente paixão. Mas era sobre-humano o esforço: não podia durar. D. Luísa deixou cair o punhal da mão; Elvira desmaiou nos braços de Cristóvão.

O moço pousou sobre o estrado o corpo inanimado de sua amante e foi ajoelhar aos pés da dama.

— Fugide à minha vista! gritou D. Luísa sufocada pela cólera.

— Grande foi meu crime, senhora; seja grande vosso castigo. Se me julgais indigno do amor de Elvira e de vosso perdão, pereça eu pela mão que ultrajei, mas quisera beijar como filho.

Cristóvão proferiu estas palavras apresentando o punhal que erguera dos pés da dama. D. Luísa hesitou um instante; afinal mostrando a janela com um gesto enérgico, exclamou de novo:

— Saíde! Não insulteis esta casa com a vossa presença! Saíde!

O moço conheceu que não havia lutar contra tão violenta cólera; dirigindo-se à janela, saltou no pátio.

A mãe de Elvira correu imediatamente para espreitar o que passava fora; viu cinco vultos botarem-se ao cavalheiro apenas ele tocou o chão. Soou logo o estrupido dos pés que batiam como se a luta andasse travada entre adversários; após o tinir de armas que esgrimiam.

Elvira saiu do desmaio, como por estranha impulsão. Ergueu a cabeça e inclinou o ouvido para receber os ligeiros rumores que vinham de fora. Quando distinguiu a natureza do som áspero e metálico, que lhe eriçara os cabelos, surgiu de um salto, ofegante e esvairada.

Sua mãe, vendo-a precipitar-se para a porta entreaberta, apenas teve tempo de gritar-lhe:

— Elvira, onde ides?

— Morrer com ele!... exclamou a menina sumindo-se pelo corredor.

Instantes depois uma branca sombra atravessou veloz pelas trevas da noite, passou entre as espadas nuas, e foi cair nos braços de Cristóvão. O moço reconheceu a sua Elvira querida, e julgou-se feliz de poder apertá-la ao seio ainda uma vez antes de morrer.

As armas abaixaram-se diante da donzela, que se voltara para os agressores dizendo-lhes:

— Matai-me primeiro a mim!

Batista que capitaneava os acostados, não sabia como desatar este nó, quando para desencargo seu, D. Luísa apareceu no pátio.

— Fugi! Eu vo-lo suplico! disse rapidamente Elvira ao ouvido de Cristóvão.

E como ele hesitasse:

— Salvai-vos por mim, e para mim!

— E vós, Elvira?

— Não temais. É bárbara, mas é mãe.

Súbito, uma voz possante cortou o silêncio do ermo, e elevou-se cheia e sonora, modulando ao longe uma chacota popular da época:

*Santo Antônio de Argoim*

*Sentou praça de soldado;*

*Tem capa de cramesim,*

*Ganha de soldo um cruzado,*

*Santo Antônio de Argoim.*

Cristóvão escutava com alegre sobressalto esse descante a horas mortas, quando depois de breve pausa a voz atacou a segunda copla:

*Cachopa de Matoim,*

*Dá-me praça em teu cuidado*

*Por capa a fralda cetim,*

*De soldo um riso lavado,*

## *Cachopa de Matoim.*

O leitor curioso de conhecer a crônica de Santo Antônio de Argoim, a quem deu El-Rei em prêmio de seus bons serviços praça de soldado raso na Fortaleza da Barra e o soldo correspondente, pode ler as memórias do tempo; basta-lhe saber para melhor inteligência desta história, que Santo Antônio de Argoim era então o santo mais milagroso da Bahia, como tal celebrado nas cantigas do popular; e bem assim que as cachopinhas da ribeira de Matoim traziam de canto chorado os seus adoradores.

Cristóvão tinha, antes que terminasse a segunda copla, levado as mãos à boca; e soltara pela expulsão do ar comprimido um desses assobios longos e agudíssimos, como se ouvem nas assuadas da plebe. Havia porém uma modulação especial no aviso do cavalheiro; depois do sibilo vivo e prolongado que subiu ao último tom da gama, sentiu-se como um tremulho de aspiração, e por fim o pizicato de três notas soltas e destacadas.

Era visivelmente um sinal que mandava Cristóvão a alguém através da distância que os separava; mal expirou o eco entre os murmúrios da noite, um assobio inteiramente semelhante respondeu longe; daí a um instante, mais perto e rápido, talvez pedindo a direção do sítio donde partira o aviso.

— Tranquilizai-vos, Elvira minha. Estou salvo! disse o moço depois de ter dado a réplica ao misterioso diálogo.

Era tempo, porque D. Luísa chegando travara do braço da filha e procurava arredá-la do lugar da luta. Elvira quis resistir ainda; mas um gesto cheio de confiança de seu amante e um novo sinal muito próximo que anunciava o pronto socorro, a persuadiram. Seguiu lentamente a mãe até o meio do pátio; aí foi necessário que a aia a tomasse ao colo para fazê-la entrar à força.

Retirando-se, a viúva voltou-se para Batista, e atirou-lhe estas palavras em tom breve e ríspido:

— Aí o tendes!

O caseiro, visivelmente preocupado com o singular diálogo de Cristóvão, sondava as trevas em torno, julgando ver surgir a cada momento dentre a ramagem alguma quadrilha de alguazis ou gente armada. Obedecendo porém ao pensamento, mais que às palavras da dona, fez um sinal aos acostados, e avançaram em linha contra o cavalheiro já preparado para recebê-los.

O combate continuou.

Cristóvão já ferido defendia-se com a espada na mão direita, e na esquerda um forte bastão que improvisara de um galho seco. Mas o que o salvava ainda, era a ligeireza do salto, que não permitia aos agressores cercá-lo e feri-lo pelas costas.

Contudo a posição do cavaleiro empiorava a cada instante. Recuando aproximara-se do largo e fundo valado que cercava o pátio da casa; a estreiteza do espaço já não lhe permitia as livres e rápidas evoluções com que resistira à grande superioridade do inimigo.

Nisto assomou da outra banda uma figura de homem seca e pernalta, que avançava com passo tardo e desgarrado.

Nesse andar preguiçoso vencida o sujeito mais distância que o melhor caminheiro a todo o estirão; mas também quando ele abria o largo compasso das pernas, e assentava a chanca espalmada num soco de couro cru, parecia que se escarranchava no chão para surdir de novo e de novo mergulhar na passada desmedida. A estatura descia então mais de palmo; os braços abanados e já longos de si rastejavam quase; e o enorme tamanco deixava no chão um surco profundo.

Era uma ridícula figura!

Trazia, atirado para as costas e preso ao pescoço por um rosário de coco, um grande chanfalho de folha larga e fornida, semelhante aos que ainda hoje usam alguns sertanejos, e servem ao mesmo tempo de faca, de espada, de cavador e foice a quem anda habitualmente pelos matos virgens. Um comprido varapau com pontas de ferro, atravessado por baixo dos braços ao través do lombo, completava o equipamento guerreiro do grotesco personagem.

Chegando à beira do valado aprumou o talhe e mostrou um instante a descomunal elevação da estatura; mas logo, vergando como um arco sobre o fosso, o olhar felino perscrutou as sombras e viu o que passava do lado oposto.

Cristóvão também o vira e reconhecera, pois o chamou pelo nome:

— João Fogaça!...

— Tente com eles, Cristovinho: três botes ainda, enquanto engambito este valo de mil demônios!

— Avia, amigo, se não tarde chegarás! respondeu o cavaleiro.

— Seria a primeira vez que tal me acontecesse, rapaz! Ai, neste jeito, não me deixas

nenhum dos malandros, para que eu tenha o gosto de tosar-lhe a pele.

Cristóvão com efeito acabava de prostrar um dos adversários; mas ainda restavam quatro contra ele ferido e debilitado com a perda de sangue; quatro assassinos excitados pela resistência heroica, pela ambição do salário, e o receio do novo e fresco inimigo que se aproximava.

— Espera, corja de biltres; eu já te dou a amostra do pano. Vais ver de que massa é feito João Fogaça, o capitão de mato.

E fincando os pés na borda, colheu as curvas elásticas, para saltar de um pulo temerário toda a largura do fosso: mas um obstáculo imprevisto sobreveio.

Duas mãos robustas pesaram-lhe sobre os ombros, quando ele já desenvolvia o salto:

— Alto lá, camarada! proferiu voz estranha.

O capitão de mato, sentindo falhar-lhe o primeiro impulso pela brusca intervenção, teve apenas o tempo de saltar para trás, e pôr-se em defesa contra a agressão inesperada. Achou-se então cercado por seis homens que chegavam sobre seus passos.

Um deles, que parecia ter sobre os outros certa proeminência de chefe, fora quem retivera o capitão de mato no momento em que este ia saltar o fosso.

— Peai-me já este sendeiro manhoso, vós outros, disse ele para os companheiros.

E adiantou-se para o valo:

— Que é isso lá? gritou para a outra banda.

— É um homem que assassina covardemente! disse Cristóvão.

— Olé, Anselmo! exclamou Batista. Foi Deus que vos trouxe por essas bandas para dar-nos uma demão cá neste negócio.

— O negócio é vosso, mano; o meu ainda não sei qual seja, respondeu Anselmo.

— Também já está a concluir, acudiu o caseiro; basta que tenhais filado, um credo só, esse encazinado capitão de mato!...

— Há de se ver isso!...

O Anselmo voltou-se para conhecer a causa do rumor que ia entre os seus e João Fogaça; sentindo as costas guardadas, continuou a conversa:

— Antes de correr o dado olha-se a parada, amigo Batista. Ainda não sei como fala esse cavalheiro, que vende a vida mais caro do que desejais. Vede!... quase estroncou-vos o

braço!... Se ele tem a bolsa tão pesada, quanto o bote que vos atirou, estou apostando que não lhe levareis a melhor.

— São vossas dez moedas! exclamou Cristóvão animado de súbita esperança.

— As falas são boas, retrucou Anselmo. O que falta saber é se as obras correspondem.

O salteador armou o arcabuz:

— Eh lá, amigo Batista! Arredo, se não quereis que vos faça um fricassé dos miolos. Paz, enquanto me entendo cá com o fidalgo.

— Mas, Anselmo, esta é uma ação má que praticais, e de que vos heis de arrepender cedo ou tarde!

— Tendes mais de dez moedas para picar o páreo?

— Quando as tivesse, não sériais vós que lhe havíeis de pôr o gadanho, burlão!

— Pois não me obrigueis a fazer em vez de má, uma boa ação, mandando-vos direitinho para as caldeiras do compadre Botelho. Arredo, vos digo eu!

Batista, diante da boca do arcabuz voltada para ele, cedeu bem contra a vontade, e recuou com os seus companheiros a uma pequena distância.

— Mais! Mais!... Sois madraço, mano, mas não me embaçais! Bom! Agora, meu fidalgo, contai as dez moedas, atirai cá a bolsa, e dou-vos carta de seguro até a porta. Até se quereis, podemos preparar para vosso divertimento um sarapatel desses quatro borregos que aí estão tanto há para matar um homem. Quanto ao Maneco, eu lhe apararei as orelhas para doutra feita ouvir melhor!

Cristóvão desgraçadamente não tinha bolsa consigo; a que ele trouxera, vinha cheia das prendas que dera a Elvira. Pressentindo porém que o desconhecido não lhe prestaria o prometido auxílio sem palpar as moedas, o cavalheiro assentou de ganhar tempo, fingindo procurar um objeto que ele sabia ausente.

— Muito custam a desatar os cordões de vossa bolsa, meu fidalgo, disse Anselmo já desconfiado da demora. Tão leve a trazeis, que não sentis onde vos pesa.

O moço tinha ao menos conseguido descansar algum tempo; fingiu pois que de novo procurava, e aproximando-se do fosso, respondeu a meia voz:

— Sem dúvida caiu-me a bolsa na luta; mas com isso nada perdeis. Hoje mesmo vos contarei não dez, senão vinte moedas. Palavra de cavalheiro!

— Ai! meu fidalgote de sólia! Cuidei que tínheis outro metal de voz! O vosso não tine, nem

mesmo a prata velha!

— Chega-te mais perto que eu te farei tinir no costado outro metal de melhor cunho! retrucou o moço sentindo revoltarem-se os brios.

— Estais assim com essa pressa de esticar a canela? Pois faça-se a vossa vontade. Vou tirar-vos esse gosto, manos!

E de feito apontava o arcabuz para Cristóvão.

Enquanto isto passava à beira do fosso, outro incidente tivera lugar ali perto.

Os cinco desconhecidos obedecendo à ordem do chefe, tinham corrido sus a João Fogaça para segurá-lo; mas o capitão de mato sempre impassível inteiriçou a perna esquerda, e levantando a direita horizontalmente, girou sobre si mesmo com velocidade incrível. Por onde passou o dúplice corrupio do varapau e do enorme tamanco ferrado, se encontrou braço, estroncou, se bateu em cabeça rachou.

— Ainda faltam seis para a minha conta! disse o capitão de mato contando os adversários colocados em respeitosa distância e bem maltratados do primeiro ataque.

João Fogaça ruminava nos meios de socorrer Cristóvão, quando as coisas tomaram melhor aspecto com o oferecimento das dez moedas. Sempre alerta acompanhou os incidentes da cena: se os seus adversários faziam o menor movimento para atacá-lo, o compasso da perna abria-se como para mostrar o raio de círculo que não podiam transpor; e tanto bastava para que eles recuassem logo.

Mal Cristóvão declarou ter perdido a bolsa, o capitão de mato pressentindo o desfecho, tomou a sua posição de ataque; mas dessa vez o corrupio avançando rechaçou os cinco bandidos para os lados, e aproximou-se do fosso no momento em que Anselmo levava o arcabuz à face.

De um revés do pé, o capitão de mato atirou com o salteador no fundo do valado. Já os outros porém estavam com ele, e o impediam pela necessidade da defesa, de tentar o salto difícil senão impossível do largo fosso.

Cristóvão estava prestes a sucumbir sob as espadas que o ameaçavam de novo, depois da curta trégua. Cansado da heroica defesa, perdida já toda a esperança, atirara-se com raiva e desespero sobre os agressores. Mais um caiu sob o fio de sua espada; porém restavam três, e por cúmulo de infelicidade acabava de receber na curva um golpe, que o forçara a ajoelhar. Nessa situação extrema, o que o sustinha ainda, não era já o instinto da conservação, mas sede de vingança somente. Queria antes de morrer matar mais um,

todos se pudesse, de seus vis assassinos.

Que fazia entretanto Elvira?

Morria e revivia para tornar a morrer de mil mortes, que lhe dava a cruel angústia. Com o ouvido à escuta, absorvida toda em sua aflição, ajoelhada aos pés do crucifixo, queria orar e não podia. A alma ia-se de Deus ao triste amante.

## **XXI - Como se achou o capitão de mato tão a ponto de socorrer seu colaço.**

Em vida do pai de Cristóvão, morava nas terras de seu engenho Garcia, um roceiro pobre, casado em segundas núpcias.

Sua primeira mulher, que servira de ama a Cristóvão, deixara um filho de sete anos, feio menino e desengaçado sim, mas de excelente índole. A madrasta foi má para o enteado, como sempre sucede, e escorraçou a pobre criança.

O menino fugia de casa para evitar os maus tratos, e escondia-se na próxima capoeira. Aí passava o dia entretido em ver as formigas carreando a areia do buraco, em armar arapuca às rolas e sabiás, ou trepar nas árvores para dar caça aos ninhos. A princípio ainda recolhia a casa nas horas de refeição; depois só para cear e dormir. Os frutos silvestres lhe sabiam melhor do que a broa, que o pranto amargava.

Quando voltava do mato, já lusco-fusco, era raro que não trouxesse, escondidos no seio da camisa, algum ninho de ave, uma fruta, ou bonitos passarinhos que dividia entre o seu colaço e uma menina do lugar, filha do vizinho. Eram esses dois entes seus carinhos e sua maior consolação.

As vezes e bem frequentes, que a madrasta o castigava barbaramente sem arrancar-lhe um gemido dos lábios cerrados ou uma lágrima dos olhos secos, era no seio de sua camarada de infância, que a vítima desafogava o coração. Mariquinhas chorava também; pranto copioso vertia dos olhos de ambos. Então o menino arrependia-se da mágoa que causava à sua amiga, e inventava algum folguedo para alegrá-la.

De lastimando-se que estavam, logo começavam de rir e folgar. Abençoadas lágrimas da infância, doce linfa que mana o coração, enquanto puro e virgem, como límpidos orvalhos da manhã da vida! Não conhecessem os olhos que as vertem, aquele outro pranto amargurado, que sangra mais tarde da alma ulcerada!

Veio a adolescência.

João habituado já à solidão e feito com os acidentes do campo, se arriscara até a mata-virgem, e breve soube-lhe dos mais recônditos mistérios. Ninguém melhor que ele seguia a pista do animal, ninguém melhor imitava o silvo da cobra, o assobio da anta, o canto de todos os pássaros. Muitas vezes atraía o iludido animal, que lhe acudia como ao terno companheiro.

A gente do lugar chamava-o caiporinha, de uma palavra tupi que significa — habitante da floresta; e com efeito o apelido quadrava perfeitamente, porque vindo a falecer-lhe o pai, ele abandonara de maneira a casa paterna, e aí não pôs mais os pés, desde o dia em que saiu órfão. Arranjou então uma miserável palhoça à beira da mata; e ainda essa parecia luxo; sua verdadeira moradia continuou a ser a floresta, onde cada árvore lhe dava abrigo durante a noite.

Por esse tempo, Cristóvão, cinco anos mais moço do que o seu colaço, já se afoitava a travessuras maiores de sua idade, e frequentes vezes acompanhava o caiporinha nas excursões pelo mato.

Quando sucedia separarem-se no escuro da floresta, o menino sentia-se tomado de um estranho pavor; para animá-lo e indicar-lhe o seu ponto, tinha o João um modo de assobiar mui particular, e de tal força que atravessava os rumores da mata sem confundir-se neles.

O costume fez que este assobio se tornasse com o tempo um sinal de aviso em todos os incidentes de sua vida comum. Queria João comunicar a Cristóvão alguma caçada de jacus, a que pretendia ir à boca da noite? Assobiava de longe; e o seu colaço fazia uma escapula de casa para vir falar-lhe. Carecia Cristóvão do companheiro alguma vez para irem-se de camarada ao banho ou ao passeio? Não tinha mais do que pôr-se ao vento da palhoça e soltar o assobio: João com pouco ali estava rente.

Fora igual aviso que dera Cristóvão quando, no transe em que se achou, ouviu a cantiga predileta do capitão de mato; o mesmo foi reconhecer-lhe a voz que lembrar-se dos folguedos de sua infância tão presentes à memória. Depois daqueles tempos felizes e descuidosos muitos e muitos acontecimentos haviam passado que são de saber. Cristóvão chegara a mancebo e cavalheiro; João alcançara uma patente de capitão de mato para o que tinha muita propensão.

Naquela época em que a floresta confrontava com a cidade e quase lhe invadia os quintais, oferecendo ao crime como ao vício couto seguro e asilo contra a vindita da lei, o capitão de mato foi ofício de importância. Era quem melhor policiava o estado, e ia aos

desertos sertões trazer o réu à justiça, o escravo ao senhor, e perseguir as hordas selvagens quando infestavam a vizinhança dos povoados.

João Fogaça porém não seria capitão de mato se não fora sua má estrela.

A menina, que lhe dera os primeiros amores, estava já moça, e guapa e formosa. Era conhecida pela Mariquinhas dos Cachos. Viera-lhe o nome das lindas tranças pretas aneladas que brincavam sobre as espáduas torneadas. Quando ela vestia aos domingos, para ir à missa da capela, sua vasquinha de belbute azul com saiote de seda, não havia em toda aquela ribeira quem não suspirasse pela gentil cachopa. João a amava desde a primeira infância. Se com os anos vieram a timidez, o recato, a esquivança, por outra parte o sentimento criara raízes mais profundas, como as túbaras, que medram no seio da terra, embora tenham a rama crestada do sol.

Assim os dois já não brincavam com a antiga efusão; mas em compensação viviam mais um do outro.

A melhor porção da vida de João era da moça. Sua lembrança amiga o acompanhava nas correrias através das matas. Quanto colhia de gracioso e delicado, flor, ave, ou fruto, era para ela; quanto via de bom e lindo, misturava-se logo em seu espírito com a imagem dela. Mariquinhas de seu lado seguia com o pensamento o jovem caçador, estremecendo à ideia dos perigos que porventura corresse. Ao cair da noite o esperava ansiosa entre as moitas do quintal, junto à cerca, onde costumava falar-lhe todas as tardes. O coração soçobrava em alegria e susto ao mesmo tempo, quando ouvia longe o descante que anunciava próxima a chegada do amigo.

Amavam-se, mas nem sabiam dizê-lo um ao outro; nem conhecê-lo. Entreciam e duvidavam de sua mútua afeição, e esperavam ambos a confissão que nenhum ousava fazer, e talvez ambos temiam em sua impaciência. Até que o dia chegou da explicação; antes não viera!

Uma bela manhã, por meio do almoço, o pai de Mariquinhas virou de supetão a cara para a mulher e lhe disse à queima-roupa, em tom que não admitia réplica:

— O José Tendeiro casa com a Maricas. É preciso ver modos de arranjar-lhe o enxoval. Coisa que ande em pouco!

O primeiro movimento da moça foi de espanto; logo após quando ficou só a angústia encheu-lhe os seios d'alma e transbordou nas lágrimas e soluços. Regalou-se de chorar; e bom foi porque afinal de contas achou-se mais serena. Uma coisa, como a fresca sombra da árvore nas ardentes soalheiras do sertão, foi-se derramando por sua alma

crestada e aflita. Horas passadas, a mãe a viu alegre e prazenteira, cantando umas cantigas mui do coração, acordadas com o ponto ligeiro da agulha. Enquanto isso, dizia a menina lá entre si:

— Quando eu contar a João!... Estou para ver que ele ainda me esconda o muito bem que me quer!... O pai que faça lá sua conta, eu lhe tirarei a prova. Esta noite mesmo, Deus sabe onde me irei eu.

Tanto que foi por tarde, Mariquinhas largou da costura, fez às pressas uma trouxa de roupa domingueira, e disfarçando para que a mãe não visse, foi escondê-la junto à cerca onde costumava falar com João. Depois, às trindades, acabada que foi a reza, tomou a bênção à sua mãe, e saiu de casa, onde ela pensava que não voltaria mais senão noiva recebida de seu querido João.

O rapaz chegou com escuro.

Vinha com o passo lento e o coração a saltar-lhe, porque também ele tinha o quer que fosse. Naquela mesma manhã lhe ocorrera um engenhoso expediente para arrancar de Mariquinhas a confissão por que tanto ansiava. O alcaide, a pedido de Cristóvão, e pelas boas partes que lhe conhecia, o propusera a capitão de mato. Nunca a João passara pela ideia aceitar o ofício e apartar-se do seu torrão onde via quanto ele mais queria neste mundo. Mas esse mesmo receio de tão cruel apartamento lhe serviu de inspiração. Pensou que fingindo a próxima partida e para tão longes e arriscadas paragens, a menina não se poderia ter que não mostrasse o que trazia no sentido a respeito dele. Se fosse amizade somente, ele partiria, e sabe Deus se para não tornar; porém um certo bate-bate do coração estava lhe dizendo que não era amizade, mas amor do melhor quilate, o sentimento de Mariquinhas.

Indo ao encontro da moça dizia ele com os seus alamares:

— Chego; digo-lhe adeus, como quem se parte para tão longe, donde sabe Deus se tornará.

Aqui sorria-se do susto de Mariquinhas:

— Ela se debulha toda em choro e salta-me ao pescoço... Então entre dois engulhos sai-lhe afinal de dentro o feitiço de que se morre por mim, como me eu morro por ela. Arrenega-se, quer por tudo quanto há ir comigo por montes e vales. No fim das contas ficamos aqui bem sossegados de nossa vida e amarradinhos...

Do mais longe que avistou o amigo, Mariquinhas acenou-lhe que apressasse, e ele já

corria mal divisara o vulto da rapariga entre as sombras e folhas do arvoredo.

— Chega, João, saberás a nova que te guardei! disse a moça com o coração nos lábios.

— Vai dizendo, Mariquinhas! Também eu trago-te uma por que não esperas, respondeu o rapaz mui prazenteiro.

— Pois ouve lá! O pai quer-me para mulher do José Tendeiro!... Sabes? o remendão!

Dizendo isto o riso argentino desfolhava rosas nos frescos lábios da rapariga.

João enfiou.

— Então coseram-te a língua? Nem dizes que te parece do meu futuro!...

— Eu, Mariquinhas!... balbuciou João. Eu... que queres que diga, senão que o José Tendeiro há de ser bom marido... É arranjado e bem visto da gente...

— Achas isso, João? perguntou a moça descorando.

— Acho, sim, Mariquinhas. Só me pesa não estar aqui para as bodas, que vou-me ao sertão. Vinha mesmo para te dizer adeus. Saio pela alvorada.

— Pois era essa a nova que me trazias?

— Que outra podia ser? Querem-me para capitão de mato. Não te parece um bom mister para mim que não tenho outro, e a falar verdade para nenhum presto?

— É muito bom, João; e mais tu que tanto gostas de viver no mato. Bem escolheste.

— Como tu, Mariquinhas.

A torvação dos espíritos, mais do que a escuridade da noite, os cegava a ambos, de modo que não se apercebiam do que passava no outro, tão ocupados estavam de si. E entretanto a voz de João enrouquecera; a fala de Mariquinhas tremia com os soluços. Depois de breve pausa a moça tornou:

— Então é esta madrugada, João?

— Se Deus não mandar o contrário. E tu, quando te casas?

— Breve, breve, mas não tanto como esperei!

— Adeus. Fica-te na paz do Senhor e felicidade que eu sempre te roguei, Mariquinhas.

— Adeus, João. Os anjos te acompanhem, e Nosso Senhor te leve e traga a salvamento.

João abalara bruscamente às últimas palavras; e Mariquinhas caiu de joelhos por trás da moita onde escondera a pequena trouxa. Nenhum viu o pranto que lavava o rosto do

outro; nenhum ouviu os soluços que rompiam do seio oprimido do infeliz amigo.

O elo que unia aquelas duas existências se partira.

No dia seguinte, por madrugada, João Fogaça partia para a cidade a receber a patente de capitão de mato, e nessa mesma semana fez-se na volta do sertão. Um mês depois a moça era noiva recebida do José Tendeiro e trocava por este o seu gracioso apelido de Mariquinhas dos Cachos.

Seis anos eram decorridos.

A amizade dos dois companheiros de infância, longe de enlanguescer com o tempo, robustecera ao contrário com os vaivéns da fortuna, no que mostrava sua boa ténpera. Quando João tivera uma grande enfermidade que o levava às portas da morte, Mariquinhas, a mais honesta mulher que se sabia, pediu licença a seu marido, que lha deu, e foi velar vinte dias com vinte noites à cabeceira do enfermo. Também quando os selvagens assaltaram uma vez a engenhoca do José Tendeiro, aonde ele então se achava, mal chegou a notícia à cidade, houve um homem e esse foi João Fogaça que cometeu a temeridade de ir, ele só, arrancar das mãos dos canibais o marido de Mariquinhas. Coberto de feridas embora, trouxe-o são e salvo à mulher, sem lembrar-se de que por ele a perdera, e para sempre.

Como que a vida do José Tendeiro só tinha um fim neste mundo, qual o de pôr à prova a sublime abnegação do capitão de mato; realizado que fosse, extinguiu-se de repente. Mariquinhas ficara viúva. Havia isso já muito mais de ano; no entanto a situação relativa dos dois amigos e companheiros de infância, pouca ou nenhuma alteração sofreu com aquele acontecimento.

Quando João Fogaça voltava das suas correrias, ainda coberto de pó e lama, a primeira porta a que batia, era a de Mariquinhas, a primeira pessoa a quem dirigia a palavra, era a viúva do Tendeiro. A moça preparava-lhe a refeição, inquiria de sua saúde, espanava-lhe o fato. Só depois de cumprida a devoção dessa visita, o capitão de mato ia dar conta de suas obrigações.

Realmente essa amizade já era uma parte da sua rude e simples religião. Ele, o homem das brenhas, costumado a orar ao Senhor no templo aberto da criação, tinha para si que nunca melhor cumpria seus deveres de cristão do que amparando a viúva.

Enquanto se demorava na cidade, todos os dias que Deus dava, o serão ia passá-lo em casa de Mariquinhas. Chegados à janela do oitão, ou sentados ao pé da mesa onde ela à luz da candeia fiava, conversavam como dois amigos velhos do seu bom tempo que

passara, até a hora em que a frugal ceia fumegando sobre o alvo mantém, os convidava à refeição. Havia porém um ponto em que nenhum se animava a tocar: página do coração que cerrara para não mais abrir. Era a tarde que decidira de seu mútuo destino.

Amavam-se ainda?

Era de pensar que não; pelo menos nenhum deles acreditava possível já agora, o que não fora outrora na flor dos anos seus. Viviam na doce confiança de uma terna e pura amizade. Se alguma suave esperança, das que brotaram na primavera do coração, ainda reverdecia às vezes na monotonia do presente, breve se finava no silêncio de suas almas já ermas de amor.

Naquela noite de ano-bom, fadada para tantos acontecimentos desta história, a primeira luminária a luzir entre os coqueiros e João Fogaça que galgava a ladeira de Nazaré para entrar na cidade, depois de uma ausência de dois meses gastos em correria pelo sertão. O capitão de mato deixou o seu bando arranchado no recôncavo, e demandando a cidade, tomou o caminho tão trilhado da casa da viúva do José Tendeiro, que morava para as bandas de Santa Luzia.

Mariquinhas esperava-o. Partindo, João lhe dissera:

— Guardai-me as janeiras, Mariquinhas!

E ela cumpriu com o prometido. Apesar da festa, deixou-se ficar em casa à espera do amigo. João achou já posta a mesa da ceia com dois talheres. No que lhe era destinado estava um pequeno saquitel de seda escarlate cobrindo uma relíquia, a que o vulgo dava o nome de bentinho e atribuía a virtude de salvar de todo o perigo quem o trazia com fé e devoção. O relicário da moça era preso a um cordão de ouro e continha um pedaço do santo lenho da Cruz, envolto em cabelos seus.

Mas a natureza desse invólucro não se via, nem se havia de saber. Era segredo dela para Deus. Não valiam aqueles fios como prenda ou mimo a João, senão como satisfação que se dava a si própria, fazendo que uma porção, mínima embora de sua pessoa, acompanhasse o amigo nas longas ausências pelos ásperos sertões.

A noite passara como as outras, se não fora que o capitão de mato se deixou ficar além da hora costumada. Ao toque de recolher ainda estavam à mesa da ceia: o viandante trouxera bom apetite do último estirão de caminho que forçara para alcançar a cidade; e portanto a refeição prolongou-se. Avisando afinal que era tarde, saiu para seu rancho, levando ao pescoço o relicário.

A prenda de Mariquinhas a roçar-lhe o peito, o contato de uma coisa que saíra tão tocada das suas mãos, lhe despertara não sei que doces estremecimentos d'alma. Sentiu-se como afrontado de suspiros alegres e tristes, de saudades travadas de esperanças; e sem pensar, os lábios entreabriram-se e o seio desafogou no descante predileto. Bem anos havia que o não entoava senão lá no seio profundo das florestas virgens, onde não chegava o rumor de gente. No povoado temia acordar os ecos dormidos de um passado morto.

Dez braços não andara, quando ao terminar a primeira copla, alguma coisa o ressabiou. Apesar de preocupado, os sentidos estavam alerta. A vida do deserto, o costume de bater o mato dia e noite, faz desses homens assim. Há neles como uma espécie de sonoridade íntima; o menor rumor, o mais leve estrídulo, repercute dentro, estejam embora com a atenção voltada a outra parte. Isso neles é já independente da vontade: o sentido vibra, como vibra a outra ponta do fio de arame levemente percusso na oposta extremidade.

O que ressoou ao ouvido de João Fogaça que assim o ressabiou, foi surda percussão na terra, que se ouvia ali próximo; coisa por certo imperceptível para outro que não o capitão de mato, mas clara e distinta para ouças tão finas e exercidas como as suas. O som lhe vinha do mais basto de um arvoredado que ficava à direita, cobrindo o flanco de um edifício. Era a mesma casa para onde se dirigia com tamanho mistério o nosso bom Doutor Vaz Caminha.

Sondando a ramagem com o varapau ferrado e o olhar, nada descobriu de suspeito o capitão de mato; o rumor de todo cessara. Não julgando necessária à segurança de sua pessoa maior investigação, pôs-se de novo a caminho atacando a segunda copla. Foi então que lhe chegou o primeiro aviso de Cristóvão.

Viera ele repassando na mente todo esse feliz tempo de sua descuidosa infância. Aquele assobio especial, sinal de folgares e caçadas, era como um eco vivo dessas recordações, ali espertado de repente no ermo silêncio da noite. Estacou, e levado de um impulso mais forte e rápido que o seu querer, respondeu ao aviso. Que o assobio vinha de Cristóvão, seu colaço, tinha ele plena certeza; ninguém mais o daria com aquela perfeição. O difícil era conhecer-lhe a tenção. Seria brinco apenas, ou algum caso sério e urgente? A instância com que repetia-se o aviso, e uma certa sofreguidão no sopro, talvez por sair de um seio opresso, indicaram ao sagaz forasteiro que seu colaço estava em mau passo e havia dele mister.

— Deve de ser além do mosteiro!... disse orientando-se.

Voltou sobre os passos e onde acabava o muro da casa que ia ladeando, cortou rumo direito na direção que lhe dera o sinal.

“Quem anda aos porcos tudo lhe ronca”, diz o anexam. Ora a Anselmo e seus companheiros que ali estavam escondidos no arvoredor, cavando uma mina lá para os seus planos concertados com mestre Brás e o negro Lucas, não escaparam os feitos do capitão de mato. Eles o descobriram quando sondava a ramagem, escabreado com a pancada surda do cavador, ouviram-no que trocava um sinal com alguém ao longe, e não fizeram reparo donde primeiro partira; enfim o viram sumir-se varando direito pelo matagal fora, como quem tinha pressa de chegar, ou afogo de escapar.

Afigurou-se a Anselmo que tal assobio podia bem ser a senha de quem os estivesse espreitando; e como Joaninha aí não estava para o despejar de toda a prudência, resolveu tirar as coisas a limpo. Deu fala aos cinco, e todos um após outro, se foram na pista do capitão de mato, agachados pelo capim.

Eis como chegara João Fogaça à borda do valado, e infelizmente para Cristóvão, seguido da vil quadrilha do Anselmo, que mais complicaria a já de si tão difícil posição do moço cavalheiro.

As coisas estavam ainda no ponto em que as deixamos. O Anselmo caído no fosso, mas esforçando com unhas e dentes para galgar a borda; Cristóvão sobre um joelho, mas resistindo sempre, e amedrontando ainda os três cobardes assassinos, que não ousavam afrontá-lo de perto e esperavam ensejo de feri-lo de revés e à traição; João Fogaça impedido pelos companheiros de Anselmo de saltar o valo e levar socorro ao seu coloço.

— Vocês me conhecem, corja de biltres? disse o capitão de mato para os cinco bandidos. Pois eu vou saltar este valado já; se quando chegar-me da beira e olhar para trás, ainda vos enxergar aqui, prometo-vos, palavra de João Fogaça, que de cinco que sois vos porei em dez!

E o capitão de mato deu-lhes as costas e caminhou com imperturbável serenidade para a borda do fosso. Os aventureiros se dispunham a dar de pernas, com medo da ameaça, quando a voz do Anselmo, que decididamente tinha sobre eles grande ascendente, restituiu-lhes a coragem.

— Não façais tal! gritara o cigano do fundo do valo. Picai-o à faca, e o mais depressa é o melhor, para me safardes daqui.

Os cinco avançaram. Então João Fogaça foi tomado de uma raiva tremenda. O ímpeto só com que travou do largo chanfalho, fez tiritar o coração aos aventureiros; o seu primeiro

passo deu-lhes asas; de modo que arremetendo contra eles, já não achou homem para o bote que levava feito. Todos haviam desaparecido.

Volver de uma corrida, desenvolver o pulo e saltar o fosso, foi para o capitão de mato negócio de um jato. Mas em mofina hora o fez; porque a esse tempo já o Anselmo conseguira segurar-se à borda fronteira. Quando pois João Fogaça bateu com as pesadas chancas na beira mesmo do terreiro, sentiu que o mariola lhe travava das mãos ambas o tornozelo esquerdo. Felizmente conseguiu agarrar-se a um ramo de árvore, mas foi preciso para isso largar a farrusca.

Assim suspenso por um pé à borda do valo, resistindo no outro aos esforços repetidos do Anselmo que trabalhava por derrubá-lo, sentindo estalar o ramo que vergava com seu peso, João Fogaça via com desespero Cristóvão a morrer ali a seus olhos, quase ao alcance do braço, sem poder valer-lhe. Debalde abaixava-se para alcançar o espadão; era vão intento.

Nisto reboou no silêncio da noite o estrupido cadente de rápido galope.

A voz do capitão de mato, aquela voz possante e sonora, ecoou quase uníssona, lançando duas vezes a pequeno intervalo o grito de socorro:

— Aqui!... De Deus e de El-Rei!...

Quando o som da voz se dissipou no ar, tudo voltara ao silêncio; já não se ouvia o galope do cavalo. Mas a ansiedade foi curta. O som das patas do animal repercutiu de novo e mais próximo; logo depois uma voz:

— Quem vai lá?

— Cristão e português, prestes a morrer às mãos de seis assassinos! respondeu João.

— Estácio!... balbuciou Cristóvão sucumbindo afinal.

Era de feito Estácio Correia.

Deixando Vaz Caminha, corria um galope desesperado sobre Nazaré. Por cima de barrancas e corcovos, através balsas e matagais, lá se ia o cavaleiro com seu pajem na garupa. Essa corrida louca e esvairada como que lhe acalentava o sofrimento. Gil seguro à cintura do moço, fechava os olhos para não ver; ele tremia, é certo, mas uma ideia o consolava. Pensava que se o cavalo arrebentasse nalgum estrepe, ficariam bem magoados sem dúvida, mas o amo não iria fazer-se traspassar pelo alferes.

Quando reboou o primeiro grito, Estácio não o ouviu, tão alheio estava de tudo que não era a sua dor íntima e funda. Gil porém o advertiu:

— Não ouvides, senhor cavalheiro? Bradam socorro.

Estácio era generoso o caritativo; esse reclamo extremo que invocava auxílio não só em nome de El-Rei, como em nome de Deus, ecoou em seu nobre coração. Mas é força confessar; colhendo as rédeas para governar o cavalo na direção do clamor, o seu pensamento e sua palavra não eram de compaixão.

— Talvez matem-me eles mais breve do que esperava eu.

E precipitou a corrida para a cerca de D. Luísa, onde chegou justamente a tempo de ouvir de envolta com seu nome, o último gemido da vítima.

— Cristóvão!... gritou reconhecendo na voz moribunda a fala do amigo.

Quando a exclamação terminara, já as patas do cavalo, que juntara com o golpe rijo dos acicates, batiam o terreiro e já Estácio saltava da sela e corria ao amigo. Achou-o, corpo inanimado, nos braços do capitão de mato:

— Cristóvão, amigo, fala-me, dizia ele sentindo correrem as lágrimas que supunha estanques.

— Ainda vive!... acudiu João. Já, senhor! Eia, sem perca de tempo, a ver se o salvamos.

— Que pretendeis?

— Levá-lo aonde seja possível pensar-lhe as feridas. Morais acerca daqui?

— Oh! que não! Junto da Ribeira...

— Mais próximo acharemos gasalhado e socorro para ele... Deixai que o carregue! Não é peso para mim.

João Fogaça tomou Cristóvão nos braços, como se fora um filho pequeno, e partiu com o precioso fardo. Seguiram atrás Estácio e Gil mudos e cabisbaixos, acompanhando o corpo do valente cavalheiro. No terreiro, somente ficaram os feridos que lograram a vida escapa, graças a ter o capitão de mato o cuidado todo empregado na salvação de seu colaço. Os assassinos, estes se tinham evadido por detrás da casa perseguidos pelo destemido pajem. O Anselmo também foi cuidando em pôr-se a bom recado, logo que pressentiu que a chegada de Estácio ia afinal decidir o pleito.

Fora poucos instantes depois desse desfecho, que D. Luísa de Paiva despachara o seu caseiro Manuel Batista com recado ao Reverendo P. Figueira. Do como desempenhou-se ele dessa incumbência já se viu anteriormente; e ainda mais agora que o jesuíta seguido sempre do seu penitente acólito, entra já a cancela do terreiro.

A viúva esperava com ânsia o seu capelão. Apenas o avistou de longe correu a recebê-lo no patamar.

Encerraram-se ambos no gabinete, e tiveram aí larga conferência; do que nela acordaram não se soube; mas logo que foi terminada, o Manuel Batista partiu apressado para a cidade em busca de um mecânico, oficial de serralheiro.

## **XXII - Que há males que vêm para bem.**

Deixando o terreiro de D. Luísa, o capitão de mato acompanhado de Estácio e Gil, dirigiu-se rápido à casa de Mariquinhas dos Cachos, por ser esse o mais próximo albergue a que podia conduzir o corpo de Cristóvão a fim de acudir-lhe com os primeiros socorros.

A moça já estava recolhida desde muito; mas entendendo daquele bater apressado e tão fora de horas, que era caso de aperto, e conhecendo a voz de João Fogaça que a chamava, consertou de afogadilho as roupas de dormir e embuçada na sua mantilha correu a abrir.

Em poucas palavras lhe comunicou João o que o trazia assim de surpresa; e ela, vendo-lhe nos braços o corpo desfalecido do cavalheiro, ficou tão enleada que não sabia o que fizesse.

Seu primeiro impulso foi levar o capitão de mato à alcova; mas lembrou-se que sua cama estava desfeita e ainda quente de seu calor; e a lembrança de que João a pudesse ver assim, queimou-lhe as faces de pejo.

— Move-te daí; e dá-me uma cama, ou uma enxerga ao menos, para deitar este mísero, que está a despedir-se da vida se não lhe acudimos já.

Estas palavras do capitão de mato fizeram a moça esquecer-se de si para só pensar na salvação de Cristóvão. Correu à sua alcova, e ajudou João a deitar em sua cama o corpo inanimado do cavalheiro.

Na cidade do Salvador e sua redondeza não havia então físico ou algebrista que chegasse ao capitão de mato na arte de pensar feridas, consertar ossos e conhecer os simples; nem mesmo o mestre Cabral, de todos os mata-sanos da Bahia o mais afamado.

Aprendera dos selvagens entre quem passava uma boa parte de sua nômade existência.

Lavando os golpes e sondando-os, conheceu ele que, profundos e em grande número,

não tinham embora ofendido algum órgão vital; a perda de sangue, sim, fora muita e debilitara em excesso o enfermo. Posto o aparelho, o cavalheiro recuperou os sentidos, mas para cair em nova e frequente síncope, que trazia a todos assustados.

João Fogaça resolvido a não arredar pé um instante da alcova enquanto não visse o seu colação livre de todo o perigo, chamou Gil para mandá-lo a sua casa buscar um cordial que ele mesmo compusera de bálsamo de embaíba.

O pajem, depois de ouvir o recado do capitão de mato, tomou Estácio de parte para dizer-lhe:

— Ides amofinar-vos comigo, sr. cavalheiro, mas paciência. Jurei à minha alma que não vos deixaria um instante só.

— E por que motivo não me queres tu deixar, Gil?

— Se nada posso por vós, dai-me ao menos que seja convosco até o último instante.

— Vai em paz. Eu te prometo que na hora derradeira te terei junto a mim, pois lembra-te o que de ti espero que lhe digas a ela.

Gil, consolado com esta promessa, partiu a correr; e antes de uma hora estava de volta.

O resto da noite correu entre os frouxos lumes da esperança, que logo se apagavam, para lampejarem de novo. Foi somente lá para a madrugada que os efeitos do curativo dissiparam os sintomas assustadores. Voltou o calor à epiderme gelada, a luz aos olhos baços; e o espírito animou outra vez aquele corpo hirto. Cristóvão quis falar; mas as forças não lhe chegaram senão para sorrir aos amigos que rodeavam o leito. Depois desse esforço, caiu em profundo letargo.

Até então pessoa alguma ocupara-se de outra coisa que não fossem desvelos e sustos pela sorte do enfermo. Com os olhos pregados no belo semblante pálido de Cristóvão, espiavam todos, reclinados sobre a cama, os vislumbres daquela existência que semelhante ao clarão da lâmpada bruxuleava prestes a extinguir-se de todo.

Mal o sorriso despontou nos lábios descorados do cavalheiro, derramou-se por todos os semblantes como se fosse contagioso. Ouviu-se então o respirar profundo daqueles peitos por tanto tempo opressos; e a alegria de todos se difundiu em um mesmo grito:

— Está salvo!

João Fogaça então voltou-se para Estácio Correia:

— Não vos conhecia de pessoa; e não sei mesmo se vos conhecia de nome, ainda que o

ouvisse proferir por vezes. Comecei porém a conhecer-vos pelo coração, que é de ouro fino. Se algum dia precisardes de um braço pesado, um pé ligeiro, e uma cabeça dura, é esta figura desengonçada que aqui vedes, João Fogaça, capitão de mato, para vos servir e respeitar.

Estácio apertou a mão ao sertanista.

— Eu já vos conhecia pela conversação de Cristóvão, e tanto que vos adivinhei logo que nos encontramos. Sei pois quanto vale o que tão graciosamente me ofereceis, e do que é capaz vosso esforço e diligência para as maiores empresas; mas acima de tudo agradeço-vos a salvação deste irmão; ainda que não o fizestes senão por ele, é como se o fizésseis a mim mesmo.

— Mas não, pois fostes quem o salvou e não só a ele, senão também a mim de um banho no fosso. Quando chegastes tão a ponto, estava eu, cai não cai. Figurai-vos um homem com um cão filado ao calcanhar!... Mas eu lhe farei as contas e boas, ao tal Anselmo e aos outros. Bastou vossa presença para que se moscassem!... E nem espada trazíeis!...

Continuaram a praticar os dois, que se tinham passado à varanda para não perturbar o sono do enfermo. João Fogaça contou o que vira desde o momento de sua chegada; Estácio adivinhou o resto pelo que já sabia dos amores do amigo.

Pela madrugada Mariquinhas veio ter com eles:

— Espertou agora mesmo, disse a moça; deixei-o mais calmo da dor, mas não do ânimo.

Os dois amigos voltaram à recâmara, onde encontraram o ferido já outro, embora ainda bastante abatido. Assim que os viu, Cristóvão tomou-lhes das mãos, para os chamar a si:

— Que isto não se assoalhe, amigos. Se me quereis, dai-me esta prova. Seu recato é bem mais precioso, do que esta vida salva por vós.

Resolveram que se guardasse segredo impenetrável. Estácio respondia pelo pajem; os facínoras, esses de seu lado teriam cuidado de não se denunciarem. A mãe de Cristóvão morava no engenho a quatro léguas; portanto podia ficar na ignorância dos ferimentos, se durante a cura houvesse cuidado de mandar regularmente notícias. Afonso, o escudeiro de Ávila, que apenas avisado por Gil acudira à pressa, foi incumbido da execução desse plano.

— Ainda vos tenho que pedir, disse o ferido.

— Falai, amigo! tornou Estácio.

— Falai, porém o menos possível a fim de não enfraquecer-vos ainda mais.

— Para meu sossego, careço de saber dela... Como a tratou sua mãe, depois que a arrebatou de mim... Sobretudo não me enganai!

— Estou que por aí nada há que temer.

— Ah! que muito! Tenho um pressentimento...

— Pois vou-me deste passo cumprir o vosso desejo e não esperareis muito, que não torne com boas-novas, disse Estácio. Mas ficai certo que se forem más, não as esconderei; pois bem sei eu o que custam depois os desenganos.

A última frase, Estácio a soltara sem querer e com uma voz abafada que só do amigo foi entendida. Este viu-lhe no rosto o luto d'alma, e ainda que nada sabia, suspeitou uma grande mágoa:

— Não, Estácio, replicou Ávila. Guardo-vos para coisa mais difícil; esta diligência, dou-a ao meu colaço, como pessoa menos conhecida.

— Pronto, Cristovinho! De que se trata?

— Esperai, que me sinto fatigado.

— Bem que vos recomendei!

— Quereis que lhe explique? perguntou Estácio.

Cristóvão fez sinal afirmativo.

— Trata-se de ir à casa de D. Luísa. Sabeis? A mesma desta noite...

— Sei, sei; lá contava ir eu hoje logo que amanhecesse à busca do meu varapau, e para tirar certa devassa do caso...

— João, por quem sois, não façais espalhafato!

— Convém todo o disfarce e prudência para o bom êxito da empresa, acudiu Estácio. Ides lá unicamente saber o que houve com D. Elvira da parte da mãe.

— Mas bem entendido, observou Cristóvão, que não fareis ruído, nem algazarra.

— Está direito! Mas pergunto-vos eu, se pilhar de jeito algum dos cães desta noite, posso torcer-lhe o gasnete.

— Não! Não! exclamou Cristóvão.

— Devagarinho, sem rumor?

— Por Deus, João! Se ides com tais tenções, melhor é deixar-vos ficar. Estácio me fará esta esmola!

— Bem, bem; não se matará nem uma pulga, pois que sois tão avaro do sangue alheio, quanto pródigo do vosso.

— Não é do sangue que ele é avaro, mas do crédito e virtude dela. Porventura nunca vos bateu o coração por alguma mulher, Sr. João Fogaça? perguntou Estácio.

Os olhos do capitão de mato brilharam como uma chama que rompe do borralho, e apagaram-se logo sob a expressão de um riso desconsolado.

— Não sei! Se isso foi, há tanto tempo já, que não me lembra.

Mariquinhas voltou-se para abafar um suspiro, que ninguém ouviu.

— Pois volvi a esse tempo, tornou Estácio; e suponde que por uma indiscrição vossa, iam dizer amanhã que essa a quem adorais faltou ao recato de donzela e aos ditames da honra!... Pensai que desgosto não seria o vosso.

— Basta; não careceis de me dizer mais nada. Ficai tranquilo, Cristovinho!

O capitão de mato advertiu Mariquinhas do que lhe cumpria fazer, e foi-se, tendo antes o cuidado de examinar o aparelho da ferida.

Ficando só com o amigo, a primeira palavra de Ávila foi:

— Que vos aconteceu, Estácio? Dizei-mo, amigo.

— Falemos antes do que me quereis incumbir, Cristóvão.

— A incumbência é nenhuma, foi mero pretexto para não vos distrair de vossos cuidados com os meus, pois vejo que os tendes bem negros e pesados.

— Engano vosso.

— Que val negardes?... Não estou vendo eu que se a mim cortaram as carnes a ferro, a vós lancearam o coração quem sabe de que dor. E todavia eu vos acreditava tão feliz!

— Também eu!... É sempre assim, primeiro o mel, depois o fel, para que mais amargo saiba.

— E agora, ainda o negareis?

— Quereis saber? Suspeito que os amores de D. Fernando são bem acolhidos.

— Onde e por que o suspeitais?

— Não poderei dizer-vos; tenho essa desconfiança.

— Ah! já vejo que não passam de sombras más vossas tristezas. Desterrai esse mau pensar; Inesita vos ama; não o viu ontem na cavalhada quem não quis ver.

Estácio pôde a muito esforço disfarçar a sua dor e ocultar a certeza de sua desventura, para não magoar o amigo. Calou-se pois dando mostras de consolado.

Sobreveio com pouco novo sono ao enfermo. Estácio contemplou um instante o amigo adormecido, e afastando carinhosamente os anéis de cabelos, beijou-o na fronte.

Gil alerta ouviu os passos do cavalheiro, e dispôs-se logo a acompanhá-lo. Partiram ambos sem despedirem-se da Mariquinhas dos Cachos.

— Vamos a Nazaré, Sr. Estácio? perguntou o pajem.

O mancebo respondeu com um gesto afirmativo.

— E o vosso cavalo?

— Não é preciso.

Rompia então a alvorada. As lindas colinas que formavam naquele tempo a cintura da cidade, debuxavam-se no horizonte aos toques da luz matutina. Dos campos e dos bosques se elevava esse jubileu sublime, que anuncia em nossa terra o nascer do sol.

Estácio, submergido em sua consciência, não se apercebia desses esplendores da natureza tropical. O projeto sinistro que ele formara na véspera ao sair do sarau, e do qual o distraíra a aflição de ver Cristóvão malferido, de novo se tinha apoderado de seu espírito.

Mas, neste momento, aplacado o primeiro ímpeto da paixão, o mancebo tinha a calma necessária para refletir.

O recente perigo de Cristóvão lembrou-lhe que tinha um amigo, um irmão, a quem sua vida ainda podia servir outra vez, como servira aquela noite. Depois pensou no desgosto que sua morte causaria ao bom Vaz Caminha, a quem pagaria com a ingratidão o amor e benefícios que dele recebera. Finalmente recordou-se do empenho sagrado que na véspera contraíra com a memória venerada de seu pai, injustamente condenado.

E foi assim que o desastre acontecido a Cristóvão de Ávila trouxe esse bem de salvar a vida de Estácio Correia, impedindo-o de correr ao desafio com o alferes, para trespassar-se na sua espada.

Contudo ainda o mancebo esteve em risco de tornar à sua ideia, quando ouviu ao longe um alegre descante, resto das folias da noite. Este eco das festas, que para ele haviam sido tão desventuradas, veio avivar-lhe todas as recordações que apenas começavam a adormecer.

Entretanto João Fogaça tratava de desempenhar-se da incumbência que recebera.

A advertência de Estácio e o pedido de Cristóvão o tornaram prudente e o demoveram da ideia em que estava de ir ao terreiro de D. Luísa buscar seu varapau e com ele por desfastio escovar o pelo a algum dos mariolas da casa, se o apanhasse desgarrado. Adiado para mais tarde este gosto, fez-se na volta de Nazaré.

Daquelas bandas ficava o pouso onde costumava arranchar sua companhia composta de cem índios, e onde a deixara na véspera sob as ordens de Antão Pereira, seu cabo, quando entrou na cidade para acudir ao emprazamento da ceia em casa da Mariquinhas.

Fogaça não era homem de palavras, nem de reflexões; sua força estava na ação. Essa era pronta, decidida e inspirada pelas circunstâncias do momento; então um instinto maravilhoso guiava-lhe o pensamento e o braço. Se fosse general, só ganharia batalhas à Marengo.

Sem inquietar-se dos meios de que ia servir-se para chegar ao resultado, curou unicamente de armar-se dos instrumentos necessários à empresa. Era isso o que o levava ao rancho.

Entre os selvagens de sua companhia, havia três que formavam seu estado-maior, porque sempre e em qualquer empresa que cometesse, os trazia a seu lado.

Um deles via de dia ou de noite um inseto voar em distância onde qualquer outro de vista regular não descobriria um pássaro. João Fogaça o chamava pura e simplesmente Olho, e com razão, porque era o único órgão inteligente que se distinguia nessa natureza bruta.

O segundo selvagem ouvia na distância de dez passos o roer da lagarta na folha da imbaúba, e distinguia no vasto rumor da mata-virgem a qualidade e a distância de todos os sons que formavam o surdo concerto das selvas. Pela mesma razão que o outro, esse foi apelidado Ouvido.

O terceiro porém era ainda mais admirável; bastava-lhe pôr o nariz ao vento e aspirar uma baforada de ar, para conhecer que pessoas ou coisas estavam naquele momento dentro do largo círculo de seu olfato, ou por aí tinham passado nos dias anteriores. Se lhe dessem a cheirar um molho da relva pisada por animal, ele diria incontinenti a espécie, se bruto, e qual a família; se homem, qual a raça, europeia, africana ou brasileira; e precisaria o tempo em que por aquele lugar passara. Esse acudia ao nome de Faro.

Coletivamente João Fogaça os chamava seus três sentidos de sobressalente.

Chegado ao rancho o capitão de mato, entendeu-se previamente com seu capataz,

sujeito que formava com ele perfeito contraste; tanto tinha um de avolumado, quanto o outro de exíguo. Aquele era a pachorra caracterizada; este tinha azougue na medula.

— Careço de estar estes tempos na cidade, Antão; deixo-vos pois a gente bem recomendada.

— Este que aqui está, João Fogaça, já aguentou o arranco de uma maruja insubordinada!... Se vísseis como a tentei à força de calabrote! Nem piava!...

— Bem sei com quem lido; e por isso não vos dou mais jurisdição, do que a de amarrar o que mal proceder; o mais fica por minha conta.

— Torno a dizer-vos, Fogaça, poupais muito o pelo a esses malditos caboclos!

— Pudera não; se é esse pelo que me cobre a pele!...

— Por isso mesmo; é bom trazê-lo escovado.

— Sobre isto basta. Vamos agora a certa combinação necessária. É bem possível que eu tenha necessidade de comunicar-me convosco de um momento para outro; de caminho irei postando a distância os escutas para que no caso de necessidade o aviso vos chegue sem tardança. Esse aviso será além dos mais que já sabeis: ou que preciso de vós em pessoa, ou que preciso de um, dois, até os cem caboclos. No primeiro caso ouvireis gritar a saracura.

E o capitão de mato imitou o grito da ave; depois deu ao grito uma modulação imperceptível para distingui-lo do primeiro, e significar conforme a sua repetição o número de homens. Finalmente o canto cheio do pássaro equivaleria a dez!

— Portanto, concluiu o capitão de mato, se ouvirdes a saracura cantar assim dez vezes, correi todos em meu socorro.

— Estamos cientes! disse Antão.

João Fogaça voltou à cidade com os seus três sentidos de sobressalente e mais alguns índios, que foi deixando pelo caminho, na distância de muitas braças um do outro. Chegando defronte da casa de D. Luísa, parou fazendo um sinal aos três índios para que se aproximassem; as três cabeças inclinaram logo, cada uma de seu modo a fim de aproximarem do senhor a parte mais nobre e inteligente; a de Olho, direita, encarando em frente; a de Ouvido, pendida para escutar; a de Faro, empinada ao vento.

— Estão vendo aquela casa?... Quero saber tudo que se passar dentro dela e ao redor!... Ora, pois, à noite cá voltarei!...

As três figuras de quadrúmanos afastaram-se, tomando cada uma forma diversa; uma grimpuou ao cimo da árvore mais alterosa do circuito; as duas outras, pondo-se a barlavento da habitação, uma embolou-se entre as moitas como um tatu, a outra escorregou de galho em galho como uma preguiça.

### **XXIII - Cavalarias altas do Doutor Vaz Caminha.**

Ao separar-se de Estácio na Rua de Santa Luzia, o licenciado seguiu para a casa da dama desconhecida, guiado pelo negro Lucas.

Passada a porta de São Bento, havia à beira do caminho uma casa que tinha de um e outro lado grande quintal, coberto de vasto arvoredado. As ramas das goiabeiras tinham invadido as duas extremidades do alpendre, de modo que não se via senão duas janelas de rótulas no centro.

A porta principal da casa, que ficava a um dos lados, parecia condenada desde muito, pois estava oculta pela ramada e coberta de limo. De feito, muitos anos havia que não se tinha aberto para pessoa alguma; o serviço da casa fazia-se pela entrada interior, que do quintal comunicava com a rua por uma cancela.

Como essa cancela ficava muito distante do oitão, e abria-se no meio de uma cerca bastante extensa, não era fácil conhecer se dava entrada para a casa misteriosa, que parecia abandonada, ou para alguma outra que houvesse dentro do quintal.

Lucas, deixando o doutor no alpendre, abriu a cancela e dirigiu-se à casa por um caminho tortuoso e estreito, que passava entre o arvoredado copado e as toijas de bananeiras.

O Doutor Vaz Caminha, desde que saíra da taverna do Brás Judengo, vinha parafusando, já no mistério deste chamado, já na conversa que surpreendera na adega entre o negro e o taberneiro. Ainda que o primeiro ponto devia ocupar muito mais seu espírito, como aquele que diretamente o interessava, ele não podia arredar o pensamento do plano concertado para o roubo do tesouro enterrado; e cogitava se não estaria involuntariamente envolvido nessa trama.

Agora, parado ali no alpendre da casa, onde provavelmente jazia o tesouro, aquelas preocupações voltavam, e com maior intensidade; pelo que o doutor examinava o edifício e seus arredores com uma atenção minuciosa. Pareceu-lhe distinguir uns vultos que se esgueiraram pela cancela, logo depois da passagem de Lucas; e erguendo-se na

pontinha dos pés, tentou ver através da cerca a direção que tomavam.

Neste momento porém a chave rangeu na porta grande da entrada, e voltou à direita e à esquerda, mas debalde; a ferrugem tornara perra a fechadura. Depois de grande esforço a porta abriu-se afinal e correu sobre os gonzos gemendo; algumas víboras escaparam-se das fendas carunchosas, e a luz interior coou mortiça através das folhagens.

Vaz Caminha penetrou na casa; e a Brásia, que lhe abrira a porta, o conduziu a uma sala outrora ricamente adereçada, mas já então usada pelo tempo e desbotada do antigo luzimento.

Uma dama erguera-se do coxim a que estava recostada para vir ao meio da sala receber o doutor. O traje era de viúva; a beleza deslumbrante. Quem lhe via a mimosa e gentil feição, a julgava na primeira flor da juventude; mas reparando, descobria-se uma névoa ou sombra, como nas imagens de santas, a embotar o viço da formosura.

Naquele tempo havia destas flores de claustro, floridas sem brisa, nem sol; mas esta, não a desmaiara o gélido crepúsculo das naves, senão talvez que a crestara o sopro ardente do mundo.

Este constante volver d'alma para dentro de si mesma, quem já o exprimiu? Quem sabe o que há aí, no âmago, que assim confrange a vida? Será um santo êxtase de amor e fé, e também pode ser o acre prurido de úlcera profunda.

A dama, depois que saudou o advogado, indicou-lhe uma cadeira de espaldar que estava fronteira; junto ao coxim havia sobre o velador da Índia uma bolsa cheia de ouro, posta em salva de prata.

— Desculpai-me o desarranjo que vos causei, meu senhor, e a mesquinhez da paga. Outra de mais valia vos guardarei eternamente em meu coração pela generosidade que houvestes com uma dama desconhecida.

Ao proferir destas palavras com a voz trêmula e leve acento castelhano, a dona tomara a salva do velador e a pouco e pouco, resvalando pelo coxim, estava de joelhos sobre a almofada no momento de oferecer ao advogado a espórtula dos bons ofícios que dele esperava.

Nunca remuneração de um serviço foi mais generosa, nem com mais delicadeza oferecida. O doutor confuso ergueu a dama e deitou a salva em cima da banquinha.

— Não fiz mais que o meu dever, senhora minha, e dou-me por bem pago com prestar-vos tão pequeno serviço.

— Sois rico e muito de saber, sr. licenciado, mas se não me enganaram, reduzido nos bens da fortuna que o acaso acumulou em minhas mãos. Demais, tendes com quem repartir, enquanto que eu estou só no mundo.

— Quem tenho eu, senão uma pobre irmã, que de bem pouco precisa para encher os últimos dias?

— E um afilhado e discípulo a quem estimais como filho.

— Estácio?... Ah! esse é como outro eu!

— Tanto o prezais!... Pois recebi para ele o que para vós recusais. Trocando uma parte mínima de sua abastança por toda a vossa opulência de saber, é esta vossa serva quem ainda vos fica restando.

— Basta, senhora minha; vejo que vossa generosidade é das que não se deixam vencer da recusa, antes dobram e avultam com ela. Recebo a tão fidalga retribuição; mas como letrado somente. Se outra foi vossa ideia chamando-me, dissei-o logo, para que me retire.

— Ah! não... podeis ficar sem receio.

O advogado não hesitou mais e beijou a mão da dama; esta prosseguira:

— Haveis de escusar, senhor doutor, a hora e estranheza deste emprazamento, tão fora dos vossos hábitos; mas além de que tinha razão de segredo, como vos adverti no meu recado, acresce que sou espiada. Sabereis logo por quem, e qual o motivo. Assim não achei melhor ensejo para falar-vos do que esta noite de folgedos, em que todos andam distraídos com a festa.

— Vejo que se vosso caso é grave, senhora, vossa discrição está na medida dele. Podeis expô-lo.

A dama recolheu em si e parecia agora no momento de abrir os refolhos de sua alma, presa de um enleio que lhe tolhia a palavra. Era o pudor de uma angústia, ainda não desflorada pela curiosidade ou mesmo pela compaixão de estranhos, mas até então recatada nas profundezas d'alma.

— Quando vos aprover, senhora, estou pronto para ouvir-vos, disse o velho animando-a.

A dama começou trêmula:

— O para que vos roguei, sr. licenciado, é em verdade mais do que uma consulta, pois é uma confissão. O que espero de vós, não é só conselho, senão também amparo e proteção ao meu desvalimento. Isto bem sei que não se paga com ouro, mas suplico eu

como esmola.

— Proteção, dar-vo-la-ei, senhora, não minha; mas a da lei e justiças de El-Rei. Quanto ao mais podeis falar; meu ministério é um sacerdócio também.

— Não esperava menos de vossa bondade.

— Contudo de uma coisa devo prevenir-vos. Se com a vossa revelação tendes em vista antes um conforto para o espírito, do que um remédio a agravos dos homens, melhor vos serviria um ministro da religião, do que um ministro da lei. Tão seca e áspera é a palavra deste, como a daquele suave, branda e insinuante.

— Nunca!... Deles nada quero! exclamou a dama com um gesto de horror, que surpreendeu o velho advogado.

— Teríeis a desgraça de não ser cristã, senhora? perguntou o velho com um tom compassivo.

— Mas ouvide esta desventurada, senhor meu, que tudo entenderéis. Cristã nasci e... e sou ainda.

Passado um instante, em que a dama recobrou-se da comoção que sofrera, dirigiu-se de novo ao advogado.

— Talvez tenha chegado à vossa notícia o nome de meu pai, D. Ramon Salas?

— Castelhana?

— De Andaluzia. Fazem nove anos que nos passamos ao Brasil. Logo depois de nossa chegada, meu pai fez uma entrada no sertão, donde trouxe avultado cabedal em pedrarias de diamante, que ocultou em lugar seguro. Para mim o destinava ele, que para si não queria mais felicidade do que a de sua filha!... Pobre pai! Finou-se sem ver o termo de minhas desditas!... Eu que tanto esperava dessa riqueza, não sei agora como use dela! E às vezes já me cansa defendê-la contra a cobiça alheia.

— Alguém é sabedor dela, pois a cobiça?

— Foi público e notório o lucro que meu pai tirou de suas explorações no sertão. Parece que também esta nova chegou ao Colégio dos Padres, pois o reitor não tem cessado de instar comigo para fazer esmola ao seu Instituto dos cabedais que herdei. Deixai que vos diga; sinto por tudo quanto veste o hábito negro da Companhia um ódio entranhado; mas ele também é jesuíta!...

— Ele?... interrogou o doutor.

A moça calou-se de novo, absorvida em suas mágoas. O velho contemplava-a perscrutando-lhe o pensamento na expressão da fisionomia. De repente ergueu a fronte, surpreso. Inclinando o ouvido à escuta, percebeu um surdo rumor que saía do chão e parecia vir do lado a que dava ele as costas.

Voltando-se, percorreu de um olhar rápido essa face interior da sala. Rasgavam a parede três portas; uma pela qual entrara, à direita; outra, à esquerda, velada por um reposteiro; a do centro mais larga, em ogiva, rematando em uma cruz de madeira embutida no cimento.

Circulando o aposento, observou mais o doutor que a parede, onde encostava o camarim, abria janelas para o oitão da casa, justamente do lado da cancela, por onde vira pouco antes esgueirarem-se os vultos suspeitos.

Este rápido exame da topografia do edifício confirmou o advogado nas suspeitas que o tinham assaltado em caminho. A conversa que pela manhã ouvira na adega do Brás Judengo; a circunstância de ser Lucas escravo da dama; os avultados cabedais que Ramon havia trazido do sertão em diamantes, e que ocultara em lugar seguro, como pouco antes referira a filha; tudo se combinava agora.

— Não há duvidar!... pensou Vaz Caminha. Aí está o oratório no centro; o camarim da senhora, aqui, no oitão... O Brás foi expedito; não quis perder tempo. Aqueles vultos, que lobriguei na cerca ao chegar, são os acólitos do Judengo, encarregados de fazer a mina. Este rumor subterrâneo é eles que estão cavando.

O advogado teve um impulso de revelar imediatamente à dona o perigo em que estava o seu tesouro, mas lembrando-se que não era possível abrir em uma só noite a mina precisa para chegar ao oratório, conteve-se para não assustar a dama; e propôs-se a ruminar mais tarde o caso, na esperança de descobrir algum meio de burlar os ladrões sem dar rebato de seu projeto.

A voz da moça interrompeu-lhe a cogitação:

— É tempo de contar-vos a minha história, e dizer-vos que infortúnio é o meu, tão cruel como talvez nenhuma outra mulher o tenha sofrido; pois ver morrer o esposo, não é decerto tão duro golpe como aquele que a sorte mofina me reservou, de ver-me viúva, não o sendo, e proibida de amar aquele que me pertence, porque Deus, que mo deu, o tomou para si.

Vaz caminha recolheu-se atento, e esperou que a dama lhe explicasse o enigma daquelas palavras.

**FIM DA PRIMEIRA PARTE**

**Texto enviado pelo colaborador voluntário Luis Gabriel Moraes Dias  
(11) 4031-1815**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)